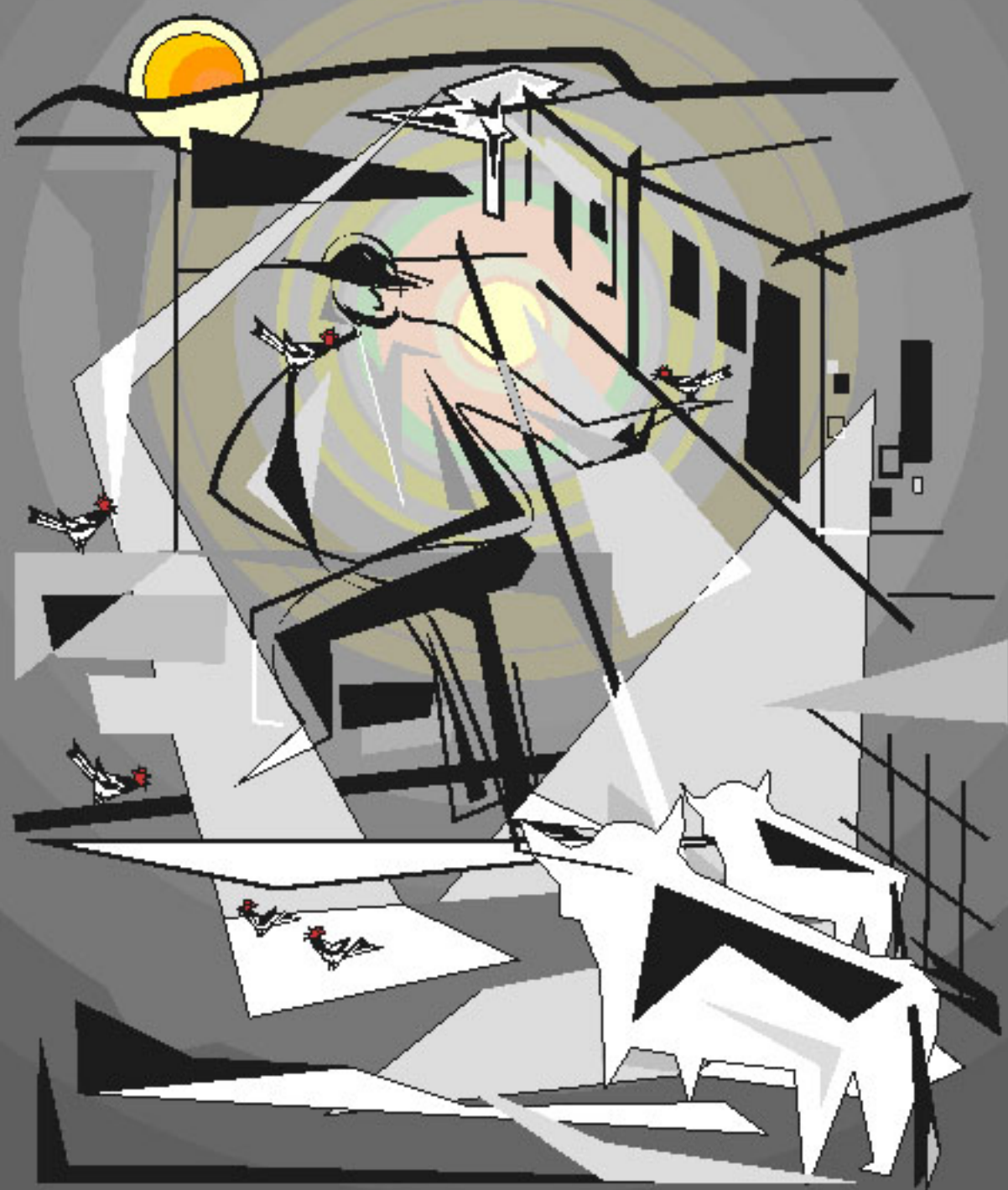


# O Profeta do Jordão

Romance



**Carlos Araujo**

# O Profeta do Jordão

Editoração eletrônica:  
***Carlos Araujo***

Capa:  
***Lamartine Araujo***

**Revisão:**  
Dr. ***David Souza Quinteiro***  
Jornalista ***Fernanda Simões Braga Araujo***  
Professor ***Edvaldo Joaquim Pereira***

**Carlos Araujo**

# **O Profeta do Jordão**

**SCOR**  
Editora  
**TECCI**

**Copyright© Carlos Araujo Monteiro**

4942/1 – 500 – 280 – 2009

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(a) autor(a),  
proprietário(a) do Direito Autoral.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Araujo, Carlos

O profeta do Jordão / Carlos Araujo. --  
São Paulo : Scortecci, 2009.

ISBN 978-85-366-1515-8

1. Ficção brasileira I. Título.

---

09-05669

CDD-869.93

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

## A g r a d e c i m e n t o s

Devo agradecer a estes leitores especiais que empregaram horas preciosas de seu tempo para fazer a apreciação crítica e a revisão deste romance:

**Aliomar Joaquim Pereira**  
**Dilton Aécio Rodrigues de Oliveira**  
**Dr. David Souza Quinteiro**  
**Edvaldo Joaquim Pereira**  
**Fernanda Simões Braga Araujo**  
**Jusilta Benedito Pereira**  
**Lamartine Araujo**  
**Mônica Simões Braga Araujo**  
**Raimundo Almeida Sales**  
**Reginaldo Pereira dos Santos**  
**Renaildo Pereira dos Santos (Reizinho)**  
**Vitória Rodrigues de Souza**

Devo agradecimento também a **Valdiney Monteiro**  
por inspirar o título deste livro.

Se este livro tem alguma valia, parte dela deve-se às incansáveis revisões, de nove meses de trabalho, do professor Edvaldo Pereira. Como ele mesmo diz em sua resenha: “em memoráveis tardes, na ante-sala de sua residência, algumas consumidas em calorosas discussões, muito aprendemos”. A ele, minha eterna gratidão.

## Sumário

Fortuna Crítica.....	9
“Sabedoria, quando é demais, vira bicho e come o dono”.....	23
Com todos os ipsilones e noves fora.....	33
Vamos jogar com a verdade.....	43
Então entrega este a Jesus.....	49
Já ouviu falar em geração Baby Boomer?.....	53
Versão moderna da Caixa de Pandora.....	59
Zequinha Barreto! Quem é?.....	65
José Campos Barreto está preso.....	69
A tarde já era ocaso no porto de Pirapora.....	73
A fim de botar as idéias em alinhô.....	79
Zequinha ia lendo os apontamentos de Daniela.....	85
Chico Prosa, decano da tripulação.....	91
Música não é barulho, meu jovem!.....	97
Não há nada mais traiçoeiro do que o futuro!.....	103
Ela é sua filha mais legítima.....	109
Saí de São Paulo em missão de estafeta.....	115
Uma das predições do Profeta do Jordão é o mote.....	121
O primeiro livro agendado por uma profecia.....	129
Muita vez a versão prevalece sobre o fato.....	135
Como se fosse um mau agouro.....	141
Ojuara Caicó e Edilberto Lonetão.....	145
Falta assunto para o romance e o livro empaca.....	155
O argumento definitivo para retomar sua obra!.....	161
O reflexo do sol nas maretas do Velho Chico.....	167
Lamarca em tempo algum concordou com o golpe militar.....	175
Zequinha Barreto era dirigente da VPR!.....	181

A massa não pensa, ela precisa de um líder.....	187
Foi aí que surgiu a idéia de roubar o cofre de Adhemar de Barros....	193
Talvez não haja próxima vez, Noell.....	199
Carlos Lamarca parou para pensar sobre a realidade.....	205
O cerco estava se fechando, a cada dia.....	211
Já diziam que sua captura era dada como certa.....	219
Uma peça que se encaixa em nosso quebra-cabeça.....	225
Desgraçadamente, o Velho Boa estava certo!.....	231
Seu Zé Barreto não conhecia mesmo aquele homem.....	237
Foi terminar a frase e ser arrastado debaixo de pancadas.....	245
Os agentes já estavam desanimados.....	251
A profecia será consumada e revelada por inteiro.....	255
“Capitão, os homens estão aí !”.....	263
O presente não repetiu o passado?.....	269
Bibliografia.....	277
Contatos com o autor.....	278



# Fortuna Crítica

Por David Souza Quinteiro

Não tenho dúvida de que o “Profeta do Jordão” inculca questionamentos sobre coincidências felizes e infelizes nos anseios políticos da sociedade brasileira, principalmente na região em que a arrogância dos coronéis, ainda mesmo rarefeita, persiste ameaçando a sociedade civilizada.

As lutas sociais de resistência e de conquista relacionadas ao poder no Brasil têm o timbre determinado pelo caráter da presença e da falta do Estado na vida de cada cidadão e de cada cidadã.

O “Profeta do Jordão” chama atenção para a coincidência de fenômenos políticos e sociais de organização paramilitar nessas lutas regionalistas, de poder paralelo, quer agindo como substituto do poder oficial (público), quer com a finalidade de restaurar a democracia na relação entre Estado e a sociedade em geral (regime de governo). Assim se viram personagens históricos de pequenas histórias, como os coronéis de patente Militão Rodrigues Coelho e Horácio de Matos, na primeira quadra, José Campos Barreto (Zequinha) e o Capitão Carlos Lamarca, na última quadra do Século XX.

Afora díspares características das relações de família e amorosas entre protagonistas (personagens principais do romance) que têm a valoração de cada época, o “Profeta do Jordão” também aponta coincidências históricas de motivação (política) e de localização (Chapada Diamantina) na luta entre aqueles coronéis, inimigos capitais entre si, pelo poder regional, para determinar a reaproximação deles mesmos em vida, como se reencarnados e convertidos amigos inseparáveis, nas pessoas de Zequinha e de Lamarca. Ambos então, juntos na luta de resistência ao regime

militar, morrem sob olhares da mesma gente que testemunhara as lutas dos coronéis no passado de trint'anos, quando o mesmo regime lhes havia garantido as patentes de coronéis do sertão baiano.

Como essas coincidências, outras são traços sugestivos de arrepiante leitura em cada parágrafo. Em o “Profeta do Jordão” existe também a moça Dani, estudante universitária paulista, filha de pai austero, intransigente sectário do regime militar, que se converte numa entusiasta resistente a tal regime, passando a viver na clandestinidade ao lado do namorado. Por isso, eles ficam distantes um do outro durante anos para o destino levar o jogo amoroso de São Paulo ao palco da militância armada de Horácio de Matos e Militão Rodrigues Coelho.

São momentos curiosos nesta edição: o namorado raptar a *striper* que chega de Vapor para se exhibir no brega de Ibotirama; as estórias e cantorias de viajantes dos Gaiolas a Vapor do Velho Chico; a predição de assoreamento do Rio São Francisco pela extração da madeira queimada nos grandes fornos dos Gaiolas; a cibernética ou tecnologia da computação, como revolução na comunicação à distância aqui no Brasil; a automação como causa de desemprego no mundo. Tudo isso, e muito mais, estão nos 40 capítulos de “O Profeta do Jordão”. Abre cancha ainda a reflexões de que maneira e o que seriam simples protestos pela vida de atraso, de misérias, de carências, inclusive do Estado brasileiro, na vida humilde dos sertanejos, tudo isso possa se converter, através da magia de capturar pássaros de Manoel Aleijado, lá na Lagoa do Jordão, nas profecias do Velho Boa, para conduzir o escritor Carlos Araujo ao papel de personagem importante da própria trama, *al final*, na figura de Noel Serafim.

Assim que se vira a última página, creio, ninguém consegue fechar os olhos sem querer dar explicações para tão intrincadas coincidências no confronto de cada acontecimento, de cada narrativa, amorosa, política, espiritual e social, de épocas

diferentes. O autor sugere e instiga à crítica concluindo que, no campo espiritual, as diversas carências unem os homens de tempos, de épocas e de feições distintos, nas diversas lutas existenciais. É a espiritualidade de “O Profeta do Jordão” através da qual o leitor pode identificar personagens e histórias interessantes, como por exemplo, o escritor ser possivelmente localizado com o codinome de Noel Serafim em isolados e intrigados instantes capitulados. São brilhantes revelações, por que recomendo a leitura de “O Profeta do Jordão”. Então, a Carlos Araújo registro Meus Parabéns e Agradecimentos ao me incumbir pela tão honrosa missão de resenhar esta obra.

n.a. – O Dr. David Souza Quinteiro é bacharel em direito e advogado.

Por Vitória Rodrigues de Souza

No romance “O Profeta do Jordão”, o escritor Carlos Araújo nos faz viajar por vários recantos do Brasil, na época da Ditadura Militar. Ele sai de sua terra natal rumo à grande São Paulo; daí então, sequenciando os seus relatos de forma sedutora e escorreta, envolve um argumento que fora alvo do interesse de todo o povo brasileiro: O Capitão Carlos Lamarca e Zequinha Barreto.

Concluí a leitura do livro abalada. Saudades?! Não... Lembranças tristes, momentos de medo e de insegurança, pois, por desconhecer a razão dos fatos, eu não conseguia distinguir bem a “caça do caçador”. Depois de buscar entender um pouco mais dos seus ideais, pude perceber que Lamarca fora arrebatado precocemente, sem alcançar os seus intentos de liberdade e igualdade para todos. É bem verdade que o povo continua olhando

aleatoriamente para o que acontece ao seu redor, até para se solidarizar com aqueles que lutam por causas afins.

Há algum tempo, comentando e relembando a visita que Lamarca fez à nossa casa, minha irmã Jacira recordou o que eu lhe havia dito: que o Capitão Lamarca iria ser configurado um dia como personagem marcante da História do Brasil.

Mas, o escritor Carlos Araujo, além de discorrer sobre esse tema sócio-político, ainda mergulha em fatos que aguçam lembranças boas que estavam arquivadas no relicário do nosso coração. A exemplo das viagens nos “vapores” que, amparados no belo quadro do Rio São Francisco, deslizavam em suas águas serenas, por entre pedras e gramas, fazendo em cada porto a alegria do povo ribeirinho.

E mister se faz iterar: Carlos Araujo desempenhou mais um belo trabalho literário que mexe com o coração de quem o lê, despertando emoções diversas, como fez comigo. É um romance fantástico, que vale a pena ser lido e saboreado até a última palavra.

n.a. - Vitória Rodrigues de Souza é professora

Por Edvaldo Pereira

“Noel não será fim”

A narrativa desenvolvida pelo autor em “O Profeta do Jordão”, dos contrafortes da Chapada Diamantina às barrancas do Velho Chico, nos cativa por seu conteúdo diversificado e nos emociona, na rememoração de fatos relacionados onde, por vezes, nos colocamos involuntariamente como protagonistas.

A princípio, defrontará o leitor com cenários montanhosos de escarpas abruptas, depois, com altiplanos de baixa vegetação, que se torna cinzenta periodicamente, lembrando a descrita em “Os Sertões” de Euclides da Cunha; às vezes, carrancudos ou melancólicos, nem por isso, dos cenários nordestinos brasileiros, entre os mais decantados, os mesmos que o autor explorou em Milagre na Chapada e em O Dono do Santo da Chapada.

Sua inspiração, contemplada pelo frescor dos brejos de Ipupiara, adubada pelos carinhos e afetos de sua Mãe Lina, lhe dando proteção e guarida, ainda nas quimeras de franzino Noel Serafim, floresceu em seu amor pelo torrão natal, como o de Casimiro de Abreu, abortado nos versos: “Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha”.

Linguagem fluente, lembrando a usada por Paulo Setúbal, prenderá o leitor do início ao fim, numa saga que é um mosaico do real, com matizes de ficção. Nela, parece-nos querer o autor fazer um culto aos nossos antepassados, uma referência aos caminhos por onde os colonizadores atingiriam o “Bom Jardim da Rica Flor”. Os mesmos dos currais, no desbravamento das terras de Joana Guedes de Brito; por onde, numa outra aventura, também passariam Zequinha e Lamarca, como se fosse aqui, esse país continental, uma Cuba de Fidel Castro e Che Guevara. Por fim, o leitor terá lampejos da história do Brasil, como os ocorridos da década de JK aos estertores da Ditadura.

Seus personagens, os mais diversos, serão também outro convite à leitura. Entre tantos, os reais: – como Espirro de Grilo, o “Valdir”, pé-de-bodega, nosso aluno no Colégio São João, em Januária-MG, nos idos de 1960. Com suas metáforas ia até pelo latim adentro e, em certas alturas da conversa, se exhibia: - “Fecundicalices quem non fecere disertum, doctor” (depois de beber cada um dá o seu parecer), ou quando advertido: – “Abusus non tollit usum, sô” (o abuso não impede o uso); Pedro Sassarico – que, com seu CPS, marcou ponto no folclore da cidade,

primeiramente, na Rua Manoel Novais, ou “Não Vais” como recomendariam as zelosas e respeitadas esposas aos seus assanhados maridos. O episódio, motivo de muitos desenlaces, poderia até ter tido solução, com o deslocamento do CPS para bem longe da zona urbana, onde se situa hoje a Rua Paratinga. Porém, foi em vão. Mesmo ali, perdido no meio do macambiral, entre marmeleiros, num caminho de mão única, os acostumados ainda lá iam visitar suas Anas Cléias, mesmo transpondo “serra”, em brumosas noites de “neves”;

Os fictícios – como os irmãos univitelinos Nilson e Nilton que, pela inapetência ou esterilidade do primeiro, incitou o segundo a visitar sua esposa no leito conjugal, na noite de núpcias, vez que o mais importante na época era uma resposta à sociedade, tudo sob a magia e sapiência do Velho Boa, radicado nos grotões da Chapada Diamantina;

Os enigmáticos – como o Nego D’água do São Francisco. Tal qual a fumaça de seu cachimbo de barro, os dois fugitivos, Zequinha e Lamarca, se perderiam na imensidão da noite, enquanto um misterioso vulto assobiava, a engrossar os lábios, no final do cais do porto da cidade, e só apareceriam na Pintada, alguns dias depois.

Em outros personagens envolvidos na trama, como Chico Prosa e João Vigor, que singravam as águas do Velho Chico no Benjamim, o autor nos traz à lembrança as figuras dos primeiros estudantes de Ibotirama, que se destinavam a Januária-MG, ou à Cidade da Barra-Ba, em busca de colégios.

Quanto a familiares de Zequinha Barreto - da truculência como foram tratados, a exibição dos corpos em praça pública, vimos uma expressiva corroboração do autor à tese da “reprimitivização de costumes”, sustentada por J.G. Ballard, em “O Reino do Amanhã”, que admite o aprofundamento hoje, de todos os tipos de violências e barbáries, principalmente nas grandes cidades.

Por fim, em memoráveis tardes, na ante-sala de sua residência, algumas consumidas em calorosas discussões, muito aprendemos. De sua qualidade peculiar de teimoso e de minha oportunidade de mais tempo como revisor, me foi muito divertido. Marcaram-me sobremaneira algumas passagens, por exemplo, quando por discordar, ou por dúvidas em aceitar, ele falava: ‘DEPOIS VOU VER’ – ou então, ‘MAS EU QUERO É ASSIM’. Asseguro, contudo, dificilmente percebível, ficou na obra muito pouco de o “EU QUERO É ASSIM”, que negue a beleza e o estilo em “O Profeta do Jordão”.

Aí está, prezado leitor, mais uma obra de Carlos Araujo, em que nos parece, ainda desta vez – “Noel não será fim”.

n.a. - Edvaldo Joaquim Pereira é professor

Por Aliomar Pereira

É por demais gratificante a leitura desta obra.

O seu ritmo vai levando e trazendo o leitor de um fato para outro, ao tempo em que esses fatos vêm e vão, com a naturalidade da vida. Cada referência vem ao seu tempo e dura o necessário para se fazer entender.

Também, como se dá na vida real, há alguns fatos que acontecem, passam e, dada a sua clareza, cremos ter entendido. No entanto, só depois é que entenderemos, realmente. E isto a gente vai perceber que é proposital, pois o autor vai tomando o cuidado de não antecipar o que, logicamente, deve ser surpresa. O que nos mostra que ele conduz a história com maestria própria de quem sabe o que faz e deixa patente o gosto com que o faz. Vai ligando, com incrível simplicidade e precisão, todas as idéias dos

vários autores que ali são apresentados: O Velho Boa, Noel Serafim, Chico Prosa, Dani, a moça dos manuscritos, cada um e outros que entram na narrativa para dar sua contribuição.

Com muita alegria ressalto uma passagem. E o faço porque, para mim, tem uma significação de extrema importância.

No Capítulo 23, o narrador faz referência a um momento que acho ímpar, em se tratando de Ibotirama e sua história, seus artistas, poemas e canções.

Além da obra citada, a canção “Chegada”, que pode perfeitamente ser vista como um resumo de toda a trama, ali está retratado um instante de grande beleza, marcando a presença de uma figura lendária em nosso meio sócio-artístico-cultural: Silvio Araújo, O Dolé.

Defino, também, como mágico o laço que ligou nosso Dolé a Zequinha Barreto. Duas figuras sagradas que não podiam mesmo deixar de se encontrar. Vê-se pelo que os dois fizeram juntos. E Carlos Araújo é preciso neste misto de magia e beleza, quando descreve este acontecimento.

No seu contexto geral, O Profeta do Jordão nos ajuda a ver que nada, nada mesmo, acontece por acaso. O acaso nem existe.

Chegamos a definir caminhos, escolher momentos, objetivos, mas sempre inspirados por algo que faz sua interferência, a partir de nossas próprias vontades, para nos levar em direção de um destino muitas vezes imprevisível, indesejado, mas, que não seja decisão de ninguém, senão de nós próprios.

Muitos dizem que é Deus que quer. Quem é Amor vai querer que nós sofram? Não! Não seria Amor, seria sadismo. Quem é Perfeição, vai querer que nós erremos? Também não. Deixaria de ser Perfeição, pois estaria brincando conosco.

Toda verdade está em nossa própria consciência, onde se encontram escritas as Leis Divinas. Em virtude disto, este Destino que traçamos, a partir de nossas escolhas e atitudes, e por isto se diz que nós o escolhemos, nos leva a colaborar para que a Vontade



Suprema aconteça, conduzindo-nos ao Bem. Mesmo que seja através da dor, do amor, ou do tanto faz... Nós plantamos. E vamos colher. Nós, portanto, é que escrevemos nas linhas do nosso destino, com as letras de nossas vontades e atitudes, o que queremos que aconteça depois.

A Vontade Cósmica nos orienta para fazermos ao outro aquilo que queremos seja feito a nós. Então, o que fazemos ao outro implica que irá acontecer conosco. Se nós sabemos disto e fazemos, então estamos escolhendo voluntariamente o que há de nos acontecer. Pois o fazemos aos outros... E nos acontecerá. Talvez mais tarde, talvez nem tanto... Mas tudo volta à tona na hora propícia. Apenas com o intuito de nos propiciar benefício na escala do progresso espiritual. Ajudando-nos a nos ajustar com as Leis Divinas, contra as quais tenhamos falhado.

Carlos Araújo, neste livro, não parece estar pensando para escrever. Parece estar realmente copiando de um caderno invisível para nós, mas tão palpável para ele que o faz aparecer no texto.

n.a. - Aliomar Joaquim Pereira é diretor de teatro e ator

Por Reginaldo Pereira

Garimpendo letras, histórias e lendas, nos garimpos da Chapada Diamantina e do Velho Chico, Carlos Araujo bamburrou! De calumbé a calumbé, foi desenterrando pedras, lapidando pérolas e criando jóias.

Em “O Profeta do Jordão” o autor se confunde com personagem e funde história com ficção.

Dono de memória prodigiosa e baseado numa pesquisa histórica profunda, Carlos Araujo mais uma vez nos convida a

conhecer fatos que parecem fotografias nas lembranças daqueles que os viveram.

Não há como não se emocionar ao ouvir as músicas das serenatas, das rodas de violão, do Lá Vai Samba, dos personagens, presenças ainda vivas nas nossas memórias. Do CPS ao burburinho à boca pequena, da guerrilha e repressão, que por aqui ficou a marca.

A obra de Carlos Araujo é primordial para qualquer leitor e obrigatória para todos de Ibotirama e região.

n.a. - Reginaldo Pereira é poeta

### Por Reizinho

Foi um enorme prazer ter lido, num tiro só, com antecedência de lançamento, o mais novo trabalho literário do ex-bancário Carlos Araujo, denominado “O Profeta do Jordão”.

Primeiro porque estou, neste momento, completamente envolvido com o pano de fundo e um dos personagens principais do seu histórico romance: a Ditadura Militar e José Campos Barreto (Zequinha).

Segundo, por ter a nossa cidade – Ibotirama – como parte do cenário onde se desenvolvem os segredos misteriosos do Profeta.

Terceiro, pela maturidade técnica e poética alcançadas pelo nosso mais publicado escritor, quando casa realidade e ficção.

Por último, gostaria de ressaltar o orgulho imenso que senti ao ter vivo nas páginas deste livro “Dolé” (Silvio Araujo, irmão do autor), personagem real e grandioso, que conheci e com quem tive muita amizade.

Parabéns, Carlos Araujo, pela obra magnífica com que você agora nos presentea. Muito obrigado.

Renaildo Pereira dos Santos  
Ibotirama, 30.04.09

n.a. - Renaildo Pereira dos Santos (Reizinho) é poeta e professor

De: Dilton Aécio Rodrigues de Oliveira  
Para: Carlos Araujo  
Assunto: O Profeta do Jordão  
Data: 02/03/2009 00:22h

Caro poeta!! Saudações!!

Não é fácil fazer comentários acerca de seus trabalhos, porque a gente se vê neles e não sabemos comentar sobre nós mesmos.

O romance “O Profeta do Jordão” é simplesmente magnífico. Juntar as lutas e personagens históricos da Chapada Diamantina com os mistérios e personagens típicos das barrancas do Velho Chico, tudo isso conduzido pela religiosidade característica dessa gente, faz o destino parecer justificado. O cenário estava pronto. O enredo é a própria vida e a morte. A sensibilidade do poeta transformou numa peça de ficção.

Fraterno abraço,  
Dilton Aécio

n.a. - Dilton Aécio é bancário

Por Raimundo Almeida Sales

## Trama empolgante e sedutora

O Profeta do Jordão é um mergulho nos sonhos da juventude que ansiava por liberdade e paixão nos anos de chumbo do Brasil.

Vindos de regiões diferentes, Ciro e Daniela são jovens que se conhecem e se apaixonam. Compartilham sentimentos e ideais, divididos entre seu romance, liberdade cultural e a mão de ferro do governo militar.

Pitadas de misticismo e religiosidade temperam a história e a vida dos personagens, servindo de pano de fundo à ditadura no Brasil, o que torna a trama empolgante e sedutora.

A obra tem como figura central “O Velho Boa” que, do Jordão de Brotas (Ipupiara), costura a vida nos grotões da Chapada Diamantina e nas beiradas do São Francisco, revirada pelos fuzis na caçada ao Capitão desertor.

n.a. - Raimundo Almeida Sales é professor

E não foi vosso fôlego que ergueu e solidificou  
a estrutura de vossos ossos?

Gibran Khalil Gibran

# O Profeta do Jordão

*Em memória de minha avó Alexandrina Pereira de  
Araujo e de meus irmãos Sílvio e Humberto*

*A minha esposa Cleonice e minhas filhas  
Mônica, Fernanda e Camila*

# 1

Mestre, fala-nos da Prece.

Se penetrardes no templo unicamente para pedir, nada recebereis. Se entrardes nele para vos curvar, ninguém vos erguerá. Mesmo se aí fordes para mendigar favores para outros, não sereis atendidos. Basta entrar no templo invisível! Deus não escuta vossas palavras, exceto quando Ele próprio as pronuncia através de vossos lábios! \*

## **“Sabedoria, quando é demais, vira bicho e come o dono”**

No lusco-fusco do gélido amanhecer, o véu se descortina lentamente no oásis brejeiro da vastidão agreste. O panorama se aviva e o preto-e-branco se matiza no espertar de novo dia. Assemelhando se libertar de condensada cerração, os vultos vão se transmudando em vaivém de mulheres com latas d’água na cabeça, no caminho da fonte do Pau Louro; em gado pastando no Cercado de Senhorzão; em enfileiramento de canteiros de mudas de fumo, formando um desenho simétrico, invadindo os golfões da Lagoa; em copas esverdeadas de coqueiros, mangueiras e buritizeiros, encimando o lençol dos canaviais, como se estivessem todos colados na mesma paisagem da Serra do Mocó.

É como tudo ali já estava um pouco mais perceptível, um homem foi visto arrastando devagarinho seu corpo de curiboca nordestino, dentro de um terno de linho diagonal branco Ls-120 que, apesar de todo puído, trazia limpo e bem cuidado. Ele se locomovia em direção da Lagoa do Jordão com extrema dificuldade por conta dum certo atrofiamento em suas pernas. Um observador mais atento percebeu que ele virou o olhar para a Serra do Carranca, como que sorvendo os poderes da sibilante brisa matinal. Passou em frente da casa de Maria Besta Braba e foi se acomodar nas salinas, na beira d'água, e ficou ali a meditar.

Era hora acostumada de o gado lamber o sal na argila petrosa, de passarinhos cabeças-vermelhas e rolinhas fogo pagôs buscarem comida no local. Naquele romper do dia, diferentemente de outras manhãs, o bando dessas aves por ali parece que havia se multiplicado. Vieram os papa-capins, coleiras e pintassilvos dos pendões dos capinzais vizinhos; pegas e sofrês do mulunguzeiro do Paredão; periquitos, jandaias, griguilins, figueiras, anuns e almas-de-gato da gameleira centenária do terreiro de Dona Josefa. Apareceram até duas ariscas saracuras, aves desconfiadas, vindas dos carreiros emaranhados do capim-bahia e ali se postaram mansamente.

Um garoto saiu caminhando da Rua do Buracório e foi se aproximando daquele enigmático senhor cercado de pássaros, de vacas e de bezerros. Estimulado pela magia do ambiente, o menino começou a correr atrás dos passarinhos, tentando pegar um, sem nenhum sucesso. Era uma perseguição cansativa e infrutífera. Toda vez que ele se aproximava de uma ave, ela batia asas e voava para bem longe.

- Você quer segurar um desses pássaros, pequeno?

- Quero sim, seu Manoel, mas eles são muito brabos! Não consigo pegar!

- Vá até ali, pequeno, chega perto daquele cardeal e dê seu dedo para ele!

- Já tentei, ele vai voar!

- Pequeno, pode ir! Vá... Vá...

A criança, mesmo desanimada, obedeceu. Ao se aproximar de um cabeça-vermelha, algo espantoso aconteceu! Quando chegou a um metro de distância, o passarinho, como que acostumado a vir comer à mão, pousou mansamente no seu dedo indicador.

A mãe da criança, à distância, foi quem primeiro percebeu aquela cena inusitada. Ela estava naquela hora da manhã varrendo a calçada da casa. Quando botou as vistas no filho não conseguiu acreditar no que viu. Esfregou os olhos com as mãos, balançou a cabeça e foi se achegando ao local. No exato momento em que se postou bem perto do filho, ele já tinha a companhia de mais de vinte pessoas que observavam a cena, abismadas. Extasiado, o garoto nem notou a presença de tanta gente ao seu redor, nem ao menos da mãe. Alheio aos olhares de incredulidade, se deliciava com um passarinho pousado tranquilamente em cada um de seus dedos indicadores. Ao lado dele, um bezerro, com dois bem-te-vis fazendo cafuné no seu dorso, era sombra para o menino e seus mimos.

Foi o caso que baixou uma excitação repentina no garoto. Ele sentiu uma vontade irresistível de mostrar aquilo para os irmãos. Levantou-se e saiu caminhando com todo cuidado, os braços esticados, em direção de sua casa, olhando fixamente para suas presas. Ao saírem das vistas do hipnotizador, os passarinhos fugiram, voando de suas mãos. Ele então voltou correndo, chorando e inconsolável.



- É inacreditável, Cotinha! Veja essas saracuras! Até hoje nunca havia chegado tão perto de uma, pois são brabas e arredias! Como o Manoel consegue amansar os bichos só com o poder do olhar, para virem comer na mão de qualquer um?

- Não faço a menor idéia, Morena. Só sei que os poderes desse homem misterioso não param por aí. Ele tem acertado todas as previsões que faz. Está comprovado que ele sabe, e anuncia para quem quiser ouvir, com antecedência de mês, o dia em que vai cair chuva. Ele faz desaparecer coisas. Juram que ele próprio desaparece, de vez em quando. Dizem que já curou vacas desenganadas de muitos criadores dos arrebaldes. Não é à-toa que já botaram o nome nele de Profeta do Jordão. O que o senhor acha disso, seu Benício?

O interrogado botou a lata d'água no chão, sentou-se ao lado do homem e puxou uma prosa interrogativa.

- Diga aqui pra todos nós, Manoel, quem é realmente o senhor?

- Atentai nas minhas palavras, gentes deste Jordão de Brotas! Muitos dizem que sou Manoel Aleijado, o estropiado que veio da Lagoa do Meio, da morada de Miguelzinho Barreto, que aqui viveu de favores na casa de seu Fecundo e hoje vive na Pensão de dona Preteza. Isso é apenas uma meia verdade. Em outro tempo e em outra vida eu, chamado de Dom Manoel, fui abençoado e batizado, na Judéia, às margens do Rio Jordão, pelo próprio São João Batista.

- Naquele tempo, em prece ao Senhor, acompanhei João Batista, precursor de Jesus Cristo, quando ele jejuou no deserto, por quarenta dias e quarenta noites, preparando o caminho para a chegada do filho de Deus. Na ocasião, sobrevivemos nos

alimentando somente de gafanhotos e de mel. Por causa desse convívio com o Santo, e levando em conta alguns poderes a mim outorgados pelo Altíssimo, já nem me importo quando aqui, nesta Vila, me chamam de “O Profeta do Jordão”.

De fato, esse homem, aparentemente simples, trazia consigo certa aura de mistério, pois fazia previsões surpreendentes que tempos depois invariavelmente se confirmavam. Nessa altura, as predições dele já eram em grande número. Mais um feito seu veio reforçar e consolidar a reputação de seus dotes extraordinários e sobrenaturais, junto ao povo da Vila. Havia um doutor-de-raiz chamado Zeca de Antão que, vez por outra, aparecia no Jordão vendendo uma pílula de babosa que fazia milagres na cura de várias doenças que grassavam na região. A casa onde o curandeiro se hospedava se enchia de gente para comprar a miraculosa meizinha em forma de pílula. Em certa ocasião, Zeca de Antão segredou para uma pessoa do lugar como conseguira a fórmula do remédio. Disse ele que a tal fórmula havia sido ensinada por Manoel Aleijado, “O Profeta do Jordão”, com a justificativa de que o preparado seria mais barato e eficaz para curar as pessoas do lugar do que remédio de farmácia.

Tempos depois, e já no apogeu de seu prestígio de adivinhão, lá estava o Profeta deitando falação para uma enorme e atenta platéia postada na frente da Igreja de São João Batista, num fim de tarde friorenta de inverno.

- Ouçam filhos desta Vila de Jordão! Aqui corre um ditado que diz: “Vai ser besta em Brotas”! Vocês acreditam que isso é dito só porque as famílias de lá botam os filhos para estudar para ser doutor, juiz de direito ou sacerdote? Ou porque Brotas de Macaúbas é a sede do nosso município?

- Do Altíssimo me afiançam que não! Este nosso torrão natal já vem, há muito tempo, mergulhado na desgraça do atraso e da melancolia! Esclareço:

- Quando os jagunços de Horácio de Matos perseguiram Militão Rodrigues Coelho e sua gente, até Barra do Mendes, eles vinham trazendo um rasto de sangue, de morte e de destruição, desde a Batalha do Pega, penetrando nesta Vila pela estrada do cemitério, no lado de baixo, o poente. Desde então esse caminho ficou amaldiçoado pelo sangue da discórdia!

- Enquanto tivermos de chegar a esta Vila trilhando esse caminho do oeste, que lembra o caso, destruição, maldição e tristeza, jamais esse Jordão de Brotas alcançará o progresso. Mesmo existindo aquele pé de canela ao lado da casa de Robertão, purificando, com o aroma de suas cascas, a beira da estrada da Gameleira.

- Mas, chegará o dia em que um homem visionário olhará para a Serra do Carranca e dirá: a entrada para nossa Vila será por aquele lado, pelo nascente! E, a partir desse dia, o Jordão se libertará do infortúnio do atraso e terá um futuro promissor.

- Nesse tempo, que só os mais jovens daqui alcançarão, coincidirá com a volta de Horácio de Matos e de Militão Rodrigues Coelho a este Lugar, que na ocasião não se chamará mais Jordão de Brotas!

- Como isso pode acontecer, Profeta, se esses dois homens já morreram há tanto tempo?

- Conterrâneos e, todavia, ferrenhos adversários políticos de antanho, Horácio de Matos e Militão Rodrigues Coelho chefiam, por muito tempo, centenas de jagunços em acirradas e sangrentas batalhas nesta região. Durante esses entreveros, dezenas

de combatentes, de ambos os lados, sucumbiram. Entretanto, os dois coronéis só foram exalar o último suspiro fora do campo de luta e muito longe daqui. O primeiro foi baleado pelas costas em Salvador, no ano de 1931. O segundo, morreu de inanição em 1919, no Pilão Arcade, depois de ter sido escorraçado pelo contendor, de sua fortaleza de Barra do Mendes. De modo que eles vão voltar a este Lugar para cumprir uma expiação. Missão de seus destinos determinada pelo Todo Poderoso. Como isso vai acontecer, o tempo dirá e a história vai registrar!

A partir daquele momento, a profecia da volta dos coronéis se espalhou pelos quatro cantos da Vila e de seus arredores, deu margem a todo tipo de interpretações e preocupações.

É tanto que, na assentada seguinte do Profeta do Jordão no oitão da igreja, choveram perguntas sobre o tal assunto. Instigado por seus embasbacados ouvintes, ele espichou conversa, tergiversou e enveredou para outras profecias.

- Vejam vocês, o Almanaque Capivarol é este livrinho que dá o lunário perpétuo, com datas certas para o plantio, indicações úteis de festividades, feriados, trechos de literatura, poesias, anedotas e cartas enigmáticas. Quem quer possuir um deles tem que ser freguês da farmácia de Doutor Gasparino e disputar a empurrões, quando ele chega por lá. Os lavradores e donos de criatórios, por esses arrebaldes afora, não ficam sem um exemplar em sua casa. A procura é tanta que, às vezes, acaba o estoque em menos de uma hora da entrega pelo caixeiro-viajante. O roceiro não inicia o seu plantio sem consultar esse Almanaque.

- Eu posso assegurar que na segunda metade deste nosso século XX o homem vai conceber, com sua imaginação criadora

- a fantasia, o mágico, o inconsciente, o acaso, o caos e a meditação -um gigantesco Almanaque Capivarol. Ele não necessitará de papel para estampar as informações. A propósito, não usará nem esses fios dos Telégrafos que vemos hoje nas beiras das estradas para trazer as mensagens. As informações serão mostradas nesse invento que chamarão de “máquina”. Na minha progressão, posso ver que todos os conhecimentos do mundo poderão ser lidos numa tela desse fantástico Almanaque, como se fosse um pequeno paleógrafo. Ele catalogará, armazenará e tornará disponível qualquer informação guardada em todas essas “máquinas” espalhadas pela Terra.

- Não precisará chegar aqui ao Jordão o livrinho em papel para trazer as notícias. Elas virão tão somente como conexões, nada mais do que isso. Existem bilhões de neurônios em nosso cérebro. Mas, o que são esses neurônios? Apenas células. O cérebro não gera ou produz conhecimento se não houver ligações entre elas. Tudo o que sabemos é conseguido somente através das ligações possíveis feitas entre essas células.

- Aí vocês me perguntarão, esse avanço da humanidade será bom?

- Posso lhes dizer que sim e que não!

- Existe um antigo ditado popular que diz acertadamente: “Sabedoria, quando é demais, vira bicho e come o dono”. A invenção desse Grande Almanaque será acompanhada de um progresso espantoso na história da humanidade. Cada uma dessas “máquinas” colocadas em funcionamento irá tomar o emprego de milhares de trabalhadores mundo afora. E os desempregados por essa invenção humana estarão sujeitos a experimentar a fome, a marginalidade e a miséria absoluta.

Uma pessoa no Jordão, Boaventura dos Santos, morador do Brejo da Fonte de Cima, compreendia e comungava das profecias daquele Profeta singular: Manoel Aleijado!

Por uma dessas injunções do sobrenatural, ele fez de um tudo para que Manoel passasse seus últimos anos de vida desfrutando de sua companhia, e conseguiu! O convívio foi breve mas proveitoso, até que Manoel expirou. Não se tem notícia, naquela Vila de um enterro tão concorrido como o do Profeta do Jordão.

Suas profecias foram se confirmando uma a uma e apenas duas permanecem ainda sem confirmação: a invenção do Super-Almanaque Capivarol e a volta dos dois coronéis que ditavam o poder e se digladiavam no início do Século XX nesse sertão da Chapada Diamantina.

Uma cisma virou grude e ficou martelando nas mentes das pessoas do Lugar: o Profeta do Jordão teria revelado a Boaventura dos Santos o teor da profecia da volta de Horácio de Matos e Militão Rodrigues Coelho?

Afinal, ele não era chamado de “O Velho Boa – O Bruxo do Brejo”? E uma pergunta ainda permanece ecoando pelos quatro cantos do Lugar. Caso tenha revelado, ele levará essa informação consigo para o túmulo ou contará antes de morrer? O tempo foi passando, foi passando, até que:

## 2

Mestre, que dizes do Tempo?

Gostariéis de medir o tempo, o ilimitado e o incomensurável! Contudo, o que em vós escapa ao tempo sabe que a vida também escapa ao tempo. E sabe que ontem é apenas a recordação de hoje e amanhã, o sonho de hoje. \*

### **Com todos os ipsilones e noves fora**

- Dani! Você por aqui nesta hora do dia?

- Você também chegou cedo, Ciro! O Banco lhe deu bilhete azul?

- Fez algo muito mais angustiante do que isso! A doutrinação que o “sistema” está me enfiando, ouvido adentro, desde o meu primeiro dia de trabalho, chegou ao ápice, nesta sexta-feira. Pressinto que minha consciência não vai aguentar tamanha catequese e, em futuro próximo, pede demissão. Hoje fui um dos alvos de mais uma lavagem de cérebro em termos! Uma tortura horrorosa! Por conta disso, me dispensaram do

serviço mais cedo. Saí meio zozzo e só dei conta de mim quando cheguei aqui e vi você! Sinta o meu drama! No auditório muito bem acarpetado do edifício da Instituição, centro financeiro de São Paulo, na Rua São Bento, o sujeito da direção do Banco enfiou em minha cabeça uma cantilena muito bem engendrada. Era tamanha a sua convicção e eficiência, que aquilo vinha martelando na minha mente durante todo o trajeto do ônibus até Santa Cecília. Minha razão ainda não voltou à sua essência. E, veja você, para fundamentar minha evangelização nos versículos do “Livro Sagrado da Redentora de 64”, o indivíduo ainda me entregou a arenga impressa em papel! Talvez convencido de que ela vá se transformar assim numa espécie de meu livro de cabeceira.

- Como tenho facilidade para reter os fatos na memória, isso continua perturbando minha mente. Não me sai da cabeça. Parece uma cantiga de grilo no juízo. É tanto que acho ser capaz de repetir o início dessa ladainha, tintim por tintim, com todos os ípsilones e noves fora. Ouça isso e veja se não tenho motivos para estar assim! Segure aí o texto e vai me acompanhando, Dani:

“Na sua gestão, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco muniu-se do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) para reorganizar a economia do Brasil e criar condições propícias à expansão do capital. O alvo principal era restaurar a capacidade de investimento público e privado. Em seu governo, a inflação era considerada como o problema maior do país e representou uma das razões para que fosse instituído esse plano de estabilização econômica.

As metas principais do PAEG eram... eram... eram...”

- Não consigo, Dani! Será que estão me deixando idiota?

- Você ainda está meio perturbado, Ciro! Pode deixar que eu leio pra você!



“As metas principais do PAEG eram: apressar o ritmo do desenvolvimento econômico, conter o processo inflacionário, reduzir as desigualdades setoriais e regionais, aumentar os investimentos, e com isso, os empregos e corrigir a tendência ao desequilíbrio externo. Houve reformas tributária, monetária e do setor externo.

O PAEG conseguiu corrigir as principais distorções da economia: saneou as finanças públicas, recuperou a capacidade de investimento das empresas estatais, renegociou a dívida externa, aumentou a participação do Brasil no comércio mundial, restabeleceu a confiança e mudou a imagem do país no exterior. Houve um controle razoável da inflação e a retomada do crescimento econômico.

A política econômica adotada, além de procurar corrigir as distorções internas, visava também reconquistar a confiança dos investidores estrangeiros. Tanto o governo norte-americano como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial apoiaram o plano de estabilização econômica, embora recomendassem medidas ainda mais drásticas, com congelamento de preços e salários.

Assim, no plano econômico, os primeiros anos do ciclo militar (1964-1967) compreenderam a fase árdua de preparação do terreno para uma subsequente arrancada de expansão econômica. A partir do ano passado, a prioridade do governo deslocou-se da contenção da inflação para o crescimento acelerado da economia. Essa mudança começou a ser efetivamente colocada em prática pelo presidente Artur da Costa e Silva, empossado em 15 de março de 1967.

A estratégia de industrialização com vistas à substituição de importações para os anos 50 legou uma série de problemas

que os formuladores de política econômica da década seguinte teriam de enfrentar a fim de assegurar a continuidade de crescimento e desenvolvimento.

Apesar de o setor agrícola ter sido deixado em segundo plano durante quase todo o período posterior à Segunda Guerra Mundial, sua expansão a uma taxa anual de 4,5% pareceria satisfatória em relação à taxa anual de crescimento da população, que foi de 3,1%. Uma análise mais minuciosa, porém, revelava problemas reais e potenciais que surgiam na época.

Embora o aumento populacional fosse inferior ao crescimento da produção de alimentos, havia outro fator que lançava sombras sobre esse quadro otimista. Ocorreu um grande movimento migratório da população do campo para as cidades, que resultou em uma taxa de crescimento populacional urbana de 5,4% ao ano, na década de 50.

O aumento na produção de alimentos deveu-se à utilização de novas terras dedicadas ao cultivo, em vez de um aumento de produtividade em áreas agrícolas mais antigas. Visto que a rápida e crescente demanda por comida nos centros urbanos tinha que ser atendida a partir de áreas cada vez mais distantes, houve uma crescente pressão sobre a precária rede de transporte rural-urbana do país e sobre o sistema de comercialização agrícola.

O crescimento industrial salientou as desigualdades - a distribuição desproporcional dos benefícios advindos do desenvolvimento em uma base regional, setorial e de renda - o que ocasionava crescentes pressões sociopolíticas por medidas corretivas. Também havia pressões para se lidar com o atrasado, e, há muito tempo negligenciado, sistema educacional, a fim de oferecer mão-de-obra melhor treinada para o moderno setor industrial, e proporcionar uma mobilidade social mais ampla e,

consequentemente, acesso aos frutos da industrialização a uma parcela maior da população.

Havia progressivas pressões do balanço de pagamentos resultantes do fato de que o crescimento nos anos 50, principalmente na segunda metade da década, ter sido financiado por uma importante entrada de capital estrangeiro, sob a forma de investimentos diretos e empréstimos. No início dos anos sessenta, a dívida externa brasileira já atingia mais de dois bilhões de dólares, da qual uma grande parcela era de curto prazo e, tanto os juros como as amortizações, combinados com remessas de lucros de empresas estrangeiras, produziam crescentes dificuldades no balanço de pagamentos. O fato de as políticas que orientaram a substituição de importações terem sido unilaterais, isto é, que a promoção das exportações e a diversificação terem sido tratadas como prioridade, tornava-se agora um problema significativo.

No ano passado, Delfim Neto assumiu o Ministério da Fazenda do governo do General Artur da Costa e Silva. Foi criado o PED (Plano Econômico de Desenvolvimento), que continua com a mesma prática econômica do governo anterior, porém corrigindo os possíveis erros da política de combate à inflação. A meta principal é elevar o PIB brasileiro dos 4,8% verificados em 1967 para 14% até o final desse governo. Os números dos três primeiros meses deste ano já assinalam nessa direção. Como agente financeiro do Governo, o Banco tem um papel importantíssimo a desempenhar nesse processo...”

- Já li o suficiente, companheiro!

- Deixa eu tentar de novo... “Na sua gestão, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco utilizou-se do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), para reorganizar a economia do Brasil e criar condições...”

- Pára, Ciro Ventura! Ouvir isso uma vez já é tortura. Duas vezes é pior do que sentar em “Cadeira do Dragão”. Eu bem lhe disse para não ir trabalhar em banco! Bandear para o lado dos milicos dá nisso! O camarada fica fora de órbita! Mas existe algo de bom, importante e proveitoso nessa história toda, ah! ra! ra! ra! ra!: é que você pode funcionar assim como uma espécie de informante do nosso “aparelho”! Quando a gente for assaltar um banco...

-Fale baixo, Dani! As paredes têm ouvidos e gravadores! O que é essa tal de “Cadeira do Dragão”? Você precisa me falar mais dessas suas atividades políticas!

- Um dia eu lhe conto.

- Ah!...

- Camarada Ciro Jordão, enquanto eu estava esperando você aqui, foi entregue na sua República dos Inocentes um grande embrulho, proveniente de Ipupiara, na Bahia, endereçado a um tal de Ciro Ventura Coelho! É você esse sujeito?

- Hein? O quê?

- Acorda camarada! Que cara é esta de aluado? Parece que viu fantasma em plena luz do dia, nesta imensa cidade de São Paulo!

- Ocorre que os sábios conselhos de meu velho padrinho de Ipupiara, na Chapada Diamantina, Bahia, bradejam em minha cabeça um antagonismo dos mais radicais a essa arenga do sujeito do Banco. E os dois extremos travam voraz embate no meu juízo, num contraponto totalmente desafinado. Isso me deixa tonto! Meu protetor ficaria desapontado, caso soubesse que estou trabalhando em banco, e principalmente em banco oficial. O homem que me batizou é um autodidata e vidente, pessoa extraordinária. Vara as noites com a cara enfiada nos compêndios

dos mais diversos teores. Imagine você que ele veio a São Paulo e adquiriu uma biblioteca inteira e instalou no seu Brejo, em pleno sertão da Bahia, incluindo no acervo, é claro, toda a obra de Machado de Assis, sua verdadeira paixão! No momento em que eu estava prestes a vir para o Sul tentar a carreira artística, ele me chamou para uma conversa, e foi de uma clareza lapidar:

“Meu filho, eu acho de suma importância que você esteja muito bem instruído e preparado para saber encarar com destemor os revezes que irá deparar para concretização desse seu sonho. Machado de Assis, nos idos de 1861 escreveu um artigo de jornal em que dizia que no Brasil existem dois países: O oficial e o real. Nosso escritor maior afirmava que o Brasil oficial é claro, é o país dos privilegiados, dos brancos, mas é caricato e burlesco. E o Brasil real é dos mais pobres, dos mais escuros, dos mestiços, mas esse é bom e revela os melhores instintos. Você é um dos exemplares mais bem acabados desse nosso país real: é nordestino, pobre, mestiço e bom, além de possuir verdadeira vocação para as artes.

- Seu padrinho está certo, *Ciro Jordão!* E hoje a situação está ainda pior. Estamos sob o jugo do regime dos altos coturnos do Brasil oficial, no qual se refestelam os abastados com seus direitos: direito à riqueza, à alegria, à formatura e até ao ócio. A censura é um dos esteios dessa Ditadura Militar, juntamente com a propaganda política deslavada, os órgãos de espionagem e a repressão. Esse regime discricionário apresenta o país com uma imagem platinada de lua melosa, sem nenhuma contradição ou resquício de fome, cuidadosamente filtrada e embalada para o consumo da massa desinformada. O país real é a nação do endividamento externo, do depauperamento da educação e da saúde pública, da corrupção desenfreada, das desigualdades sociais

e morais. Você acha que nossa classe estudantil poderia ficar de fora das lutas contra esse estado de coisas?

- Evidente que não, Dani! Meu padrinho citou ainda, muito bem a propósito, Euclides da Cunha:

“Ele trabalhava num grande jornal de São Paulo e foi convidado a fazer uma matéria jornalística sobre a situação em Canudos, aqui na Bahia. Euclides saiu do lado do Brasil Oficial, positivista e capitalista, como um cruzado da república para acabar com o que ele considerava os últimos vestígios da barbaridade sertaneja. Quando chegou lá, ele, que tinha o caráter de um homem de bem, simpatizou com a causa deles, os seguidores de Antonio Conselheiro. Quando ele viu as atrocidades que a república estava cometendo contra os sertanejos, mudou de lado e abandonou a república. Ele ficou perturbado e achou que a única parcela do Brasil Real que existia era o sertanejo e ignorou a humanidade das periferias das grandes cidades brasileiras. Foi aí que resolveu escrever sua grande obra: Os Sertões. Portanto, reafirmo o que eu já lhe disse, meu filho: mesmo bafejado pela sorte de contar com certo estudo, você faz parte desse nosso Brasil real nordestino. Dos que migram para as capitais, principalmente do sul, fugindo da derrota da miséria da seca do interior.”

- Seu padrinho é Boaventura dos Santos?

- De onde você tirou esse nome? Eu não me lembro de ter lhe falado da graça do padrinho.

- É o remetente do grande embrulho que chegou para você, da Bahia!

- Por que não me disse antes, criatura? Onde está esse pacote?

- Eu disse quando você chegou, mas não me ouviu. Deixei no seu quarto. Parece que seu padrinho mandou toda sua biblioteca para o afilhado!

- Esqueci de perguntar a que veio. Nesta hora não está havendo aula na faculdade?

- Vim lhe convidar para as manifestações de 1º de maio, na Praça da Sé! Vamos escorraçar o Governador Abreu Sodré de lá! Hoje ninguém foi para a faculdade. O pessoal está organizando o protesto. Eu aproveitei e vim aqui.

- Ah! Vamos ver o que há no embrulho, depois falamos sobre isso.

# 3

Mestre, que dizes da Liberdade?

Sereis, na verdade, livres, não quando vossos dias estiverem sem preocupação e vossas noites sem necessidades e sem aflições. Mas, antes, quando essas coisas apertarem vossa vida e, entretanto, conseguirdes elevar-vos acima delas, desnudos e desatados.\*

## **Vamos jogar com a verdade**

Daniela foi andando para o quarto, na frente de Ciro, no devagar dos apaixonados, de modo que a atenção dele foi sendo despertada pelas pernas iracêmicas da moça, descendo provocantes pela minissaia de jeans desbotado. Aquela imagem teve o poder mágico de começar a expulsar da cabeça do rapaz o conteúdo da palestra da Rua São Bento. Já no quarto, a minissaia começou a descer pelas coxas da namorada e foi atirada, juntamente com a blusa, sobre a cama. Aí, as últimas frases da arenga do servidor do Banco saíram voando pelos ares do pensamento de Ciro, até os últimos ípsilones e nozes fora virarem cinzas. Mesmo o embrulho



vindo de Ipujiara foi esquecido momentaneamente, quando ela entrou completamente nua no banheiro. Nisso, o tempo rodou na mente do namorado e a angústia virou desejo lascivo naquele quarto da República dos Inocentes.

Ciro já ia caminhando excitado em direção ao banheiro, de repente, percebeu a porta se fechar atrás da namorada e ouviu o barulho da tampa do vaso sanitário. Recuou instintivamente. Nesse instante, o foco de seu interesse foi desviado e aguçado para uma pasta escolar ordinária, em cima da cama, parcialmente coberta pelas roupas. O rapaz achou estranho porque Daniela havia comentado que não houve aula na faculdade naquele dia. Sua curiosidade foi imediatamente agudizada. Abriu a pasta e verificou que dentro dela havia um livro e um caderno de capa dura já meio puída. Não resistiu o impulso e abriu o caderno.

Instantaneamente, toda sua excitação sofreu um revertério e, de dias bem ensolarados, passou a trevas das mais escuras. Caiu a carteira de identidade de um rapaz de dentro do caderno e ficou ali no chão mostrando um rosto moreno e bonito. Aquela visão foi como uma ferroada do escorpião do ciúme em Ciro. Seus olhos grudaram na primeira página do calhamaço e começou a ler:

“Antes que a Ditadura Militar brasileira complete o seu quadriênio, este ano da graça de 1968 já começa com batalhas sangrentas na Guerra do Vietnã e, em todo o mundo, inúmeros rebuliços abalam o arranjo social. Guerra Fria entre os Estados Unidos e União Soviética, governos ditatoriais na América Latina, contestações, questionamentos, revisões ideológicas e mobilizações estudantis dão o tom desafinado da harmonia entre

os povos da Terra. Isso porque, em todas as esferas da vida social, está havendo rupturas. E temas como igualdade entre os sexos, aborto, feminismo e ecologia estão sendo colocados em evidência. Em diversos países, mundo afora, jovens, artistas e estudantes contestam e se rebelam contra o autoritarismo e o conservadorismo, na busca da libertação e afirmação do poder jovem.

Entretanto, nada disso é noticiado no Brasil conforme o acontecido, por conta das restrições absolutas à liberdade de expressão e em consequência de violentíssima censura aos meios de comunicação. Por causa disso, trabalhadores e estudantes reagem e começam a surgir vários movimentos e organizações clandestinas de esquerda defendendo a luta armada contra a ditadura dos Altos Coturnos, vigente em nosso país. Isso recrudescerá definitivamente depois do dia 28 de março de 1968, quando o estudante secundarista carioca chamado Edson Luís foi morto numa operação policial de repressão a um protesto em frente ao restaurante universitário “Calabouço”, no Rio de Janeiro. Aí se deu uma comoção nacional. O enterro foi acompanhado por uma multidão de mais de 50 mil pessoas, com presença de inúmeros intelectuais e artistas.

A Ação Popular (AP), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), a Ação Libertadora Nacional (ALN), a Dissidência Universitária Comunista e outras organizações, rezam a mesma cartilha do enfrentamento, e vão se fazer presentes na Praça da Sé, no 1º de maio.

A partir do ano passado, o ministro da fazenda, Delfim Neto, implantou uma política de recessão, salários arroxados, direitos sociais retirados e sem o mínimo resquício de distribuição de renda. Uma das primeiras medidas postas em prática pelo

governo militar já havia sido a de acabar com a estabilidade no emprego e a escala móvel de salários. Foi implantada assim a ditadura da grande burguesia monopolista em aliança com o imperialismo norte-americano.

Neste contexto, na Cidade Industrial (Contagem), de Minas Gerais, os operários iniciaram uma greve geral, com participação de militantes de organizações de esquerda como PCB, PCBR, ALN, Colina, Polop e Ação Popular. O ministro do trabalho, Coronel Jarbas Passarinho, temendo o fantasma da aliança operário-estudantil, se dirige aos trabalhadores em greve, numa assembléia geral e anuncia a posição do Governo: ‘- Se as condições se agravarem vai haver luta e perderá quem tiver menos força, embora não queiramos fabricar e nem nos transformar em cadáveres.’ Os operários não se intimidaram com a posição do Ministro. O governo então apresenta uma proposta de 10% de aumento, seguida de um ultimato: ‘- A recusa da proposta significa uma declaração de guerra.’

Os operários da Cidade Industrial de Minas Gerais mostram que é possível lutar e conseguir vitórias, mesmo que parciais, contra a política de arrocho salarial imposta pela Ditadura.

Agora, às vésperas do 1º de maio, com os trabalhadores de Contagem ainda em greve, vem o general de plantão em Brasília e anuncia solenemente a extensão do abono salarial de 10% para todos os trabalhadores brasileiros”...

Ciro estava tão concentrado na leitura do conteúdo do caderno que não viu Daniela sair do banheiro, como veio ao mundo, e se postar ali na frente dele. Ela notou, de imediato, a mudança operada na fisionomia do rapaz, ao tempo em que seu

olhar foi direto na identidade caída no chão. O ambiente ficou tenso, com a gravidade das decepções.

- Estou desapontado! Logo agora que começo a gostar de você, percebo que não conheço quase nada de sua vida!

- Eu ia lhe explicar tudo! Infelizmente tive que ir ao banheiro antes de falar com você.

- Pode parecer uma coisa ridícula, cafona e ultrapassada, mas eu proponho que façamos aqui e agora o jogo da verdade.

- Eu aceito o que você sugere, Ciro Jordão!

- Então, pode começar, e diga quem é Daniela! Se esse realmente é seu nome verdadeiro.

- Claro que é! Comece você que veio de plagas mais distantes, da Bahia! Ademais, na sua vida deve ter lances muito mais interessantes do que na minha.

- Está bem. Vamos jogar então com a verdade:

# 4

Fala-nos dos Filhos, Mestre!

Vossos filhos não são vossos filhos! São os filhos e as filhas da ânsia da Vida por si mesma. Vêm através de vós mas não de vós. E embora vivam convosco, não vos pertencem. \*

## **Então entrega este a Jesus**

Certo dia, já no limiar dos anos vinte, na Vila de Jordão, do município de Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, interior da Bahia, cenário de batalhas sangrentas entre os jagunços dos coronéis Horácio de Matos e Militão Rodrigues Coelho, alguns moradores vêm, espantados, um rapaz alcançar, cambaleando, a primeira rua do Lugar, vindo da direção da Serra do Carranca. Estava esmolambado e esfomeado.

Depois de alimentado e razoavelmente vestido, o jovem contou suas desventuras:

“Minha vida fruía normal, na companhia de meu pai e de minha mãe, na pequena Fazenda Cabaceiras, nas proximidades de

Barra do Mendes, quando, de repente, soube que Horácio de Matos havia bloqueado a Sede do Município. As notícias eram as mais desencontradas sobre aqueles conflitos. Diziam que o coronel João Arcanjo Ribeiro, intendente de Brotas de Macaúbas, tinha ficado descontente com a incorporação dos distritos de Jordão e Morpará ao município de Barra do Mendes.

Eu, que desde muito novo, tinha ido estudar em Barra do Mendes e era contra todo tipo de violência, ficava preocupado com o envolvimento de meu pai nessas contendas. Ele era um dos homens de confiança do coronel Militão Coelho e comandava um batalhão de jagunços. Minha mãe e eu ficávamos tomando conta da fazenda, com a ajuda de dois empregados, quando ele estava nessas batalhas.

Certo dia, já no terceiro mês das lutas, nossa propriedade foi atacada pelos jagunços de Horácio de Matos. Meu pai se dirigia naquele mesmo instante à nossa fazenda para buscar armas e munições que estavam ali depositadas. Houve então um cerrado tiroteio e vi minha mãe tombar morta em minha frente.

Já na escuridão da noite, ouvi a voz agonizante de um dos nossos empregados dizendo em sussurro que meu pai também tombara morto. Ele pediu para eu tentar sair pelos fundos da casa e me embrenhar no mato. Obedeci. Corri o mais que pude e depois caí estatelado. Quando consegui voltar, já na tarde do dia seguinte, percebi que o caos era total. Foi o dia mais tenebroso da minha vida. Fui tratar do enterro dos meus pais e depois verifiquei que da fazenda não havia restado quase nada.

No dia seguinte, desiludido e desorientado, saí zanzando pelo mato, sem rumo e sem destino, por um tempo tão longo que não sei precisar. E quando dei por mim, estava aqui na Vila, neste estado de penúria”.

Os arredores da Vila de Jordão formavam uma região de minas de cristal de rocha. Por aquela ocasião, correu de boca em boca, a notícia de uma Bola de Fogo Encantada, que desembestava pelas capoeiras, carrascos, caatingas e mata-pastos, acompanhando certos garimpeiros em direção das serras e dos grotões – lugares propícios a bojos de cristal.

Nesse tempo, o rapaz de Barra do Mendes começou a ter sonhos repetidos com bojos daquelas pedras. O certo é que, logo depois, foi para o garimpo e bamburrou num bojo enorme de cristais pesados. Apurou bastante dinheiro com a venda das pedras. Sua primeira providência foi comprar um grande Cercado de terra massapê com excelente pomar, no brejo da Fonte de Cima, para onde se mudou. Depois, viajou para São Paulo, comprou uma biblioteca inteira e instalou em sua casa, que construiu embaixo das mangueiras. Dizem que ainda tem muito dinheiro depositado em banco.

Sua vida é recheada de excentricidades, por conta dos acontecimentos de seu passado, de suas atitudes do presente e, principalmente, de certos poderes que os moradores da Vila dizem que ele possui. Anacoreta, nunca se casou. Como precisava de alguém para cuidar da casa, principalmente de sua biblioteca, começou a observar as mulheres que lavavam roupa na Fonte de Cima, para escolher uma para o ofício. Quando elas iam estender as peças no quaradouro do verde gramado, ficavam bem próximas da cerca de sua propriedade. Dessa maneira, ele podia examinar uma a uma, inclusive, ouvir as conversas entre elas.

Depois de acurada análise, o eremita resolveu abordar uma morena miúda e de voz cheia, chamada Teresa, que ia lavar roupa pelo menos duas vezes por semana naquela Fonte. Instada a aceitar a ocupação, a lavadeira argumentou que seu marido jamais

aceitaria que trabalhasse fora de casa. De qualquer maneira, iria falar com o esposo, pois seriam apenas dois ou três dias de serviço por semana. Além do mais, em sua casa a precisão de dinheiro era premente.

A bem dizer, passados alguns dias, Teresa já estava cuidando da comida e da biblioteca daquele sujeito excêntrico, a contragosto de seu companheiro. Era algo jamais imaginado em toda sua vida. A partir dali, nasceu uma grande afeição entre patrão e empregada.

Algum tempo depois, Teresa aparece no Brejo, soluçando, numa angústia de dar dó.

- Seu Boaventura, meu filho de meses está morrendo! Foi desenganado ontem de tarde! Eu queria que o senhor batizasse ele para não morrer pagão!

- Calma, criatura! Conta essa história direito!

- Minha criança, de repente, encheu o corpo todo de manchas, está no couro e no osso. Já dei todo tipo de meizinha, até remédio da farmácia do Doutor Gasparino, e nada! Anteontem, nos falaram de um curador pros lados da Imbaúba. Levamos lá o menino. O curandeiro passou uns ramos na criança e depois de algum tempo, baforando fumaça do seu cachimbo, sentenciou:

- A senhora tem outro filho?

- Temos sim, uma garota.

- Então entrega este a Jesus, não tem mais jeito!

- Saímos de lá desesperados, xingando o charlatão e toda sua gerendêcia.

- Vá a sua casa e traga o menino. Vou ver o que posso fazer.



# 5

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas. Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podeis visitar nem mesmo em sonhos. Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados. \*

## **Já ouviu falar em geração Baby Boomer?**

Alguns dias depois, adequadamente nutrido e tratado, o menino já se encontrava em plena recuperação.

Por conta dessa façanha, Boaventura dos Santos virou um semideus para Teresa, um perigo no pensamento enviesado do marido, e para o povo do lugar: Velho Boa - O Bruxo do Brejo.

Não demorou muito, a mulher cismou de pagar uma promessa feita a São João Batista, que fizera na véspera, a contragosto do brejeiro e protesto do marido: prometera ao santo que o menino, caso se salvasse, seria batizado pelo patrão com o nome de Boaventura.

O padrinho, depois de muito ponderar, resolveu o problema do juramento da feliz genitora. O garoto foi batizado como *Ciro Ventura Coelho*. Pegou um livro na estante e explicou para a mãe como escolhera o nome para batizar o menino:

- Teresa, está aqui! Ciro é um nome persa que significa Deus do Sol. Ventura é uma parte do nome do padrinho, e Coelho o sobrenome que você, com justo orgulho, diz ser da família do Coronel Militão Rodrigues Coelho, seu parente longínquo.

Esse arranjo só não aplacou o ciúme doentio do marido. Algum tempo depois, seu juízo ficou azucrinado com o falatório das pessoas, a ponto de abandonar a mulher com os filhos e sumir no mundo sem deixar rastros.

Boaventura dos Santos então tomou para si o sustento e a educação do afilhado. Desde pequeno, o garoto mostrou certo pendor para a arte da música e vivia encafudado na casa de Tido, conhecido tocador de banjo da Rua 7 de Setembro, filho de Dona Josefa, que tinha uma enorme gameleira no terreiro. O garoto participava dos saraus daquela casa, misturado com a prole do artista, pois todos ali acompanhavam o músico tocando algum tipo de instrumento. O rapaz foi logo presenteado pelo padrinho com um pequeno violão.

- Todos esses fatos, Dani, a bem da verdade, fiquei conhecendo pela boca do meu querido padrinho.

Quando o Jordão conseguiu emancipação política e se tornou a cidade de Ipupiara, assisti a seu primeiro nativo, Ciro Ventura Coelho, partir para estudar fora, na Cidade da Barra do Rio Grande. Depois de formado professor, o padrinho chamou o afilhado e lhe falou sobre o Brasil oficial e o Brasil real. Aconselhou seu protegido a ir para São Paulo tentar a carreira artística. Sugeriu ao jovem a adotar o nome artístico de “Ciro Jordão”.

- Meu primeiro contato mais consciente com a música foi ainda em Ipupiara, através de uma vitrola Phillips movida a pilha, na casa de seu João Pery. Eu ficava horas a fio ouvindo o

que mais era tocado no rádio, na época: Miltoninho, cantando Poema do Adeus, Orlando Dias - Tenho Ciúme de Tudo, Nelson Gonçalves - Fica Comigo esta Noite, Altamar Dutra - Tudo de Mim, Silvinho - Mulher Governanta e Raul Sampaio - Quem eu Quero não me Quer.

- Quem me fez apaixonar definitivamente pelo encanto da música foi um radinho portátil japonês de marca Fujiyama, com capa de couro, que ganhei do padrinho. Como vivia ligado dia e noite, as cargas de suas pequeninas pilhas se esgotavam em poucos dias. Para resolver esse problema, improvisei uma engenhoca. Guardei a capa de couro em casa e construí uma caixa de madeira para agasalhar o rádio e quatro pilhas das grandes na parte traseira. Desta forma, diminuíram sensivelmente os gastos com a manutenção do aparelho.

- Foi também o Fujiyama que me ensinou a primeira lição sobre música. Ele me fez perceber que determinada música marca momentos importantes da vida da gente. Um desses momentos foi exatamente durante a minha viagem para São Paulo, em 31 de março de 1964. Na noite do dia anterior, no camarote do Vapor no Rio São Francisco, dormi ouvindo no meu radinho, Roberto Carlos, Altamar Dutra, Nara Leão, Elis Regina e Noite Ilustrada. Quando acordei, o único som que eu ouvia era de bombardinos, trompetes, tubas e pratos, som dos dobrados e marchas militares renitentes que tocavam em todas as rádios, Brasil afora. Anunciavam, com toda pompa, a revolução que não disparou um único tiro!

- Ao aportar nessa Terra da Garoa, me associei com alguns contrerrâneos e montamos esta República dos Inocentes. Aí, para cumprir o prometido ao padrinho, comecei a tocar em bares da periferia da Cidade.

- Não demorou muito tempo para o desalento se abater sobre mim. O sonho de me transformar em artista de renome foi virando uma quimera, dia após dia. Talvez por absoluta falta de talento para o mister, ou de persistência mesmo. O dinheiro ia ficando escasso e me bateu o desespero. Naquela pasmaceira, me lembrei dos tempos de estudante na Cidade da Barra. Lá, funcionário de Banco Oficial era considerado “bom partido para casamento” por conta do excelente salário que recebia. Com esse pensamento, decidi então fazer o concurso e, aprovado, virei bancário.

- Dessa minha fase de cantor de barzinho, confesso, se restou algo de bom, que valeu a pena a tentativa, foi o fato de ter conhecido você, Dani. Esta é a verdade histórica de Ciro Ventura Coelho! E a sua?

- Sua vida até aqui, Ciro, apesar de todos os percalços, a bem da verdade, foi pródiga em acontecimentos interessantes e emocionantes. A minha, ao contrário, foi tão desenhavida e insossa, até essa quadra, que poderia resumir em não mais que meia dúzia de palavras.

- Meu nome completo é Daniela Arruda Guedes, eis aqui minha identidade que não me deixa mentir. Sou filha de um cafeicultor e de uma dona de casa, de certas posses, moradores na fazenda da família no distrito de Simões, município de Cafelândia, a 440 km de São Paulo. Dizem que somos descendentes dos fundadores do Lugar. A única passagem digna de registro em minha curta existência foi a mudança para a Capital, onde passei no vestibular e entrei para a faculdade.

- Caso você olhe com atenção, verá que o nome que está na identidade ali no chão é de Pedro Arruda Guedes. Trata-se de meu irmão, que chegou com o pai na noite de ontem, para morar

comigo e fazer vestibular. Como eu estava saindo para cá, trouxe o documento dele para tirar xerox.

- Quanto ao caderno que está em suas mãos.... Já ouviu falar em geração Baby Boomer?

- Estou ouvindo agora! O que é isso?

- É chamado de Baby Boom qualquer período da história de um povo, quando o coeficiente de natalidade cresce de forma drástica e anormal. Pessoas nascidas nesse período são chamadas Baby Boomers. Muitos momentos de Baby Boom foram registrados na história da humanidade. Quase todos eles geralmente decorrentes de boas colheitas, vitórias em guerras ou esportes, ou até mesmo devido à superstição.

- O termo Baby Boom foi difundido a partir dos Estados Unidos e se espalhou pelo mundo inteiro, assim que terminou a II Guerra Mundial. E é precisamente esse período que me interessa. Quando a guerra terminou e os soldados voltaram para seus países, nove meses depois desembestou a nascer crianças. Foi isso que aconteceu com milhares de casais americanos e de países aliados com o fim da Segunda Guerra, em 1945. Essa explosão demográfica só iria enfraquecer cinco anos depois.

- Nos quinze anos subseqüentes ao confronto mundial, uma torrente de otimismo alastrou-se pelos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e por outros países aliados. No Brasil, essa euforia se verificou nos anos do governo JK, de 1956 a 1960. A economia do nosso país andava a todo vapor e o desemprego era baixo.

- O que aconteceu após a Segunda Guerra Mundial foi uma conjunção de fatores: otimismo juvenil, bens materiais em abundância, vitória em uma guerra, medo de perder em outra.

- Nossa geração pós Guerra hoje está na casa dos vinte anos e querendo transformar o mundo. Em conversa com o professor Sergio, dissecamos esse assunto e, pelo menos num ponto, concordamos: temos o privilégio de ser a geração que está vivendo numa das fases mais ricas da história da humanidade. Dessa forma, fiquei exultante ao verificar que havia encontrado o tema da monografia de conclusão do meu curso na faculdade: “A Geração Baby Boomer”. Há algum tempo comprei este caderno e comecei as minhas pesquisas.

- Buscava ali, investigava acolá, escarafunchava sempre, indagando de uns e de outros. Desse modo, meus estudos foram ganhando outra dimensão. Em dado momento, comecei a fazer parte de organizações clandestinas de estudantes e fui tomando gosto por essas atividades. Também me imiscuí nos movimentos de trabalhadores e aí, meu caderno foi se enchendo e seu conteúdo se tornando cada vez mais crítico ao regime do general de Brasília, e perigoso até para a minha segurança.

- Como sei da ligação política de meu pai com Altos Coturnos do Golpe Militar de sessenta e quatro, eu trouxe o caderno para guardar no seu apartamento, pelo menos durante a permanência dele aqui em São Paulo. Caso meu pai bote os olhos no que escrevi aí, será bem capaz de me levar de volta para o interior e me trancar na casa da fazenda. Essa é a minha verdade, e com todas as provas materiais e circunstanciais necessárias!

O resultado do jogo da verdade entre os dois namorados foi surpreendente: Daniela não vestiu mais sua roupa nas duas horas que se seguiram e o embrulho que veio de Ipujiara permaneceu esquecido, mais uma vez, num recanto do aposento.

# 6

Mestre, fala-nos da Dádiva!

Vós pouco dais quando dais de vossas posses.  
É quando dardes de vós próprios, que realmente  
dais. Pois, o que são vossas posses, senão coisas  
que guardais por medo de precisardes delas  
amanhã? \*

## **Versão moderna da Caixa de Pandora**

Os ânimos do desatino amoroso daquele conchegativo fim de tarde só foram arrefecer quando o lusco-fusco virou noite de clarões elétricos, filtrados pelas janelas do apartamento do bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Ciro então começou a despreguiçar e, num desses movimentos, virou-se para o lado esquerdo da cama e deparou com o embrulho enviado por seu padrinho de Ipujiara, ainda intacto, esperando para ser aberto.

- Dani! O pacote da Bahia! Tem sempre algo atrasando sua abertura. Será que ele traz notícias ruins? O padrinho não costuma me escrever!

- Ciro, espera um pouco até eu ir pegar uma tesoura. Você abre e, finalmente, dirime suas dúvidas.

Desfeito o embrulho, uma surpresa: seu interior expôs à vista dois pacotes e uma carta. Um dos volumes e a carta estavam

endereçados a Ciro Ventura Coelho. O pacote mais robusto era sobrescrito para um tal de “Noel Serafim”, em Ibotirama – Bahia.

- Esse embrulho está se revelando uma versão moderna da Caixa de Pandora, Dani!

- Tudo isso é muito estranho, mesmo. Seu protetor lhe mandar um pacote endereçado a uma pessoa que mora na sua região! Quem é esse tal de Noel Serafim, você conhece?

- Nunca tive o prazer de conhecer! Entretanto, o padrinho me falou várias vezes que havia se tornado muito amigo de um garoto com esse nome! Talvez no escrito ele esclareça esses detalhes. Dá aqui a carta para eu abrir e veremos o que diz.

*Ipupiara, Ba, 10 de abril de 1968*

*Meu querido Venturinha,*

*Segurei o mais que pude, adiando um momento de profunda gravidade! Mas, de repente, todo meu ser foi invadido por intenso desalento espiritual que propiciou tirar o verbo do fundo da alma, de escriba de parques conhecimentos e pouco escorreito, para lhe dar a notícia de que a minha passagem proficua pela Terra está se esvaindo, chegando ao fim.*

*Só espero, ao fim e ao cabo, que lhe tenha mimoseado com cabedal de minhas posses de somenos importância para sua vida do que o transmitido de mim mesmo, o legado dos meus exemplos e de meus ensinamentos.*

*Talvez você esteja considerando, e com justa razão, esse intróito muito estranho, hermético e meio empolado, falando de crepúsculo, de ocaso. Ocorre*



*que fui aquinhoado com certos pendores para a paranormalidade e, às vezes, ocorrem-me progressões e vejo coisas que são inalcançáveis a outras pessoas.*

*Meu afilhado deve estar pensando que esta minha remessa é uma espécie de Caixa de Pandora. Mas não é bem o caso. Estas palavras que estou endereçando a você, mais os pacotes que ora lhe remeto, estão no âmbito de alguns pedidos que sou forçado a fazer, premido pelas circunstâncias.*

*Aí vai um pacote destinado a um jovem muito especial para mim chamado “Noel Serafim” morador atualmente em Ibotirama, cidade que fica a poucos quilômetros de nossa Ipujiara. Você deve estar achando que estou decrépito e imagina que seria muito mais fácil eu ter remetido diretamente a ele, daqui. “A vida não é uma estrada reta e segura que trilhamos livres e sem obstáculos, mas, frequentemente, um labirinto com várias passagens, pelas quais devemos procurar o caminho, perdidos e confusos, de vez em quando presos em um beco sem saída”. É necessário que você entregue pessoalmente esse mimo. Não tenha pressa em desempenhar a tarefa. O querido afilhado saberá o momento certo de fazer.*

*Quanto ao pacote endereçado a você, peço que só abra após tomar conhecimento da minha passagem para o outro plano, que, como já salientei, está bem próxima. E, quando isso acontecer, você fará uma longa viagem, que poderá mudar o rumo de sua vida.*

*Para finalizar, desejo e imploro que você seja protegido pelo Altíssimo na longa jornada que irá empreender.*

*Sem mais,  
receba as bênçãos diamantinas  
do seu saudoso padrinho*

*Boaventura dos Santos*

- Fiquei estonteada com tudo isso! Não estou entendendo nada!

- Mais confuso estou eu! Não consigo raciocinar direito. Que atitude tomar num momento como esse?

- Seu padrinho foi bem claro quando disse que você vai saber o que deverá ser feito, no momento oportuno! Será que ele sabe mesmo que vai morrer, e quando vai morrer?

- É isso que me deixa mais confuso! A pessoa saber que vai morrer, deve ser horrível!

- Vou deixar você sozinho para poder pensar melhor. Antes, gostaria de lhe dizer que estou impressionada com o alto grau de saber de seu padrinho. Não imaginava que moradores do sertão agreste daquela parte do Brasil, distante dos grandes centros urbanos, tivessem tamanho traquejo literário! Esta carta...

- A isso se chama preconceito, Dani!

- Está me chamando de preconceituosa?

- Talvez no seu caso seja desinformação.

- O preconceito antinordestino, Dani, é uma realidade desde os tempos de antanho, como expressão de racismo. Este conceito racial predeterminado é indigno do ser humano, mas, paradoxalmente, é inerente ao próprio homem. Eu li num livro da biblioteca do meu padrinho que, no Segundo Império, havia um movimento para tentar embranquecer o Brasil. Nossas autoridades de então tinham vergonha de nossa origem de negros, índios, caboclos e caburés na formação da população, principalmente, do Nordeste do país, que contrastava com a preponderância dos brancos no Sudeste e, em proporção ainda maior, no Sul, e incentivaram a imigração de europeus.

- Mas houve um tempo, até a primeira metade deste século XX, em que a mão-de-obra nordestina era disputada em

concorridos pregões, com agenciadores postados no porto de Pirapora, em Minas Gerais, para arregimentar os candidatos a tocar as fazendas de café no interior paulista e ajudar a construir a cidade de São Paulo. Até me falaram que isso está registrado em livro por um ribeirinho chamado Osório Alves de Castro, escritor nascido em Santa Maria da Vitória, na Bahia, que vive boa parte de sua vida em Marília.

- O preconceito antinordestino enxerga no migrante o pobre, o analfabeto, o operário, aquele que está quase sempre pronto a puxar uma peixeira da cintura. Essa opinião formada baixou para o pejorativo ao chamar de “baiano” todo cidadão oriundo de qualquer estado do Norte e do Nordeste . Mesmo o termo “nordestino”, em si, com o passar do tempo, foi incorporando certa carga depreciativa no “Sul Maravilha”. Imagina você chamar um paulista de “sudestino”! Ele vai ligar, imediatamente, o sufixo ao Nordeste e fechará a cara!

- É muito comum também a discussão sobre sotaque! Durante a minha experiência de cantor de periferia, conheci muitas pessoas que me questionavam sobre a minha origem. Quando eu falava que era da Chapada Diamantina, muitos diziam: você não tem sotaque de baiano! Não fala arrastado! Eu era instigado a replicar que sotaque é a “pronúncia característica do indivíduo de determinada região”. No Brasil existe o sotaque gaúcho, paulista, maranhense, goiano...

- Ciro, você fez um justo desabafo e deu uma verdadeira aula de brasilidade! Parabéns! Depois telefone para acertar nossa ida para o 1º de maio na Praça da Sé. Tchau!

- Tchau! Até amanhã!

# 7

E quem sois vós para que os homens devam expor seu íntimo e desnudar seu orgulho a fim de que possais ver seu mérito despido e seu orgulho rebaixado? Procurai ver, primeiro, se vós próprios mereceis ser doadores e instrumentos do dom. Pois, na verdade, é a Vida que dá à Vida – enquanto vós, que vos julgais doadores, sois simples testemunhas!\*

## **Zequinha Barreto! Quem é?**

Nesses quatro anos de regime militar, o movimento estudantil brasileiro está se firmando como o principal opositor dessa ditadura dos altos coturnos. E essa oposição não se reflete apenas no empenho com que organiza suas entidades representativas, mas, também, pelas lutas em favor dos interesses da classe trabalhadora, contra o arrocho dos salários, contra a lei antigreve, e contra a censura. A juventude estudantil e trabalhadora brasileira está sendo agente propulsor de uma verdadeira revolução cultural e de comportamento, porquanto, rompe os grilhões dos padrões da moral dos pais, do modelo de um Brasil aristocrata,

agrário e rural. É uma juventude urbana, independente, que labuta, estuda e faz ruptura com a hipocrisia e com os valores arcaicos, com referência à Igreja, à mulher, ao teatro e à música - através dos festivais de música popular brasileira.

Enquanto a ditadura militar tenta, a todo custo, reprimir e censurar qualquer tipo de expressão do pensamento cultural brasileiro, os jovens estudantes, além de serem autores e atores desse movimento revolucionário, estão na frente do combate a este governo discricionário.

As entidades sindicais, nesse período ditatorial, foram sendo esvaziadas de suas lideranças mais autênticas e combativas. Agora são dirigidas por interventores oficiais, perdendo assim o papel de instrumento de luta de classe e se transformando em aparelho político do Estado; dominam, amortecem e dificultam os movimentos de reivindicação dos trabalhadores.

Neste contexto, diretores pelegos dos diversos sindicatos do ABC e de São Paulo decidiram organizar um ato público a ser realizado em 1º de maio deste ano da graça de 1968, na Praça da Sé, centro da capital paulista. Esses bajuladores e lambe-coturnos acharam por bem convidar uma autoridade para o ato, cuja presença é considerada inoportuna nas comemorações do dia do trabalhador, nada mais nada menos que Abreu Sodré! O interventor federal nomeado pelo regime militar para governador do Estado de São Paulo. Os setores oposicionistas, que combatem ferrenhamente as atitudes dessas diretorias subservientes, não gostaram da provocação. Convocaram os trabalhadores para o evento e arquitetaram uma estratégia para retomar as mobilizações.

O entrevero está armado. Os estudantes e trabalhadores não vão deixar barato. Iremos todos à luta!

O que aqui está dito, Ciro leu no caderno de Daniela, na noite do dia 30 de abril.

A quarta-feira, dia do trabalhador de 1968 na cidade de São Paulo, já amanheceu com a atmosfera política mais enfarruscada e abafada do que o mormaço e a frialdade do tempo no velho centro da cidade. O palanque armado na Praça da Sé era prenúncio de confrontação iminente, no 1º de maio, com quinze mil pessoas acotoveladas, considerando insultuosa a presença ali do governador. As esquerdas não queriam aceitar passivamente que os promotores daquela comemoração, agentes da ditadura, viessem posar de políticos ligados às causas populares.

Nesse dia, iria acontecer o vínculo mais forte entre trabalhadores, estudantes e as organizações clandestinas. Esses grupos da esquerda brasileira, que já possuíam, na ocasião, certo esquema militar e já estavam iniciando ações armadas.

Iniciado o ato, cada pelego que subia ao palco e iniciava o discurso, sua fala era coberta pelas vaias da multidão. E quando o governador Abreu Sodré começou a falar, houve um rebuliço na praça. As vaias recrudesceram, começaram a jogar bolas de papel e pedaços de pau no palanque. De repente, Sodré é atingido na testa por uma pedrada. Ensanguentado, é obrigado a se retirar e se refugia na Catedral da Sé. Os manifestantes tomam então o lugar da Comissão Oficial. Fazem vários discursos de protesto contra as medidas econômicas e políticas do General Presidente.

Ciro Ventura, nesse meio tempo, postado em posição estratégica, observava Daniela, toda agitada no meio dos manifestantes, gritando palavras de ordem. Ato seguinte, o palanque foi incendiado e a multidão começou a se movimentar.

- Os companheiros estão se dirigindo para a Praça da República! Vamos, Ciro!

- Isso está ficando muito perigoso, Dani! Você viu que apedrejaram o governador. A Polícia Militar e o Exército estão de prontidão. Pode haver repressão e este centro de São Paulo vira um inferno. É melhor a gente ir embora!

- Não se preocupe! Tem muita gente insatisfeita dentro das Forças Armadas. O Exército está concentrado no Ibirapuera! Fiquei sabendo, de fonte segura, que o comandante da tropa, capitão Carlos Lamarca, deu ordem a seus comandados para não se mexerem. Por isso, posso lhe garantir que não vai haver repressão alguma. Vamos à Praça da República!

Chegando ao seu destino, depois de atravessar o centro da Cidade, os manifestantes improvisaram um palanque e os discursos recomeçaram. O último discurso foi proferido por um jovem alto, moreno e compenetrado. Sua fala foi tão veemente e tão bem entoada que arrebatou a multidão.

- Ciro, você sabe quem é este que está falando?

- Gritaram aí o nome de Zequinha Barreto! Quem é?

- Zequinha Barreto é uma das lideranças mais importantes dos movimentos de estudantes e de trabalhadores de Osasco. Você sabia que ele é baiano de Brotas de Macaúbas?

- A cidade de Brotas faz divisa com Ipuiara, onde eu nasci.

- É mesmo? Daqui a alguns dias, vou a Osasco fazer uma entrevista com ele. Fui informada de uma greve que está sendo articulada lá, que vai paralisar as atividades das empresas daquela cidade. E ninguém melhor do que ele para falar sobre isso. Meu caderno irá agradecer.

## 8

Que pensas de nossas Leis, Mestre?  
Que leis temereis se dançardes sem tropeçar  
em nenhuma prisão humana? E quem vos  
poderá acusar em juízo se rasgais vossas  
vestimentas, sem as atirar no caminho alheio?  
Podeis abafar o tambor e afrouxar as cordas da  
lira, mas quem poderá proibir a cotovia de  
cantar? \*

### **José Campos Barreto está preso.**

Significou uma vitória, para trabalhadores e estudantes paulistas, e concorreu para a eclosão da Greve de Osasco, o episódio do 1º de maio na Praça da Sé. O movimento político dos estudantes de Osasco era tão sólido que até o prefeito da cidade foi acusado de agitador pelo DOPS.

Este tempo de perda da liberdade democrática fez com que se desenvolvesse no Lugar uma forte influência da classe estudantil sobre os outros segmentos sociais. O maior agente disseminador dessa ascendência era, indubitavelmente, o grupo formado pelos estudantes secundaristas. É natural que alguns dos



líderes da cidade tenham sido ou são estudantes secundaristas, como José Ibrahim, Roque da Silva, José Campos Barreto, entre outros. Zequinha Barreto, além de ser estudante, também é operário.

O movimento secundarista de Osasco começou a se desenvolver com o CEO (Círculo Estudantil de Osasco), entidade criada em 1966. O baiano José Campos Barreto, apelidado de Zequinha Barreto, foi eleito primeiro presidente do CEO, quando era funcionário da Lonaflex. Foi demitido em pouco tempo desse emprego, devido ao rebuliço que promovia no interior da fábrica. Logo depois, conseguiu emprego na Cobrasma. A pretensão desses estudantes secundaristas era reproduzir as manifestações dos colegas de outras cidades. Achavam o caminho mais eficaz para unir a política estudantil e a operária.

Por ocasião da paralisação da Cobrasma, em julho de 1968, ocorreu a última grande demonstração de força e organização do grupo de estudantes secundaristas de Osasco.

A greve da Cobrasma é organizada de dentro para fora e tem a coordenação do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. A empresa é a maior metalúrgica da região. Para marcar o protesto contra o arrocho salarial, contra a violenta repressão aos movimentos sociais e sindicais, os operários param a produção e prendem quinze engenheiros como reféns. Iniciava-se desse modo, a paralisação nessa empresa, às 8:30 horas de uma terça-feira, 16 de julho de 1968. Os operários das fábricas Braseixos, CimaF, Lonaflex e Osram também cruzaram os braços e aderiram ao movimento reivindicatório.

A madrugada fria de 17 para 18 de julho foi o cenário para desocupação da Cobrasma e conseqüentemente o fim do movimento grevista. Durante a noite, o Exército já havia ocupado

os pontos estratégicos da cidade. Tropas da Polícia Militar cercaram a Empresa e ficaram em prontidão para efetuar um ataque fulminante e violento. Um oficial ordena então ao pelotão para tomar de assalto a fábrica. Zequinha Barreto escuta a voz de comando do tenente e, naquele instante, improvisa um vagão de trem como palanque. Dali de cima, faz um discurso inflamado aos soldados. Pede que lembrem de suas origens, que também eram filhos do povo, de operários e camponeses e que ali, no meio deles, havia muitos nordestinos, com amigos e parentes entre os grevistas. Os militares, ao ouvirem a fala de Zequinha param e, por um momento, perdem a noção de disciplina. Ele argumenta aos policiais que os operários de Osasco lutam por melhores salários, contra o regime ditatorial e por uma vida melhor.

O comandante da tropa então, percebendo a situação, procurou se impor aos gritos e ordenou que os soldados avançassem. Zequinha Barreto, num ato de coragem extrema, decide correr para o depósito de gasolina, acende uma tocha, e fica ameaçando explodir a metalúrgica. Foi um instante de correr e confusão generalizada. Se ele concretizasse a ameaça, seria morte certa para todos que ali estavam. Prevendo uma desgraça iminente, os soldados estancaram assombrados e, na confusão que foi armada, diversos operários e muitos dirigentes da greve puderam escapar. Mais de quatrocentos operários se entregaram. Zequinha Barreto, na tentativa de escapar, saltando um muro, foi preso. Começou a ser espancado ali mesmo.

No dia seguinte, Ciro leu em entrevista concedida aos jornais pelo Ministro do Trabalho, Coronel Jarbas Passarinho, a seguinte notícia: “A Cobrasma está sob controle. José Campos Barreto foi preso”.

Essa nota despertou a curiosidade do rapaz, que começou a se questionar se Daniela havia conseguido entrevistar Zequinha Barreto, antes de ser preso. Ela saíra de férias de meio de ano e lhe disse que iria passar um mês com os pais, no interior.

# 9

Fala-nos da Tristeza, Mestre.

Alguns dentre vós dizeis: A alegria é maior que a tristeza, e outros dizem: Não, a tristeza é maior! Porém, eu vos digo que elas são inseparáveis! Vêm sempre juntas; e quando uma está sentada à vossa mesa, lembrai-vos de que a outra dorme em vossa cama! \*

## **A tarde já era ocaso no porto de Pirapora**

Os atropelos de certos momentos da vida de uma pessoa, muitas vezes, são tantos que chegam a embaralhar por demais o juízo da criatura. Esses acontecimentos de mau agouro levam a tal desordem o dia a dia do indivíduo que abalroam sua rotina e a conduzem para a entrada de um labirinto, que ele acredita quase sem saída.

Um turbilhão de fatos dessa espécie já azucrinava as idéias de Ciro há algum tempo. Seus infortúnios começaram, a bem dizer, com o fim das férias escolares de meio de ano. Permaneceu algum tempo ansioso, no aguardo do regresso de Daniela do interior, mas a namorada não apareceu. Os meses foram passando

e nenhuma notícia dela. Decidiu então ir ao apartamento da moça, coisa que nunca havia feito antes, e só encontrou o irmão.

- Oi, Pedro, como vai? A Daniela ainda não retornou do interior?

- Oi! Quem é você? De onde me conhece?

- Eu sou o Ciro Ventura, namorado de sua irmã. Muito prazer! Dani me mostrou seu documento de identidade.

- Ah!... As notícias não são lá muito boas para o lado de vocês! Parece que meu pai descobriu as atividades políticas da minha irmã. Eu ouvi os dois discutindo. Pelo que entendi, já levou Daniela para ficar isolada na fazenda. Ela não vai nem poder lhe escrever e muito menos telefonar. Na fazenda não há telefone. E tem mais, o velho vai trancar a matrícula da Dani na faculdade.

- Ela deixou algum bilhete com você pra me entregar? Talvez um caderno?

- Não deu tempo! Meu pai pegou a Dani de supetão, em Osasco, e foram de lá direto pra fazenda.

Ciro saiu dali pensando, desesperadamente, numa maneira de ultrapassar mais esse obstáculo, que era pior do que aquelas provas de Olimpíadas. Ao entrar em seu apartamento, mais alguns corredores sombrios foram acrescentados ao seu já intrincado labirinto: chegara uma carta de Ipupiara, dando notícia da morte recente do seu velho padrinho Boaventura dos Santos.

No dia seguinte, correu para o seu chefe no Banco e procurou saber informação sobre um pedido de licença de um ano que havia mandado para a direção da Empresa. Para seu alívio momentâneo, foi comunicado da chegada, no malote daquele dia, da autorização para o seu afastamento.

Com o documento em mão, Ciro Ventura providenciou passagem para Belo Horizonte, não sem antes tomar

conhecimento do conteúdo do pacote que ele, há algum tempo, havia recebido do padrinho, com pedido expresso de só ser aberto depois da morte do remetente.

Da capital mineira, pegou um trem da Central do Brasil com destino a Pirapora, nas barrancas do Velho Chico, para então, daquele porto, descer o Rio, embarcado, até Ibotirama.

Chegando a Pirapora, ficou sabendo que o Vapor só partiria dali a dois dias. Só restava a Ciro então ficar perambulando pelos botecos do Lugar. Vagueou por ruas, becos e bares. Depois de já ter degustado a terceira dose da cachaça Januária, apurou os ouvidos e escutou a voz de alguém cantando a música Eleanor Rigby. Achou muito estranho um morador do lugar entoando aquela canção:

“Ah, look at all the lonely people! Eleanor rigby picks up the rice in the church. Where a wedding has been. Lives in a dream. Waits at the window. Wearing a face that she keeps in a jar by the door. Who is it for?”

Quem estará cantando Eleanor Rigby dos The Beatles, aqui nessas margens do Rio São Francisco? – Perguntou aos seus botões. Foi se avizinhando do botequim e custou a enxergar o jovem, já nos últimos acordes da canção dos Rapazes de Liverpool, no centro de uma roda de atentos ouvintes. Estacou, de repente, espantado! Apurou a vista, e só então teve certeza de que o cantor era seu conhecido!

Ficou na espreita, um pouco afastado, mas o camarada não arredava o pé do lugar. Seu bom senso lhe dizia que não caía bem entabular conversa com ele no meio daquela platéia de gente tão interessada em ouvi-lo.

Já no dobrar do dia, com a tarde virando ocaso no porto de Pirapora, e a luz do sol ficando rente com as maretas do Velho

Chico, dando pra se ouvir o barulho da cachoeira, foi aí que o rapaz saiu do bar. Com seu violão a tiracolo, se dirigiu à pensão onde Ciro estava hospedado.

- Por gentileza! Eu gostaria de falar com você. Permita que me apresente? - Ciro Ventura Coelho, às suas ordens!

- Você me conhece? De onde?

- Eu fui um dos milhares de ouvintes atentos que escutaram o inflamado discurso de Zequinha Barreto, na Praça da República, no 1º de maio. Depois, li nos jornais a notícia sobre sua prisão, em Osasco. Eu posso imaginar o que esteja fazendo aqui em Pirapora!

- Muito prazer, Ciro! Engraçado, tenho a impressão de já ter ouvido seu nome em algum lugar.

- Este caderno lhe diz alguma coisa?

- O caderno marrom de Daniela, a universitária! Ela me entrevistou lá em Osasco. Disse que o material era para um trabalho de faculdade e para um livro que pretendia escrever, posteriormente. Gravei muito bem o nome dela, porque me falou que namorava um conterrâneo meu. Então é você o Ciro Ventura de Ipujiara? O que faz em Pirapora?

- Vou pegar o Vapor com destino a Ibotirama!

- Que coincidência! Também estou indo pra lá! Pode me responder o que vai fazer em Ibotirama?

- Posso lhe responder, só não sei se vai entender. Estou encarregado de entregar um pacote a uma pessoa que mora naquele lugar. Depois de me desincumbir dessa tarefa, vou tentar sair de um labirinto!

- Como assim?

- É uma história meio intrincada. Como nossa viagem será longa - talvez se arraste por sete dias e sete noites - não vai

faltar tempo para eu lhe contar os mínimos detalhes. Antes disso, gostaria que lesse o que a Dani escreveu no caderno sobre você!

Zequinha Barreto grudou os olhos no manuscrito e começou a ler, ali mesmo:



# 10

Mestre, fala do conhecimento de Si Próprio!  
Quereis tocar com os dedos o corpo nu de vossos sonhos. E é bom que o desejeis! Mas não useis balanças para pesar vossos tesouros desconhecidos; E não procureis explorar as profundidades de vosso conhecimento com uma vara ou uma sonda. Porque o Eu é um mar sem limites e sem medidas. \*

## **A fim de botar as idéias em alinho**

A bem da honestidade, devo confessar, e deixo isso inventariado no meu caderno, para que não paire dúvidas, que a minha intenção primeira, ao entrevistar esse líder de operários e de estudantes osasquenses era, tão somente, a de me informar da organização em que ele atuava para me alinhar na sua bandeira. Mudei de idéia, no meio de nossa conversa! Deu-se que tive consciência, naquele momento, que estava diante de uma pessoa de aura iluminada, escorada em predicados intelectuais muito sólidos. Fruto de sua passagem pelo seminário católico, onde lapidou sua inteligência inata e aprendeu a dominar mais de um

par de idiomas. Naquele momento, me bateu a certeza de que o nome de Zequinha Barreto iria ficar marcado na história das lutas contra a Ditadura Militar neste nosso país. Em vista disso, decidi fazer os apontamentos biográficos dessa figura, dona de trato pessoal tão cativante que, às vezes, chega a seduzir muitos de seus interlocutores:

Veio ao mundo no ano de 1945, José Campos Barreto, apelidado de Zequinha Barreto, em Buriti Cristalino, lugarejo do município de Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, Bahia. É o mais velho dos sete filhos do casal José Araújo Barreto e Adelaide Campos Barreto (Dona Nair).

Pesaram as condições financeiras e a religiosidade de Dona Nair, que foi a responsável pela construção da igreja do Lugar, para a família matricular José Campos Barreto, aos 13 anos, no Seminário de Garanhuns, em Pernambuco. Certamente, foi influenciada pela tradição de muitos pais de Brotas de Macaúbas, que mandavam os filhos que demonstrassem inteligência acima do comum, estudar para ser médico, juiz de direito ou entrar em seminário para se tornar padre.

Ele aproveitou muito bem esse período de quatro anos em que freqüentou a escola religiosa. Aprendeu com os padres-professores latim, francês e inglês. Zequinha todos os anos, no mês de dezembro, vinha passar as férias com a família. Numa dessas visitas (1963) não voltou mais para o seminário. Pelo menos dois fatores excepcionais ocorreram nessa fase de estudos no Seminário, que contribuíram para mudar o rumo de sua vida. Primeiro, tomou a resolução de deixar o Seminário, ao sentir que não tinha nenhuma vocação para abraçar o sacerdócio. Segundo, talvez tenha sido plantada na mente do jovem de Buriti

Cristalino, naquela época, a primeira semente socialista, através da proximidade com as Ligas Camponesas de Francisco Julião.

Naquele tempo, as Ligas Camponesas convergiram a atenção de vários países para Pernambuco. Elas haviam se tornado um brado, de alerta e de protesto, que atraiu para seus núcleos de maior importância visitantes renomados de todos os quadrantes do mundo, como Jean-Paul Sartre, Robert Kennedy, Sargent Shriver, Arthur Schlesinger Jr. e Iuri Gagarin, só para citar alguns. A imprensa internacional guindou Francisco Julião e suas Ligas à condição de símbolos do Terceiro Mundo emergente. Naquela época, as aproximações de Julião com o governo de Fidel Castro foi alvo de amplos noticiários na mídia do mundo inteiro. Acentuando-se mais ainda depois das duas viagens que Julião realizou a Cuba. Em 1960, acompanhando Jânio Quadros, depois em 1961, seguido por uma centena de militantes.

As Ligas Camponesas, criadas numa conjuntura favorável de liberalização política, que coincidiu com o governo Kubitschek, foram marcadas pelo período de ascensão do populismo no Brasil. Parece claro, que a existência do movimento está ligada às ideologias desenvolvimentistas de integração nacional e de expansão da cidadania. Desse modo, as reivindicações camponesas ecoavam como parte de um único e amplo projeto.

Essas Ligas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco. Difundiram-se depois para outras regiões do Brasil e exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964.

Francisco Julião, após ter sido deputado estadual, foi eleito deputado federal por Pernambuco. Foi nesse momento que as Ligas Camponesas chegaram ao ápice de seu prestígio político.

Essa notoriedade se deveu, em grande parte, às repercussões internacionais.

O jovem de Brotas de Macaúbas acompanhou de perto essa notoriedade das Ligas e a repercussão das visitas de figuras ilustres ao Estado de Pernambuco, durante os quatro anos em que esteve em Garanhuns.

Após deixar o seminário, Zequinha Barreto ficou um ano trabalhando na roça e, em 1964, viajou para São Paulo, onde estudava e trabalhava. Em 1965 serviu o exército, no Quartel de Quitaúna. Fez amizade com vários líderes operários, participou de greves e manifestações.

Atuou no movimento estudantil e foi eleito presidente do Círculo Estudantil Osasquense (CEO). Trabalhando em fábricas, aproximou-se de grupos de estudantes-operários ligados à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). No dia 1º de maio de 1968, participou da manifestação organizada por trabalhadores e agrupamentos da esquerda contra a ditadura militar, na Praça da Sé, em São Paulo.

Na greve do dia 17 de julho de 1968, durante a desocupação da Cobrasma foram presos em torno de 60 operários. Alguns dias depois, porém, todos ganharam a liberdade, com exceção de Zequinha Barreto que ficou 98 dias preso, tendo sido barbaramente torturado.

Devo confessar que tive imenso prazer em conhecer um pouco da vida de José Campos Barreto. É um jovem e simpático rapaz de mais de metro e setenta de altura, moreno e bonito. É importante frisar que, dos noventa e oito dias de prisão, sofrendo maus tratos e torturas, demonstra carregar menos marcas físicas do que morais, como consequência do episódio. Isso porque,

além de ter perdido o emprego, está desgraçadamente impedido de se matricular em qualquer uma Universidade Pública do Brasil. Em consequência disso, está de viagem para o Buriti Cristalino. Segundo ele, a fim de botar as idéias em alinhô.

# 11

Fala-nos da Conversação, Mestre.

Vós conversais quando deixais de estar em paz com vossos pensamentos. Pois, o pensamento é uma ave do espaço que, numa gaiola de palavras, pode abrir suas asas, mas não pode voar. \*

## **Zequinha ia lendo os apontamentos de Daniela**

À medida que Zequinha Barreto ia lendo os apontamentos de Daniela, Ciro notava a variação de seu espírito, observando as mudanças nas expressões do rosto enfiado no caderno, e não eram poucas essas mudanças. Finda a leitura, ele permaneceu ali, contemplando o nada, por um longo tempo, como se estivesse olhando para dentro de si mesmo, vasculhando os sentimentos.

- Convenhamos que a imaginação de sua namorada viajou um pouco nos excessos! Mas, gostei do que escreveu. A Daniela não veio com você, para conhecer a Bahia?

- Se não estivesse presa, com certeza viria comigo! A situação da Dani é parte dos meus inúmeros problemas!

- Está em que presídio?

- Em casa!

- Como assim?

- É um longo e intrincado enredo. Esclareço: No início do ano, a Dani me procurou e pediu para eu guardar este caderno. Não queria deixar no seu apartamento, pois o pai, que é cupincha dos altos coturnos do golpe militar de sessenta e quatro, poderia ler o que estava escrito, não gostar do seu conteúdo, e tomar alguma atitude drástica com relação a ela. Acontece que a jovem foi se aprofundando nas pesquisas, aproximando-se dos entrevistados e tomando gosto pelas idéias deles. Ultimamente minha namorada se tornara amiga de sua professora da USP, a Iara Iavelberg, considerada musa das esquerdas brasileiras. Envolveu-se no famigerado e violento encontro da Rua Maria Antonia, onde alunos da Faculdade de Filosofia da USP, na qual predominam as idéias de esquerda, se confrontaram com os estudantes da Universidade Mackenzie, tida como reduto da direita. Essas agressões envolveram tiros, rojões e coquetéis molotov. Um tiro disparado dos telhados da Universidade Mackenzie matou o estudante da USP José Guimarães, de 20 anos. Como você sabe mais do que eu, esse episódio teve enorme repercussão. O fato chegou aos ouvidos do pai da Dani, que acabou descobrindo as atividades em que a filha estava engajada, de oposição ferrenha a esse regime militar nefasto que dá as cartas atualmente em nosso país.

- O que o pai fez?

- Foi a São Paulo e não a encontrou por lá. Procurou daqui, indagou dacolá e foi encontrar a Dani em Osasco, no dia em que

ela entrevistou você lá. Pegou a filha, à força, e a trancafiou em sua fazenda, no interior do Estado. Ela está incomunicável. Sem poder nem mesmo dar um telefonema.

- E você não foi lá peitar o pai de sua namorada?

- Não deu tempo! E esse é mais um dos meus fiascos! Quando soube da situação dela, por sinal, no mesmo dia, chegou uma carta de Iupuiara comunicando a morte do meu velho padrinho Boaventura dos Santos. O homem a quem eu devo tudo. Há algum tempo, ele havia mandado dois pacotes para São Paulo. O primeiro embrulho era endereçado a mim, com a recomendação de só abrir depois de sua morte. O segundo pacote era endereçado a um tal de Noel Serafim, morador em Ibotirama. Quando tomei conhecimento da passagem do padrinho para o outro plano, fui abrir o volume que ele havia me enviado. Seu interior estava recheado de escrituras, recibos, cartas e seu testamento! No dito documento eu sou nomeado seu herdeiro universal, com direito a todos os seus bens, incluídos ali sua grande biblioteca e uma caderneta de poupança no banco da Cidade da Barra, com saldo polpudo, cujo montante ainda vou saber a quantos anda. Já estava prestes a viajar, quando recebi o caderno da Dani, enviado pelos Correios. Não sei ainda como ela conseguiu despachar pra mim.

- Ufa! Giro, seu dia-a-dia anda mesmo bastante atrapalhado. Mas, vislumbro aí, e desejo de todo coração, final satisfatório para todos esses problemas que está enfrentando. Afinal de contas, não é todo dia que alguém é guindado à condição de herdeiro universal, como você!

- Que a sua voz e as minhas preces sejam ouvidas pelo Altíssimo!

- Eu gostaria de lhe pedir um favor.



- O que é?

- Devo lhe confessar que fiquei especialmente interessado e curioso em saber de todos os escritos do caderno de sua namorada...

- Eu deixo você ficar com ele, então. Não preciso nem recomendar que tenha bastante cuidado. Pode imaginar a importância dele para a Dani.

- Eu terei cuidado. Não se preocupe!

- Até amanhã! Foi um prazer conhecer você.

- O mesmo, digo eu.

- Agora vou à beira do Rio indagar do agente de Vapor sobre a previsão da partida da nossa embarcação.

Nessas andanças, Ciro ficou sabendo que o “Gaiola” zarparia no dia seguinte.

No meio da noite, um apito ecoou por toda cidade de Pirapora, e, de seu quarto de pensão, Ciro Ventura pôde identificar o ronco do mesmo Vapor que pegara, há mais de quatro anos, em Morpará, quando estava de mudança para São Paulo.

Aquele porto de Minas Gerais era fim de linha, de modo que o barco só retornaria no dia seguinte, provavelmente à tarde. Naturalmente, ali se efetuaria o processo de carga e descarga de mercadorias.

No outro dia, já no meio da tarde, os foguistas começaram a jogar toras de madeira na fornalha do Benjamim Guimarães. Uma hora depois, as chamas já aqueciam suficientemente a água da caldeira e o velho Vapor estava pronto para navegar. Apitou insistentemente, como chamamento aos passageiros retardatários. De repente, o porto de Pirapora ficou apinhado de gente. No meio daquela multidão, Ciro Ventura e Zequinha Barreto abriam espaço para embarcar.

Ao descer a rampa de embarque, Ciro pôde ler uma frase estampada na bandeira branca hasteada no mastro da proa, junto da pesada âncora: “Das águas do São Francisco onde tudo é mais belo. 01-05-1912”.

Meia hora depois, as cordas foram soltas e o Benjamim Guimarães começou a navegar muito lentamente, descendo o lendário Velho Chico. Repentinamente, acelerou a marcha, num rompante que fez sua roda de popa revirar violentamente as águas, formando maretas cintilantes, iluminadas pelo sol poente das veredas das Minas Gerais.

Diante daquele cenário de harmonia acordada com a natureza, Ciro se quedou a imaginar que, se não fossem todas as suas atribulações, aquela era uma viagem para ser apreciada e aproveitada minuto a minuto. Mesmo assim, como bom observador do ser humano que era, ficaria na espreita para eleger tipos extravagantes para distrair sua longa permanência naquele barco. Eles sempre estão no meio dessas levas, principalmente quando se trata de um grupo de mais de duzentos passageiros.

# 12

Há entre vós aqueles que procuram os faladores, por medo da solidão. E há aqueles que falam e, sem saber ou prever, traem uma verdade que eles próprios não compreendem. E há aqueles que possuem a verdade dentro de si, mas não a expressam em palavras. No íntimo de tais pessoas, o espírito habita num silêncio rítmico\*

## **Chico Prosa, decano da tripulação**

A caldeira do imponente Vapor já resfolegava no meio da madrugada, mandando fumaça para sua enorme chaminé amarela, quando, repentinamente, aconteceu o primeiro contratempo da viagem. O beliche em que Ciro e Zequinha Barreto dormiam foi sacudido e os dois acordaram meio assustados. Mas, deu para ouvir perfeitamente uma voz gritando de fora do camarote.

- O Vapor acaba de encalhar num banco de areia!

Foi preciso deixar o dia amanhecer para se tomar pé da situação. Ao raiar da manhã, Ciro observou que o Benjamim estava muito próximo a uma “coroa” de areia muito limpa e alva, contrastando com algumas carcaças pretas de caris, provavelmente devorados pelos urubus.

Um tipo quarentão, baixote e troncado, só de calção naquela primeira hora da manhã, já fazia seus abdominais e executava saltinhos, disputando espaço na areia com os restos dos peixes mortos. Este foi imediatamente eleito o primeiro personagem digno de nota da viagem, na apreciação criteriosa de Ciro Ventura. Por isso, ele foi imediatamente à cata de informações sobre o sujeito, saber de quem se tratava.

O comissário de bordo, eleito seu segundo tipo extravagante, dono da voz que anunciou o encalhe do Vapor, foi quem deu a ficha completa do atleta da areia ao jovem de Ipujiara.

Chico Prosa, decano da tripulação dessa rota, muito bem à vontade, aboletado numa das cadeiras sob a cobertura do terceiro convés do Vapor, esclareceu a questão.

- Digo, garanto e ninguém pode me desmentir. Aquele troncado ali na coroa é velho conhecido meu, há muito tempo apelidado de João Vigor. Um sujeito meio esquisitão lá de Ibotirama. Ninguém sabe o que faz na vida. O que sei de cor e salteado é que a rotina dele mudou completamente no momento em que chegou a uma conclusão interessante. Fez lá suas contas e concluiu que pagar passagem num Vapor lhe sairia mais barato do que a mensalidade da pensão onde se hospedava. A partir de então, sua vida é comer nosso pirão, pra cima e pra baixo, de Pirapora a Juazeiro e vice versa. Para matar seu tempo, já amanhece o dia de short, fazendo sua ginástica matinal!

Para fazer jus a seu nome, Prosa não se ateve ao tipo da areia. Ao notar que já estava cercado por platéia suficiente, foi rapidamente a seu camarote, pegou um livro e se preparou para soltar a língua de vez.

- Dizem que tomei água de chocalho quando criança e, por isso, falo demais. Não nego! Até me botaram este apelido de

Prosa. Há muito tempo eu brado, e minha voz não encontra eco. Uma embarcação como esta não poderia ficar sem um guia turístico residente. Posso apostar com quem quiser que nenhum vivente consegue permanecer enfiado num barco deste porte, por mais de vinte dias, de bico calado, sem tomar parte numa boa conversa, por mais exuberante que seja a paisagem em nossa volta. O que procuro modestamente fazer é preencher a lacuna desse animador de viagem, para poder quebrar essa rotina modorrenta. E afinal, este Rio e este Benjamim são meus xarás e eu sinto uma necessidade imensa de falar sobre eles. Nesses mais de quarenta... Ah! Antes que eu me esqueça, é importante informar a todos vocês, que está descendo uma cabeça d'água e, posso assegurar, antes que o sol fique empinado no Céu, o casco do nosso Vapor se livrará desse banco de areia, não se preocupem.

- Como ia dizendo, nesses mais de quarenta anos singrando essas águas barrentas do Velho Chico, o Benjamim Guimarães já incorporou um imenso cabedal de histórias e de lendas que merecem ser desfiadas. E eu não me nego a relatar:

“Montado e cravejado em 1913, nos Estados Unidos da América, na empresa James Rees & Com., o Vapor Benjamim Guimarães navegou inicialmente no rio Mississipi e, em seguida, em rios da Amazônia. Na década de vinte, a firma Júlio Guimarães comprou a embarcação e a montou no porto de Pirapora, oportunidade em que recebeu o nome de Benjamim Guimarães, uma homenagem ao patriarca da família proprietária da empresa. O vapor começou então sua saga de navegar ao longo deste Rio São Francisco”.

“Numa dessas viagens, já lá se vão muitos anos, coincidiu com as andanças do grupo do cangaceiro Virgulino Ferreira, o

Lampião, por povoados isolados, situados às margens deste Rio, atacando fazendas na região de Juazeiro da Bahia. Foi então que o bandoleiro tomou conhecimento do grande volume de carga atulhada no Benjamim Guimarães. Necessitando de suprimentos, Lampião e seu bando planejaram atacá-lo. Valendo-se do fato de o Rio ser muito largo naquele trecho, a tripulação do Benjamim imprimiu velocidade máxima à embarcação em direção à outra margem, pois estavam cientes do perigo que corriam. Dessa forma, se livraram dos tiros dos cangaceiros”.

“Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, na década de quarenta, tropas do Exército Brasileiro também desceram este rio da unidade nacional embarcados no velho Benjamim Guimarães. Nossos militares se dirigiam para o litoral de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, para o patrulhamento da costa, de onde embarcariam para a Itália, na Força Expedicionária Brasileira”.

O sol ia avançando no Céu, o calor aumentando e Chico Prosa perdendo sua platéia. A partir de certo momento, os passageiros começaram a perceber que a água que cobria a areia da coroa era cristalina, propícia para um mergulho. E, como um formigueiro, foram enchendo a praia para tomar um refrescante banho de rio. O comissário, Ciro Ventura e Zequinha Barreto foram os únicos que permaneceram ali no terceiro convés, afora um senhor sisudo, sentado numa cadeira afastada, com a cara enfiada num livro.

Chico Prosa não desanimou, muito pelo contrário.

- Foi até bom ficarmos aqui sozinhos, pois o episódio que vou lhes contar agora é muito confidencial e considerado o mais dramático da história deste Benjamim Guimarães. Aconteceu há cerca de dois anos e, como participei do enredo, posso até jurar

que é a pura verdade. Estão vendo aquela jovem senhora ali de maiô verde, na coroa? Ela é a esposa do nosso chefe. Em 1960, o comandante deste barco havia perdido sua primeira esposa. Viúvo, tempos depois, numa de suas viagens rio abaixo, o comandante conheceu a Marlene (este é o seu nome) na Cidade da Barra e começaram um relacionamento de namoro. Certo dia, a namorada entrou correndo no Vapor, esbaforida e ofegante. Só foi parar no camarote do comandante. Ali, desabou chorando e gritando que estava num beco sem saída. Naquele momento, toda tripulação acorreu para ver o que estava acontecendo com a moça. Alguém que trazia um copo de água com açúcar, deu a notícia de que um sujeito mal encarado estava postado no cais, em frente da embarcação. Dona Marlene, alguns minutos depois, já um pouco mais calma, começou a desfiar sua história:

# 13

Vós rezais nas vossas aflições e necessidades; pudésseis também rezar na plenitude de vossa alegria e nos dias de abundância. Pois, que é a oração senão a expansão de vosso ser para o éter vivente?. \*

## **Música não é barulho, meu jovem!**

“Até bem pouco tempo, eu era uma cantora bem sucedida em Salvador, capital da Bahia. Só que, paralelamente, fazia parte de uma organização de esquerda. Certo dia, os órgãos de repressão me surpreenderam fazendo panfletagem contra os militares no poder. Tive que fugir da capital rumo ao interior mais distante. Em Juazeiro, os companheiros me embarcaram num vapor do São Francisco com destino à Cidade da Barra do Rio Grande. Eu levava instruções precisas para aguardar um ‘contato’ que me conduziria a um lugar mais seguro. Tudo ia correndo dentro dos conformes. Entretanto, quando o ‘contato’ se apresentou hoje, como é do conhecimento de muitos de vocês, estou de namoro com o comandante deste barco. Por esse motivo, mais do que



justo, argumentei que não tinha mais nenhum interesse de seguir nesta vida de clandestinidade. Ocorre que o ‘contato’ abriu uma pasta cheia de armas e disse que eu teria que descer o rio com ele, em caso contrário, ia me eliminar.”

- Ficamos muito emocionados com a franqueza da moça. Reunimos ali na hora os trinta tripulantes do Vapor: Comandante, comissário, práticos, taifeiro, camareira, contramestre, foguistas, maquinistas, cozinheira e os marinheiros todos. Formamos uma tropa de choque, descemos em terra e escorraçamos o sujeito. O comandante e dona Marlene se casaram no mesmo dia. A partir de então, ela ficou morando neste barco, pois tinha muito medo de represálias.

O sol já estava a pino e o Benjamim Guimarães desencilhou. Houve uma correria desembestada dos banhistas da coroa para entrar no barco. Chico Prosa saiu correndo para ajudar a organizar a retomada da viagem.

Zequinha Barreto foi ao camarote, pegou seu violão e, quando ia dedilhar o instrumento para começar a cantar, olhou para o lado e viu o senhor que continuava sentado com a cara enfiada no livro. Fez um sinal a Ciro que foi até ele.

- A gente estava pensando em cantar um pouco, mas não queríamos perturbar sua leitura com o nosso barulho...

- Música não é barulho, meu jovem! Podem cantar o tempo que quiserem!

- Sem querer interromper o senhor... Posso saber o que está lendo?

- Este Porto Calendário, livro escrito por Osório Alves de Castro, conterrâneo de Santa Maria da Vitória. Esta obra ganhou o Prêmio Jabuti de melhor romance do ano de sessenta e um.

- Eu li nos jornais ótimas referências a este romance. Ainda não tive a oportunidade de ler.

- Jovens, ouçam o que um crítico escreveu sobre o livro do Osório: “Só mesmo um filho da região, nascido, criado e brotado da terra e do rio poderia ter escrito um romance de tal porte e calibre.”

- O enredo do livro é ambientado nesta região?

- Porto Calendário é uma enfiada de histórias e causos originais, muito bem engendrados, brotados da vivência e da imaginação genial do autor. Neste livro ele conseguiu, com maestria, retratar o mundo comum do povo deste vale são-franciscano.

- Da maneira entusiasmada como o senhor fala, esse romance deve ser muito bom.

- Enquanto o tagarela do Chico Prosa contava suas histórias para uma platéia atenta, eu estava lendo, pela enésima vez, um causo do livro do Osório, que acho admirável. Se quiserem ouvi-lo antes de começarem a cantar, terei o maior prazer em ler para vocês!

- Queremos ouvir, sim!

“Pra entreter, seu Deraldo se embrenhou nuns casos:

- Você que é moço deve olhar bem longe. Enfastia felicidade. Dizeres são bastantes mas, se subimos em cima dum serrote, pode esperar: o lado de lá é diferente. Em pulso de mulher cabe tudo. Destrincho. Quem não sabe de uma? Dizem: foi nas Barreiras, outros contam em Pedra dos Angicos, foi o acontecido.

Quinca Simões era um barqueiro protegido, endinheirado e chegou com a carga completa, pegando a alta do sal e do querosene.

Tinha chegado na cidade, não se sabe donde, uma mulher bonita, traquejada e bem vestida. Sabendo da sorte do barqueiro Quinca Simões, propositou. Fez uma bandeja de tudo: frango assado, arroz com açafrão, frigideira de maxixe e uma compoteira de doce de limão. O próprio entregou com um bilhete, dizendo a casa e a hora.

O barqueiro batizado, Quinca Simões, maginando discedio, jogou o presente no rio e foi dormir sossegado.

Sabida, planejou. Deixou a porta aberta, vestiu uma camisa rendada, derramou oriza no corpo e na cama. Deitou. A luz do candeeiro, com tubo de vidro azul, encantava, tingindo os móveis, as flores da mesa. Esperou. Já era tarde quando pressentiu que alguém entrava. Era ele! Na comida, a mandinga resolvia: fechou os olhos e fingiu. Logo sentiu sobre o seu corpo um outro corpo frio e fedorento. Perto do seu rosto babando, boca aberta, mostrando os dentes afiados, esturrava, enlouquecido. Era um jacaré! Devorou a comida jogada ao rio pelo barqueiro. Tomado pelo achado, foi procurar a feiticeira. E aí?! Apavorada, a mulher começou a gritar por socorro e foi abafando, abafando..

A fera doida de cio, querendo mais amor, estrangulava a macumbeira. O bicho apertava a capeta nos braços, fungava com os dentes enfincados na garganta e teve..

Quando apareceram os primeiros acudindo, era tarde. A mulher numa poça de sangue, abraçada pelo jacaré, ainda querendo, estava morta! Castigo! A morta tinha mudado de feição, era uma preta velha. Perdera o encanto e disseram: 'É a negra Marta, a feiticeira.'

Orindo, pasmado, ouvia a história.”

- Excelente! Tanto o caso como o estilo, hein?! Zequinha!

- O estilo é único, concordo!

- Esse Orindo é... É melhor não dizer de quem se trata. Assim, aguça a curiosidade de vocês, e desperta mais o interesse de ler o romance.

Ciro foi buscar seu violão e ficou tentando acompanhar Zequinha Barreto, cantando Hey Jude, dos Beatles:

Hey Jude / Don't make it bad / Take a sad song and make it better / Remember to let her into your heart / Then you can start to make it better. Hey Jude / Don't be afraid...

Nessa toada, vararam a tarde e o princípio da noite, num vasto repertório de canções, sorvidas pelos ouvidos atentos do leitor de Porto Calendário.

A viagem prosseguia sem maiores sobressaltos. De repente, no dobrar da tarde do terceiro dia de navegação, fechou o tempo, o Céu começou a ficar enfarruscado, as nuvens baixaram, o vento zoou desembestado, ameaçando trazer um pé d'água de respeito para o leito do Velho Chico. O Benjamim Guimarães balançava pra lá e pra cá, num balé desordenado. Só nesse momento, Ciro se lembrou de que não sabia nadar. Ficou apavorado!

- Zequinha, será que é o anúncio do fim desta embarcação? Vou descer pro primeiro convés! Lá tem bote, madeira e muitas bóias. A possibilidade da gente se salvar é maior, em caso do Vapor naufragar!

# 14

Quanto mais profundamente a tristeza cravar a sua garra em vosso ser, tanto mais alegria podereis conter. Não é a taça que contém vosso vinho a mesma que foi queimada no forno do oleiro? E não é a lira que acaricia vossa alma a própria que foi entalhada a faca? \*

## **Não há nada mais traiçoeiro do que o futuro!**

No pé da escada, Ciro Ventura sondou o ambiente do primeiro convés e ficou preocupado por demais. A embarcação estava com carga total. A sacaria estufava do porão e se espalhava pelo piso da 2ª classe, por debaixo do trançado das dezenas e dezenas de redes ali armadas. A lenha para alimentar a caldeira, engenhosamente arrumada na parte dianteira, subia até o teto, encobrendo a visão da proa e da paisagem em frente.

- Verdade seja dita e redita, e não me incomodo que possa parecer versículo da Bíblia Sagrada, meu caro Zequinha Barreto, confesso que estou apavorado!

- Por mais que a conjuntura pareça desesperadora, não posso dizer o mesmo. Já passei por situações muito piores na vida.

Acalme-se Ciro, sairemos dessa, fácil, fácil. Cada tripulante deste barco tem traquejo suficiente no seu ofício.

O Benjamim Guimarães continuava balançando para um lado e para o outro. Maretas remessavam línguas d'água violentamente no casco da embarcação que espanejavam sobre os passageiros da segunda classe, mesmo havendo lonas esticadas, cobrindo as laterais.

Os relâmpagos cortavam o breu do Céu, seguidos de estrondosos e apavorantes trovões. Ciro acostumou os olhos com o novo ambiente, à custa de muito esforço alcançou uma bóia com a mão direita, enquanto abraçava um dos ferros de sustentação do primeiro convés, com o braço esquerdo. Foi preciso se firmar bastante para não cair, pois o Vapor começou a bandear para o lado direito, embicando rumo à margem do Rio.

Naquela altura da viagem, o barco já havia deixado para trás Guaicuí, São Romão, São Francisco, Januária e Manga. Agora só tinha pela frente Carinhanha, Bom Jesus da Lapa e Paratinga, para alcançar, finalmente, Ibotirama. Seria muito azar sucumbir logo na reta de chegada. Ciro Ventura fazia essas conjecturas no pensamento, no momento em que o práctico conseguia, com muita perícia, encostar a embarcação num barranco de uns oito metros de altura. A âncora foi jogada na água barrenta e duas cordas foram amarradas nas raízes de um enorme pé de jatobá. Ali passaram o resto da noite.

Na manhã seguinte, o rádio do camarote do comandante anunciou uma tragédia de proporções muito maiores do que a tempestade da noite recém finda. Tal notícia causou alvoroço e deixou muitos passageiros do velho Benjamim Guimarães revoltados, entre os quais Zequinha Barreto, que estava batendo seu violão no terceiro convés, em companhia de Ciro Ventura.

Outros ficaram indiferentes.

De pronto, Chico Prosa se adiantou e interpretou, à sua maneira, a notícia do rádio:

- O Regime Militar radicalizou de vez, meus amigos! Baixou o Ato Institucional Número Cinco, que estão chamando de AI-5. Fechou o Congresso Nacional, as assembléias legislativas, e as câmaras de vereadores. Foi decretada a intervenção nos territórios, estados e municípios. Anunciaram que vão ser cassados os mandatos eletivos e suspensos os direitos políticos por dez anos de todos aqueles que se opuserem à ditadura militar. As liberdades individuais de todo cidadão brasileiro passam a ser então tolhidas. Vão vigiar todos os opositores ao regime. E concluiu, num vaticínio catastrófico: “Acautelem-se, meus amigos! Vêm aí os anos de chumbo”!

- Bota muito sentido nesta máxima que peço licença para enfiar em seus ouvidos, jovem Zequinha Barreto. Não há nada mais traiçoeiro do que o futuro. Não toma partido de ninguém!

- No entanto, esses meganhas de Brasília se acham no direito de se apoderar do futuro de todos os brasileiros. Mas deixa estar! Amanhã será outro dia! Dia em que o povo dará o troco e, de lambujem, os levará de volta para o quartel, lugar de onde nunca deveriam ter saído!

Para desanuviar as tensões da noite angustiante e da notícia do rádio, o comissário de bordo continuou desempenhando muito bem o seu papel:

- Vejam como é irônico e ao mesmo tempo trágico o que vou lhes dizer, senhores: por um triz, nesta madrugada, o velho Benjamin Guimarães não sucumbe, malsinado pela própria boca, como um peixe. E sabem o que quase nos levou a uma tragédia, ontem à noite?

- O quê? Ciro o interrogou, por toda a platéia.

- O alimento do velho barco! O peso da lenha. Numa única viagem de Pirapora a Juazeiro, o Benjamim engole nada mais nada menos do que quatrocentos metros cúbicos de madeira! Por conta disso, tem sempre que navegar abarrotado desses toros. Confesso que amo essa minha profissão, mas não posso tapar o sol com a peneira. Cada parada, dia sim dia não, em porto de madeira é uma letra a mais no decreto da sentença de morte da vegetação do entorno deste Velho Chico. Some-se a isso a devastação da mata ciliar causada pela falta de consciência dos ribeirinhos, e teremos fatalmente a aceleração do seu assoreamento. Tem exemplo mais visível do que o desmoronamento do barranco onde acostamos nessa madrugada? Já imaginaram quantos milhares de toneladas de barro e de areia são arrastadas para o leito do São Francisco todos os anos? Até quando este canal será navegável? É difícil de se dizer!

Há muito tempo já singravam em águas da Bahia, quando o Benjamim Guimarães ancorou na margem esquerda do Rio, no porto de Carinhanha.

Do seu ponto de observação do terceiro convés, Ciro observava o esfervilhamento do entra-e-sai dos passageiros, pela prancha de madeira, e notou que alguns deles transportavam as redes que usaram como cama de dormir na 2ª classe.

- Seu Chico Prosa, os passageiros levam as redes do Vapor quando desembarcam?

- Não, meu jovem! Foi estabelecido como uma regra, e depois se tornou um costume, por uma série de fatores, entre os quais, a superlotação e o furto reiterado de objetos da embarcação, de só se embarcar na 2ª classe trazendo rede, prato para comer e, às vezes, caneca e colher.



- Interessante!

Chico Prosa continuou deitando falação, exercitando o que mais gostava de fazer.

- Nenhum outro fenômeno natural alimentou e ainda é fomento de tantos mistérios como as noites de lua cheia no leito deste velho Opara (era assim que os índios chamavam este São Francisco). Tal fenômeno foi propício ao aparecimento de muitos seres lendários nessas águas. Temos como exemplos: Romãozinho, Minhocão, Nego D'água e a Mãe D'água. Conta a lenda que uma figura de mulher muito bonita atraía os pescadores pela sua beleza e os levava para as profundezas do rio, tornando-os seres encantados. Reza essa lenda que muitos foram os pescadores atraídos pela Mãe D'água que desapareceram misteriosamente, quando pescavam em noites de lua cheia.

- Em sua mais célebre estória, o Velho Chico registra a lenda do Vapor Encantado. Muitas versões existem sobre sua origem. Uma delas afirma tacitamente que tal embarcação, transportando fidalgos e vassalos que rumavam para o alto São Francisco, numa das várias missões de colonização, teria naufragado numa noite de lua cheia, enquanto sua tripulação dançava e festejava. Pratarias, tecidos nobres e objetos valiosos, daquela gente que nunca chegara a seu destino, desceram ao fundo do leito do rio. Segundo o relato das gentes ribeirinhas, em noites de lua cheia, ou não, o barco retorna à superfície, num trecho de curva do Rio, e aparece na Pedra Preta, próximo a Ibotirama, para reviver os momentos de glória e de festejos. Muita gente já afirmou ter visto um Vapor iluminado, ouviu o apito e, de repente, desapareceu numa intensa névoa, quando se aproximava do lugar. Vale ressaltar que nessas visões, o vapor nunca chegava

ao porto de Ibotirama. Devo salientar que esta é a única lenda do vale do São Francisco que é localizada. Isto é, o vapor só aparecia no mesmo lugar.

- Comissário, o senhor que sabe tanto das coisas, conta aqui pra gente, quais as novidades nessas cidades ribeirinhas?

- Há uma novidade espetacular, meus amigos! Bem perto daqui, em Bom Jesus da Lapa! Estão desfiando suas pejeas por lá dois cantadores retados de bons, da estirpe de um Cego Aderaldo, discípulos de Zé Limeira! Essa dupla faz sucesso estrondoso em toda a região. A começar por seus nomes, que são invocados e inusitados: Ojuara Caicó e Edilberto Lonetão! Vocês precisam ouvir a cantoria desses dois!

# 15

Mestre, fala-nos das Habitações.

Vossa casa é vosso corpo mais largo! Dizeime vós, então, que possuíis nessas habitações? E que objetos guardais atrás dessas portas trancadas? Acaso possuíis a paz, esse impulso tranqüilo que revela vossa potência? \*

## **Ela é sua filha mais legítima**

E deu-se então que o Benjamim Guimarães foi se aproximando do porto de Bom Jesus da Lapa e os embarcados deram de cara com uma faixa esticada na entrada do porto da cidade, escrita com letras garrafais, em tecido de muitos metros, estampando a notícia da última apresentação da dupla de cantadores Ojuara Caicó e Edilberto Lonetão, na noite que se avizinhava.

Já era tardezinha de pôr-do-sol avermelhado, chegada a hora da Estrela-D'alva mostrar seus raios e encantos. Nesse momento, Ciro Ventura começou a conjecturar que o Vapor poderia muito bem aportar ali por tempo suficiente para desembarcar e ir curtir a apresentação da dupla de cantadores. Como efeito de seu

pensamento, inquiriu o comissário, que vinha com um caderno numa das mãos.

- Seu Chico Prosa, a parada aqui será bastante para irmos ouvir os cantadores?

- Infelizmente não, meu jovem! Nossa viagem está atrasada sobremaneira, por conta do encalhe do Vapor e da tempestade que enfrentamos. Por não haver carga e descarga de mercadorias aqui em Bom Jesus da Lapa, o comandante não quer perder muito tempo neste porto.

- É um fato a se lamentar. O senhor elogiou tanto esses cantadores que terminou por aguçar a minha curiosidade em querer ouvi-los!

- Não seja por isso! Estou sabendo de fonte digna de fé que eles estarão descendo o Rio amanhã para Ibotirama. Você está indo pra lá, pelo que entendi, é isso mesmo?

- Sim! Vou para Ibotirama.

- O Edilberto Lonetão reside atualmente naquela cidade. E por falar nele, acomodem-se aqui, por favor, que vou lhes mostrar algo interessante.

Acomodados no terceiro convés, vencido o lusco-fusco, já apreciando a visão austral do Cruzeiro do Sul e de outras constelações, sentindo a brisa soprando na noite do Velho Chico, Zequinha Barreto e Ciro Ventura se prepararam para ouvir mais uma desfiada de histórias da safra de Chico Prosa.

- Já ouvi essa dupla destilar sua verve irônica em pelepas de deixar o ouvinte de queixo caído em várias ocasiões, inclusive aqui mesmo dentro deste barco, pois a rotina deles é descer e subir este velho Rio, se apresentando aqui e acolá. Vejam vocês que na minha última viagem rio acima, Edilberto Lonetão e um seu irmão chamado Noel Serafim embarcaram em Ibotirama,

com destino a Bom Jesus da Lapa. Já na subida da prancha, o jovem Noel aguçou por demais a minha curiosidade. Extremamente magro, cabeludo, cheio de colares pendurados no pescoço e vestindo roupas um tanto extravagantes. A princípio julguei tratar-se de um hippie. Durante o convívio da viagem me pareceu tímido; daquelas pessoas que gostam mais de assuntar do que de conversar. O primeiro fato incomum que notei foi que estava sempre com um caderno na mão, escrevendo. Fui me aproximando devagar, e quando senti que era a hora certa, abordei o jovem ibotiramense. De imediato, constatei que estava diante de um poeta em gestação!

- Perguntei ao jovem Noel Serafim se ele era poeta. Respondeu com um raciocínio à maneira de um vate:

- Um grande escritor nordestino escreveu que “poeta é aquele que vê as coisas como elas não são”, e escreve fundamentado nessa sua percepção. Eu estou apenas engatinhando na tentativa de galgar esse ideal, ainda dando os primeiros passos. E dentro desse contexto, venho afirmando, já faz algum tempo, que o lugar onde moro, Ibotirama, é a única cidade do vale do São Francisco que nasceu das próprias entranhas deste velho Rio. Por conseguinte, ela é sua filha mais legítima. Observe o senhor que o Rio vinha descendo reto, rumo ao norte, no seu curso normal buscando o Atlântico. De repente, se afastou da Serra da Piragiba, desenhou uma meia lua, estufou a barriga e pariu Ibotirama!

- Confesso que fiquei admirado pela força da metáfora. Mas, argumentei que quase todas as cidades ribeirinhas são mais antigas do que ela. Igualmente filhas do São Francisco. Aí ele me fez ver que, naquele tempo, o Rio ainda corria paralelo à Serra da Piragiba.

E disse mais:

- Tempos depois foi que ele mudou o curso e embarrigou, para dar à luz a Ibotirama. Ficou encantado com o panorama que propiciou com esse embarrigamento e nunca mais voltou para junto da Serra.

- Abriu aquele caderno que estava sempre à mão, e me mostrou um soneto que escreveu para registrar essa sua visão.

- Está aqui:

### Ibotirama

Mudando a rota rumo ao oceano  
Opara encurva e pare Ibotirama.  
Fez nessa curva um lindo panorama,  
Na “Rica Flor” plantou calor humano.

Ele se verga e desce soberano  
Aconchegando a Terra franciscana  
“Capital Céu”, amor de Zé Bacana,  
A jóia rara do sertão baiano.

Ao se curvar no solo da Bahia  
Esse ambiente encharca de alegria  
No vaivém cintilante da maretá.

O “Vapor Encantado” que se via  
Virou lenda inda dizem que vigia  
Ibotirama lá da Pedra Preta.

- Muito interessante, meu caro Chico Prosa, esse Noel Serafim ter conseguido fazer, ainda novo, um soneto camoniano perfeito! O soneto é o supra-sumo da poesia formal. Ele é formado de catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Na forma clássica, o soneto tem verso decassílabo e rima abraçada nos quartetos (ABBA/ABBA) e cruzada nos tercetos (CDC/DCD). Aqui, o jovem usou uma variante nos tercetos (CCD/CCD). Podemos observar até que os versos de sua composição são heróicos, como no caso do Hino Nacional Brasileiro, ou seja, com acento na sexta sílaba! Portanto, acho que aí já podemos considerar como obra de um poeta.

- Mas o jovem Serafim não parou por aí, e fez uma observação final que me deixou intrigado por demais! Ouçam o que ele escreveu:

- Ah! A ingratidão, seu Chico Prosa, é o pior dos sentimentos! E especialmente quando resulta do desprezo e da indiferença, é como apedrejar hoje alguém que nos deu abrigo outrora. Ora, se deu que foi justamente uma rajada de ingratidão a paga que os primeiros moradores do Bom Jardim recompensaram o Velho Chico pelo aconchego que receberam. Veja o senhor que eles dispuseram todos os primeiros arruados do Lugar em forma de paralelo com a correnteza do Rio, de modo que ninguém consegue enxergar suas abençoadas águas a cinqüenta metros da beirada, se estiver postado em uma das ruas do aglomerado urbano. Seria o caso mesmo de o Velho Chico chamar os mal-agradecidos moradores de Ibotirama às falas, talvez em forma de enchentes catastróficas, para que eles possam sentir a força de seu poder. Mas, mesmo isso, o velho Rio só faz de trinta em trinta anos.

- Meu caro Zequinha Barreto, começo a pressentir que minha ida a Ibotirama não vai se resumir a essa missão de estafeta. Suspeito que minha passagem por essa cidade pode mudar o rumo de minha vida!

- Eu tenho a mesma sensação que você, meu jovem Ciro Ventura! Por conta disso, precisamos participar ativamente do fluir da vida e temos que batalhar ardentemente para ser protagonistas no desenrolar dos acontecimentos.



# 16

Mestre, fala-nos das roupas!

Vossos trajes ocultam muito de vossa beleza, porém não escondem o que não é belo! Pudésseis enfrentar o sol e o vento com mais epiderme e menos roupa; Pois, o sopro da vida está na luz do sol e a mão da vida está no vento.\*

## **Saí de São Paulo em missão de estafeta**

- Agora que navegamos nas cercanias de Ibotirama e o Vapor começa a penetrar nessa curva do Rio apontando para o Lugar, posso enxergar perfeitamente o “embarrigamento” de que fala o jovem Noel em sua poesia. Um alumbramento faz vir à memória lenda antiga e concludo daí que o Velho Chico já era tratado como um ente querido pelos povos ribeirinhos desde tempos mais remotos.

- O que diz essa lenda, seu Chico Prosa?

- Uma lenda de outrora narra que o Rio São Francisco nasceu das lágrimas derramadas pela índia Irati, por saudade do bravo companheiro, que foi guerrear pela posse da terra contra o homem branco e não voltou mais. A tristeza de Irati foi tamanha

que ela sentou-se em uma pedra e chorou por vários dias. As gotas de seu choro inundaram a pedra, desceram pelos grotões das Minas Gerais e deram origem a Opara, que significa rio-mar, na linguagem indígena.

Instantes depois, enquanto o comissário de bordo esmiuçava em detalhes a fábula do nascimento do Velho Chico, o Benjamim Guimarães apitou, em seguida saracoteou, moveu a popa horizontalmente e alterou de rumo, repentinamente, causando um grande rebuliço na correnteza das águas. Ciro Ventura ficou abismado, e não deixou de comentar o fato, ao perceber que o Vapor passava reto em frente de um cais de mais ou menos quinhentos metros de comprimento e foi aportar num barranco todo irregular, um pouco mais acima.

- Esta cidade é mesmo estrambótica, seu Chico Prosa! Qual será a utilidade desse cais ali embaixo se não serve para o embarque e desembarque de passageiros e de carga?

- As embarcações só aportam lá em épocas de cheia. Quando o rio está quase no caixão, como agora, este é o porto que utilizam. Parece que o cais foi construído mais para proteger as edificações da fina flor da sociedade do Lugar.

O Vapor ainda é o mais importante meio de transporte dessas cidades ribeirinhas. Por isso, quando a prancha tocou o barro enlameado do porto de Ibotirama, todo o largo acima do barranco já estava apinhado de gente de toda idade e aspecto. Fervilhavam ali estudantes uniformizados, carregadores, comerciantes, desocupados, donas-de-casa, os que se despediam, os que ficavam e os que esperavam; vendedores de alho, cebola, laranja, coco e de rapadura.

Os dois jovens viajeiros se despediram da tripulação, especialmente do comissário de bordo Chico Prosa, transpuseram

a prancha e pisaram em terra firme depois de vários dias de intimidade com aquelas águas barrentas do São Francisco.

- Ciro, eu vou ficar na casa do meu tio Arsênio Barreto. A gente se encontra depois, provavelmente em alguma serenata, de noite. Em que pensão você vai se hospedar?

Quando Ciro Ventura ia responder, um carregador que ouvira a conversa alcançou sua mala e anunciou:

- Na Praça Ives de Oliveira o senhor pode escolher onde ficar. Lá tem a Pensão de Dona Anízia, a de Dona Ninita e a de Fezim. Qual o senhor prefere?

- Qual a melhor, Zequinha Barreto?

- Pelo pouco que conheço, qualquer uma dessas serve.

- Então, até mais!

Ao iniciarem a caminhada rumo ao hotel, o carregador puxou conversa:

- O senhor chegou num dia bom aqui em Ibotirama! Vai ser inaugurado hoje de noite o CPS!

- O que é isso?

- CPS é o Cabaré de Pedro Sassarico. Ele trouxe muitas mulheres de Juazeiro para fazer a inauguração.

- Onde fica esse... CPS?

- É fácil se chegar lá! Mira ali o Morro Pelado. Fica no fim da cidade, uma das derradeiras casas. No meio da macambira. Perto da estrada da Lapa.

Conversa vai, conversa vem, pararam de repente na calçada de uma casa com pequena balaustrada.

- É aqui a Pensão de Dona Ninita. Se precisar novamente de mim, estou sempre aqui do lado, na Venda de seu Dió Belo. Sou conhecido por Caçote, Beto Caçote.

Ciro mirou na altura do interlocutor e concordou com o apelido que lhe deram.

- Muito prazer, Caçote, meu nome é Ciro Ventura!

Após despachar o carregador, ele acertou a hospedagem, tomou banho, jogou um pouco de conversa fora durante o jantar e depois começou a andar a esmo pela beira do Rio. Repentinamente, se lembrou da inauguração do tal CPS e saiu caminhando na direção apontada pelo baixote que trouxe sua bagagem. Estava próximo de desincumbir-se de sua missão de mensageiro. Era encontrar Noel Serafim, entregar o pacote e seguir viagem. Talvez ele estivesse na inauguração do cabaré.

Enquanto conjecturava consigo, passou em frente da Igreja Matriz, ganhou a Av. J.K e, ao cruzar a Rua Alcebíades Quinteiro, começou a ouvir um samba com batida diferente, vinda de uma das casas das imediações. Apurou os ouvidos:

Até o sol, por pirraça,  
Invadiu a vidraça  
E o retrato dela desbotou...

Enquanto caminhava procurando a direção de onde irrompia a harmonia, daquele conjunto de vozes e de instrumentos, que penetrava suavemente em seus ouvidos, Ciro se pegou falando sozinho:

- Inacreditável! É o samba “Pombo Correio” de Benedito Lacerda e Darci de Oliveira!

Alcançou finalmente a porta da casa de onde brotava o som. Percebeu que a porta estava escancarada, ao contrário do que aconteceria em tais circunstâncias lá na cidade grande.

Foi entrando sem precisar pedir licença e percebeu que o conjunto musical era constituído por oito jovens, muitos deles cabeludos e barbudos. Verificou que se postavam no canto de uma ampla sala atulhada de gente suada, animada, com ar de felicidade, que dançava e cantava em coro com os empolgados sambistas.

A música reiniciou:

Soltei meu primeiro pombo correio  
Com uma carta pra aquela mulher  
Que me abandonou  
Soltei o segundo e o terceiro  
O meu pombal terminou  
Ela não veio e nem o pombo voltou...

Ciro sondou o ambiente, apurou a vista e mirou num dos componentes do conjunto. Prestou atenção que era magro, cabeludo, franzino, cheio de colares pendurados no pescoço. Vestia roupas um tanto extravagantes e tinha ares contemplativos. A mesma descrição que lhe passara Chico Prosa, de Noel Serafim. Acrescentava-se à indumentária descrita, uma capanga de couro que trazia agora a tiracolo. Ele balançava na altura do rosto um pandeiro só de aro e soalhas.

Convenceu-se de que só poderia ser aquele mesmo o jovem que caçava. Sabia que seu nome de pia não era Noel Serafim, mas, provavelmente, se entenderiam assim mesmo. Permaneceu durante muito tempo ali pasmado, deleitando-se com o som. As músicas se sucediam:

Céu estrelado, lua prateada,  
Muitos sambas, grandes batucadas,

O morro estava em festa,  
Quando alguém caiu,  
Com a mão no coração e sorriu,  
Morreu Malvadeza Durão,  
O criminoso ninguém viu!...

- Malvadeza Durão, de Zé Kéti! - *Ciro Ventura* falou de si para consigo.

Estava-se no meio da música quando aconteceu uma queda de energia. O conjunto parou de tocar para um intervalo. Ouviram-se gritos em uníssono:

- Primeiro sinal!!

- O que é isso de “primeiro sinal”?

- É que aqui só temos energia elétrica até às dez horas da noite. Quando se aproxima do horário previsto, *Ferreirinha* que cuida do motor, dá esse aviso. Com esse sinal, dá tempo suficiente para as pessoas retornarem a suas casas, ainda no claro.

- É muito bom esse conjunto...

- Lá Vai Samba! Esse é o nome do nosso grupo.

- Estou embasbacado com a qualidade do som de vocês! E até me esqueci momentaneamente do que vim fazer aqui! Procuro por *Noel Serafim*, e pela descrição que me passaram deve ser você! *Ciro* percebeu o rosto do jovem se contrair levemente.

- Como você soube? Só umas poucas pessoas daqui me chamam assim.

- O que me diz de *Boaventura dos Santos*!

- O *Velho Boa*, de *Ipupiara*?

- Sou um mensageiro dele. Saí de São Paulo em missão de estafeta para lhe trazer um objeto mandado por ele!

# 17

Fala-nos da Razão e da Paixão, Mestre!

Vossa alma é frequentemente um campo de batalha onde vossa razão e vosso juízo combatem contra vossa paixão e vosso apetite! Deus repousa na Razão e age na Paixão! E já que sois um sopro na esfera de Deus e uma folha na floresta de Deus, também deveis descansar na razão e agir na paixão.\*

## **Uma das predições do Profeta do Jordão é o mote**

Salutar seria se todos os fatos que tivessem a ver com nossa vida sempre acontecessem realmente de acordo com as nossas expectativas. Ocorre que, às vezes, por alguma razão ignorada, formulamos falsas expectativas sobre o dia de amanhã. Verdade se diga, certas expectativas levam a pessoa à ansiedade. E foi justamente esse tipo de ansiedade que impediu Noel de dormir um sono tranqüilo, naquela noite. Havia acertado com Ciro Ventura, no final da apresentação do Lá Vai Samba, de receber das mãos deste, na manhã seguinte, o pacote que seu velho amigo de

Ipupiara lhe mandara. Por conta disso, logo cedo já estava embiocado no quarto da Pensão de Dona Ninita.

- Bom dia, Ciro Ventura! Como passou a noite?

- Muito bem! Apesar das muriçocas, é melhor dormir em cama de pensão do que em beliche de Vapor!

- Tem razão!

- Bem, finalmente vou desincumbir-me da missão que me foi confiada. Aqui está o pacote que o meu Padrinho lhe enviou.

Noel recebeu o embrulho das mãos do interlocutor e ficou ali parado, sentindo algo até então desconhecido. Seria aquilo o frio na barriga de que as pessoas falam?

Pensou em se despedir, ir para casa e, na solidão do quarto, desfazer o embrulho. Hesitou um pouco. Em seguida, decidiu-se por abrir o pacote ali mesmo.

Ao ser aberto, o embrulho deixou à mostra dois livros e uma sobrecarta. O conteúdo desta era uma carta e mais alguns envelopes presos por um barbante, endereçados igualmente a Noel Serafim, datados embaixo dos sobrescritos.

Sem perda de tempo, Noel grudou os olhos na carta e começou a ler:

*Ipupiara, Ba, 10 de abril de 1968*

*Meu jovem Noel,*

*No momento mesmo em que você está lançando os olhos nesse manuscrito, meu corpo já terá descido à última morada e minha alma estará rendida ao Criador. Foi necessário deixar que o tempo fluísse e tudo isso*



*acontecesse para que, finalmente, chegasse o momento exato de a profecia começar a se materializar.*

*Inicialmente, quero lhe dar a notícia de como a trama se mostrou em minha consciência mística: Estando eu e o Profeta em meditação profunda, embaixo de uma mangueira centenária do meu Brejo da Fonte de Cima, nossas visões foram se iluminando e a saga nos foi revelada por inteiro. Na mesma mangueira onde, há alguns anos, vaticinei que você seria um escritor de talento.*

*Uma das predições do Profeta do Jordão é o mote. Saiba que é chegada a hora de os acontecimentos se desenrolarem. E esses fatos terão repercussão em todo o Brasil, no estrangeiro, e virão a lume através de sua pena de escritor. Nem se pergunte, com muita insistência, porque você foi o predestinado. Verdade é que, de alguma forma, saberá perfeitamente como se conduzir para colocar a narrativa no papel.*

*O mesmo barco que transportou essa carta, igualmente, trouxe para o seu convívio personagens importantes do seu inusitado romance. Essas pessoas colocarão em suas mãos parte inicial dessa história e transitarão pelo restante do enredo.*

*Estou lhe enviando, como elemento complementar de inspiração, o romance de Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas, publicado em 1881, que, além de inaugurar o realismo brasileiro, é uma das mais radicais experimentações na prosa do Brasil do século XIX. Narrado por um defunto, de forma digressiva e agressiva, a narrativa apresenta a vida inútil e desperdiçada do anti-herói Brás Cubas. Utilizando recursos narrativos e gráficos inusitados, Machado surpreende a cada página com sua ironia cortante e, acima de tudo, com a inteligência que prende até o leitor mais desconfiado.*

*Pois bem, mandei o livro para pegar o gancho e lhe mostrar que sua narrativa será, por assim dizer, muito mais realista que o livro de Machado de Assis! Porquanto, ao mesmo tempo em que você estará participando dos fatos, escreverá o livro sobre eles, sendo literalmente um dos seus personagens*

vivos. É como se você tivesse escrevendo um romance de sua própria vida, tendo como conselheiro e orientador um defunto.

O outro volume que deixo em suas mãos, *O Livro Capa Preta de São Cipriano*, é também para servir de inspiração e lembrar que essa história poderá desembocar fatalmente nos meandros do sobrenatural.

Quanto aos envelopes lacrados que lhe mando como apenso, recomendo que só abra nas datas anotadas abaixo do sobrescrito. E, quando isso acontecer, sua atenção terá que se redobrar nesses momentos, pois aí iniciarão episódios que mudarão o rumo de sua história.

Para finalizar, rogo e desejo que você seja protegido pelo Altíssimo, que tenha a sabedoria necessária para saber registrar, a contento, os fatos dessa longa jornada literária que irá empreender.

*Sem mais,  
receba as saudosas bênçãos diamantinas  
de seu eterno amigo*

*Boaventura dos Santos*

O destinatário foi tomado por um estranho conflito de sentimentos, no mais profundo do seu ser, ao concluir a leitura da carta. Ciro percebeu, pois esse embate interior se aflorou, de maneira tênue, na fisionomia de Noel. Este, sem dizer palavra, passou a missiva às mãos de Ciro Ventura que leu todo o conteúdo com olhos ávidos e atentos, de um só fôlego. Por uns longos minutos, o silêncio reinou no ambiente do quarto. De repente, Noel rompeu o silêncio com uma alocação que, a princípio, pareceu ao mensageiro uma divagação:

- Desde quando me entendi como gente, comecei a questionar certos dogmas da religião em que recebi a água benta na pia batismal. Esses preceitos me ensinavam que qualquer pessoa já nasce com a culpa do pecado original e necessita do batismo para apagar essa mácula. Afinal, me perguntava, a base de sustentação do catolicismo era a culpa, o medo e o perdão? Uma pessoa poderia, então, pautar toda sua vida na marginalidade, cometendo crimes e atos os mais escabrosos, desonestos e, mesmo assim, ao sentir que chegou o momento da morte, confessar seus pecados, ser perdoado e receber um salvo-conduto para o reino de Deus?

- Meu pai, alfaiate de profissão em Ipujiara, naquela época, já espírita por convicção, pregou no alizar da porta de sua sala de trabalho uma tabuleta com os seguintes dizeres: “Seja útil em qualquer lugar, mas não guarde a pretensão de agradar a todos; não intente o que o próprio Cristo ainda não conseguiu”. Chico Xavier.

- Toda vez que eu lia aquela frase ficava impressionado com o seu teor. Certo dia, indaguei de meu pai quem era esse tal Chico Xavier. Ele me olhou sem dizer coisa nenhuma, abriu um armário, tirou de lá um livro e me entregou. Parnaso de Além-Túmulo era o título do volume. O autor, Chico Xavier. Tratava-se de um livro de poemas. Fui para o meu quarto e li de uma assentada, quase varando a noite, entretido com a descoberta.

- Esses fatos me introduziram no mundo da literatura e, cheio de dúvidas, principiei ali também uma busca incessante de entendimento sobre os meandros do além, da religiosidade; enfim, do sobrenatural. Acontecimento fortuito, logo depois, me levou a entabular amizade com O Velho Boa. Seu porte sobranceiro, barbas brancas e longas, capa colonial roçando nas botas, mais o

seu apelido de Bruxo do Brejo, lhe emprestavam certo ar de sabedoria e de mistério para um garoto feito eu. Acrescente-se a tudo isso a enorme biblioteca que possuía.

- Numa das muitas conversas que tivemos embaixo das mangueiras do seu quintal, lhe falei sobre o livro de Chico Xavier e contei das minhas dúvidas acerca de religiosidade, do outro mundo.

O Velho Boa foi enfático:

- Parnaso de Além-Túmulo foi o primeiro livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, lançado em 1932. Essa obra lhe trouxe fama. Parnaso (que significa antologia, coletânea de poesias) é um conjunto de 60 poemas atribuídos a 14 poetas brasileiros – entre eles Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Cruz e Sousa, - e 4 poetas portugueses. Quando Chico Xavier escreveu essa obra era um jovem de apenas 21 anos que trabalhava como caixeiro num armazém da pequena cidade mineira de Pedro Leopoldo, das 7h às 20h, onde não havia biblioteca pública e onde ele estudara só até o quarto ano do curso primário. Isso sugere que os poemas de Parnaso de Além-Túmulo não são o produto de uma simples imitação literária. O responsável pela escrita dos poemas não tinha o perfil de um erudito homem de letras, conhecedor das técnicas de versificação e tampouco tinha acesso aos meios intelectuais.

- Foi naquela ocasião que ele me entregou um caderno que continha a história da vida e as profecias do Profeta do Jordão. Não sem antes me suplicar que lesse e guardasse, com todo cuidado, pois, em algum momento da minha vida, aquele relato me seria útil. Repetiu mais uma vez que eu estava fadado a ser poeta e escritor. E foi categórico ao afirmar: o artista, meu jovem,

de um modo geral, vive quase sempre mais ligado na esfera espiritual que propriamente no plano terrestre.

Nesse momento, Ciro Ventura achou por bem sair do seu mutismo:

- Foi por tudo isso que você não me pareceu muito surpreso com a remessa do Padrinho?

- Com a remessa, em si, não! O conteúdo, no entanto, é de fazer qualquer um perder o tino, ficar boquiaberto! O que está posto aqui neste papel é o roteiro de uma predição do Profeta do Jordão que vai se realizar. Mesmo que pareça inacreditável, essa história eu terei de transformar num romance. Parece-me que você também estará envolvido nessa trama. Desse modo, peço sua ajuda para dissecar o teor desta enigmática carta, e tentar captar os principais trechos do que foi vaticinado pelo meu guru Boaventura dos Santos.

- Deve ser também a vontade dele, decerto!

- Antes disso, quero esclarecer algo que está me encafifando! Seu padrinho realmente está morto?

- Sim, morreu há algum tempo.

- E como essa remessa foi parar em suas mãos, em São Paulo?

- É uma longa história que você tomará conhecimento já, já.

- Pois bem, é voz corrente em Ipupiara (o caderno que recebi do Velho Boa também afirma isso) que duas predições do Profeta do Jordão permanecem ainda sem respostas: a invenção de um Super-Almanaque Capivarol e a volta dos dois coronéis que ditavam o poder no início do Século XX no sertão da Chapada Diamantina, Horácio de Matos e Militão Rodrigues Coelho.

- A carta fala de uma dessas profecias!

- Aí nós já temos duas hipóteses a considerar, então!

- Adiante, a missiva informa que o Vapor trouxe personagens do romance e parte inicial da história. O que isso lhe diz, Ciro?

- Viajei no Benjamim, desde Pirapora, alojado num camarote em companhia de Zequinha Barreto, nascido em Brotas de Macaúbas e com parentes aqui. Ao nos despedirmos disse-me que ficaria hospedado na casa de um tio chamado Arsênio de Araújo Barreto. Ah! Eu já havia me esquecido de algo muito importante! Ele ainda está com o caderno de minha namorada Daniela, que lhe emprestei. Sugiro que a gente saia à procura dele, para que você o conheça e eu recupere os escritos da Dani. É bem possível que consigamos matar dois coelhos de uma cajadada, nesse encontro. Zequinha Barreto pode muito bem ser um dos protagonistas e o conteúdo do caderno, o início dessa história.

- Então vamos procurá-lo!

# 18

Mestre, fala-nos da Amizade!

Quando vosso amigo manifesta seu pensamento, não temeis o não de vossa própria opinião, nem predeis o sim. E quando ele se cala, vosso coração continua a ouvir o seu coração. Porque na amizade, todos os desejos, ideais, esperanças, nascem e são partilhados sem palavras, numa alegria silenciosa! \*

## **O primeiro livro agendado por uma profecia**

O Rio Santo Onofre serpenteia pelas várzeas do município de Ibotirama e quando alcança o perímetro urbano da Cidade, pelo sul, entrega suas águas ao Velho Chico. A adjacência de sua foz passou a ser conhecida pelos moradores do Lugar como Boca da Barra. A cerca de quatrocentos metros dessa embocadura, entre a margem do tributário e a Rua do Quebra Perna, num terreno plano e largo, existe um solitário e centenário pé de jatobá, árvore da mata ciliar desse vale. O pernambucano Graciano Bras Teles, fazendeiro na região, comprou um lote no lado oeste dessa área,

mandou limpar tudo, construiu uma casa e se instalou nela com sua família. Não demorou muito para que os garotos das vizinhanças transformassem aquele largo de areão, em frente da casa do pecuarista, num improvisado campo de futebol. Uma das balizas está enfiçada quase embaixo do jatobazeiro. Além de abrigar os reservas, a sombra dessa árvore serve também para agasalhar roupas, sapatos e outros pertences dos jogadores, enquanto estão correndo atrás da bola.

Procura-se ali, busca-se acolá, e nada. Depois de incursões infrutíferas por diversos logradouros do Lugar, finalmente Zequinha Barreto foi localizado. Estava justamente nesse campinho, no meio da garotada, ofegante e todo suado, sob o calor do sol das dez horas, jogando uma animada pelada.

Ciro e Noel se abrigaram na sombra da árvore e aguardaram ali, pacientemente, o final da partida de futebol. Findo o jogo, os garotos recolheram seus pertences e se puseram em debandada geral. Justo nesse momento, Zequinha avistou os dois jovens embaixo do jatobá.

- Oi, Ciro, o que faz nestas bandas?

- Zanzamos pela cidade inteira lhe procurando. Precisamos lhe falar sobre um assunto, e o companheiro aqui está ansioso para ler o caderno da Daniela, aquele que emprestei a você. Ah! Este é o Noel Serafim.

- Oi, Noel, muito prazer! – A frase veio acompanhada de um aperto de mão suado e acalorado.

- O prazer é todo meu!

- Pois bem, se querem falar comigo, vamos então à casa de meu tio. Fica aqui perto, no final da Rua do Quebra Perna. Enquanto eu tomo banho, Noel pode passar as vistas nos escritos do caderno.



Sáiram os três caminhando emparelhados, para facilitar uma conversa bastante animada que augurava o início de sólida amizade entre eles. Ganharam a Rua do Quebra Perna e, poucos minutos depois, já entravam na casa de seu Arsênio Barreto. Mesmo com toda a fartura de água nos dois rios, Ibotirama ainda não conta com o líquido precioso encanado, jorrando nas torneiras das habitações. Assim, para não dar trabalho aos parentes, Zequinha achou por bem se lavar no Rio Santo Onofre, que embeíça logo ali no fundo do cercado da residência. Enquanto isso, Noel Serafim ficou com a cara enfiada no caderno. Quando o rapaz regressou, já de banho tomado, a leitura ainda ia lá pela metade.

Com o propósito de não interromper leitura tão interessada, Ciro Ventura chamou Zequinha Barreto num canto da sala e lhe entregou a carta que seu padrinho escrevera e o caderno que continha a história da vida e as predições do Profeta do Jordão. E, para não ficar ali de bobeira, se afastou de mansinho e foi puxar conversa com os moradores da casa. Quando os dois se desincumbiram das tarefas, saíram em busca de Ciro, que se encontrava, naquele momento, embaixo de um cajueiro, no terreiro. Pegaram dois tamboretas de são-joão com tampo de couro cru, levaram para a sombra da árvore, e ali se aboletaram. Zequinha Barreto foi quem puxou a conversa:

- Difícil de se acreditar nesses mistérios inexplicáveis que escapam à razão humana. Na hipótese de se efetivarem os eventos arrolados nesses documentos, será esse talvez o primeiro livro agendado por uma profecia, com roteiro ditado por alguém do além, sobre fatos que supostamente irão acontecer.

- Se vocês prestarem mais atenção, vão perceber que as primeiras peças desse quebra-cabeça começam a se encaixar

perfeitamente! O que está escrito aqui no caderno da namorada do Ciro pode muito bem ser o início dessa história! E acredito piamente que seja! Isso está dito com todas as letras na carta do Velho Boa. Ele fala também das personagens que vieram no mesmo Vapor. E tem um detalhe que não pode ser desprezado: vocês dois estão nos escritos da Daniela!

- Meu caro Noel, raciocinando aqui comigo, cheguei à conclusão de que posso me considerar carta praticamente fora desse baralho. Se não, vejamos: a) Invenção de um Super-Almanaque Capivarol – Espécie de máquina que cuidará de dados e de informações, tomará o lugar de trabalhadores e deixará um rastro de desempregados mundo afora; b) Volta de Horácio de Matos e Militão Rodrigues Coelho, coronéis que ditavam o poder e travavam batalhas sangrentas no início do Século XX nesse sertão da Chapada Diamantina. Resta claro, portanto, que estas são as profecias mencionadas. E seja qual destas for a referida na carta, não me vejo participando da aventura, pois ambas representam o que há de mais perverso no capitalismo selvagem. Afinal, minhas convicções políticas e sociais estão no marxismo. Portanto, na contramão desses fenômenos que representam o poder mais discricionário que se possa imaginar. Rezo pela cartilha de Karl Marx.

- Entretanto, você não deve se esquecer de que pode ser levado a isso por outras razões, e não por vontade própria!

- É apenas uma hipótese, Noel! Pensando bem, Ciro Ventura possui o perfil de um desses personagens muito mais do que eu! Afinal, ele trabalha em banco e, falam maravilhas do computador que está vindo por aí, e o que a evolução dessa máquina vai representar nessa área da economia. De outro ponto de vista, os bancários já temem pela sua sorte, pois vislumbram, num futuro

não muito distante, esses engenhos fatalmente tomando o lugar de muitos empregados de banco.

- Espere um momento, Zequinha! Estou fora de cogitação! Praticamente não sou mais bancário. Pedi licença por um ano, e já estou pensando em renovar essa licença por iguais períodos. Vou cuidar, daqui por diante, da herança que recebi do padrinho e não sei quanto tempo isso vai demorar. Portanto, não sei se vou voltar a trabalhar mais em São Paulo.

- Vocês estão se esquecendo de outro detalhe muito importante! O Velho Boa fala de personagens (no plural) que vieram no Benjamim Guimarães!

- A despeito de todas essas evidências, pode muito bem ser alguém que veio pra cá, no mesmo Vapor, antes de nós.

- Bem lembrado!

- Noel, alguma pessoa digna de nota desembarcou nesses últimos meses do Benjamim Guimarães aqui em Ibotirama?

- Deixa eu pensar... Já sei! O Ojuara Caicó! É isso!

- É aquele que está fazendo cantorias com seu irmão Edilberto Lonetão?

- O próprio!

- Como ele veio parar aqui?

- Vocês vão ficar sabendo logo, logo! Eles estão vindo a Ibotirama para cantar no CPS!

# 19

Mestre, fala-nos das compras e vendas!

A vós, a terra oferece seus frutos, e nada vos faltará se somente souberdes como encher as mãos! É trocando as dádivas da terra que encontrareis a abundância e sereis satisfeitos. E, contudo, a menos que a troca se faça no amor e na justiça, ela conduzirá uns à avidez e outros à fome.

## **Muita vez a versão prevalece sobre o fato**

A flora da Bacia do São Francisco é muito variada em toda sua extensão, sendo que predominam os cerrados e as caatingas. Entretanto, em algumas faixas de terra a vegetação se agiganta para formar áreas de florestas, nas zonas úmidas, e matas caducifólias. Essas coberturas vegetais altas e densas se verificam em regiões, em geral, de boa precipitação com solos profundos e férteis. Exemplo dessa cobertura arbórea é a extensão a oeste de Ibotirama, delimitada a leste e oeste pela Serra da Piragiba e os gerais; a norte e sul pelos vales dos rios Grande e Corrente. Essa mata de vegetação alta e densa é formada especialmente com espécies das chamadas “madeiras de lei”, como o cedro e o pau-d’arco.

Desde os tempos de antanho que essa “madeira de lei” era usada nas estruturas de telhados de casas, fabrico de móveis, construção de barcas e de paquetes, nas cidades da microrregião. Não se sabe com exatidão a partir de quando, mas, em determinado momento a extração de toros nessa mata se intensificou e a atividade se tornou um negócio bastante rendoso. O certo é que ainda agora, quando iniciamos a segunda metade do século XX, lidar com balsas que descem o Velho Chico continua sendo o meio de vida de muita gente que reside em Ibotirama.

Entretanto, a continuar a devastação nesse ritmo acelerado, já se pode até prever o dia em que tombará o último pé de cedro dessa floresta. E esse dia não está muito distante, pois, cada balsa que zarpa de Ibotirama são centenas e mais centenas de troncos subtraídos dessa cobertura florestal jogados ao Rio. Presos por cordas, são conduzidos a favor da correnteza, com a perícia de braços fortes e experientes de remeiros e balseiros do vale do São Francisco. Enquanto esse dia não chega, balsas continuam descendo o Rio, e têm sempre destino certo: Petrolina e Juazeiro. Após o longo percurso, elas são desmontadas e os toros negociados nos portos dessas cidades. Boa parte do faturamento do negócio é moeda que faz a festa dos já famosos bordéis da cidade baiana. Concluída a comercialização do último toro, é costume de empregados e donos de balsas se enfurnarem nos Cabarés de Juazeiro e ali esbanjar seu dinheiro, por noites e noites, até apalpar os bolsos e sentir que estão quase vazios.

Ora, deu-se que a última balsa que Chico Peroba atracou em Juazeiro pegou o preço da madeira na alta. O faturamento com os toros foi além de suas contas, e estava ele ali aboletado numa mesa do cabaré mais famoso do Lugar, com os bolsos

estufados, cercado por seus empregados, que estavam também com grana extra. Aquela era uma noite muito especial para ele. Por isso, o tempo foi passando e esgotando sua paciência de esperar. Virou-se então para a cafetina, balançou os braços e disparou:

- Ô Maria Petrolina, o Ojuara Caicó canta, ou não canta?  
Foi seguido por muitas vozes gritando o mesmo refrão!

- Calma, minha gente, o cantador já vai subir ao palco!

Apreciador contumaz das cantorias e dos folhetos de cordel, Chico Peroba finalmente ia ouvir um dos maiores poetas e cantadores do nordeste. É bem verdade que já sabia de sua fama, através de dezenas de folhetos que lera contando as peripécias daquele que se tornara uma lenda viva dessa banda do Brasil. Mas ali era diferente. Seria a primeira vez que ia ficar frente a frente com ele.

- Boa noite, minha gente! É sabido que muita vez a versão prevalece sobre o fato. Como é a primeira vez que me apresento aqui em Juazeiro, vou contar algumas passagens de minhas aventuras pra vocês verem que muitas coisas que falam a meu respeito são meros boatos. Mas, verdade seja dita, já virei bicho duas vezes e Ojuara Caicó é o terceiro nome pelo qual sou conhecido!

- Devo confessar que na minha juventude eu era o simples caixeiro-viajante José Araújo Filho, que gostava de folhetos de feira e fazia minhas cantorias nos cabarés das cidades por onde passava. Foi só botar os pés em Jardim dos Caicós e minhas aventuras começaram! Vejam meus amigos o que aconteceu! Nesse lugar me casei com uma turca chamada Dualiba, me tornei um manicaca, fui desmoralizado pela língua ferina de um barbeiro

chamado Pompílio, e o pior, fui achincalhado e sacaneado pela glosa erótica do promotor de justiça e poeta Tota de Dona Biga.

- Aquilo foi demais pra mim! Foi assim que, aos vinte oito anos de idade, virei bicho pela primeira vez, na pele do caboclo Ojuara Abaporojucaiba. Incorporando o Caboclo Ojuara saí em pelejas memoráveis por esse nordeste afora, até que desafiei o Diabo, emendei os bigodes com o Coisa-Ruim! Nesse embate mortal com o Caningado, não me transformei em aranha como registrou meu memorialista Nei Leandro de Castro. Aquilo foi apenas um disfarce para mudar de nome novamente e me transmudar para o cantador Ojuara Caicó.

- Em seguida, participei de um ritual macabro na Serra do Teixeira e fiquei de corpo fechado para o Tinhoso. Permaneci lá um ano inteiro, de viola em punho, estudando com o poeta Zé Limeira todos os segredos das cantorias. Bem adestrado nessa arte, foi minha vez de derrotar Tota de Dona Biga na glosa do improviso. Agora, minha vida é de cabaré em cabaré desfiando histórias e cantorias. E para atestar minha nova filosofia de vida, tomo emprestados os versos de meu conterrâneo e amigo Moisés Sesyom para abrir esta cantoria:

Vida longa não alcanço  
Na orgia e no prazer  
Mas enquanto eu não morrer  
Bebo, fumo, jogo e danço,  
Farreio, brinco e não canso.  
Me censure quem quiser,  
Não falho um dia sequer  
Nesta sina eu me empenho,  
Além dos vícios que tenho,  
Sou tarado por mulher...

Terminada a cantoria, Chico Peroba acercou-se de Ojuara Caicó, se apresentou, e o levou quase à força para sua mesa. Encheu um copo de cerveja, ofereceu ao cantador e forçou um bate papo:

- Gostei muito de suas histórias e de sua cantoria! Sou leitor contumaz de poesia popular. Já li todos os folhetos que falam de sua pessoa, e faço questão que saiba isso da minha boca.

- Fico envaidecido de saber disso. Sabia que esse gênero de poesia possui trinta e seis modalidades?

- Então já são trinta e sete, porque nosso conterrâneo e cantador Edilberto Lonetão inventou uma nova modalidade chamada de “mote reverso”!

- É mesmo? Agora você me deixou curioso! Gostaria de conhecer e cantar com esse... Edilberto Lonetão!

- Taí uma coisa que gostaria de ver! Ainda pago suas despesas da viagem e dou uma gratificação só pra ter o prazer de ouvir vocês! Aliás, você podia ir a Ibotirama pra cantar com ele no CPS.

- CPS? O que é isso?

- O Cabaré de Pedro Sassarico! A Maria Petrolina nos conseguiu umas “moças” para a gente levar pro CPS. E aí, topa a viagem?

- Topo!

- Então não se fala mais nisso! Amanhã embarcamos no Benjamim Guimarães e, em poucos dias, estaremos em Ibotirama!



# 20

Fala-nos do Prazer, Mestre!

Muitas vezes, ao negardes a vós mesmos um prazer, nada mais fazeis do que represar vosso desejo nos recessos de vosso Eu. Quem sabe se o que parece omitido hoje não espera pelo amanhã? Vosso corpo conhece sua herança e seus direitos, e vós não o podeis iludir. Vosso corpo é a harpa de vossa alma. A vós pertence tirar dele música melodiosa ou ruídos dissonantes! \*

## **Como se fosse um mau agouro...**

- Estou aqui matutando sobre minha situação de momento, caro Noel. E a vicissitude me impele a dar carradas de razão ao comissário de bordo do Benjamim Guimarães, quando nos disse algo sobre o futuro, durante a viagem de Pirapora para cá.

- O que disse o Chico Prosa?

- A despeito da notícia que recebíamos pelo rádio, na manhã de 14 de dezembro do ano passado, dando conta da edição do AI-5, no dia anterior, pelo General de plantão em Brasília, o comissário disparou: “Não há nada mais traiçoeiro do que o futuro. Não toma partido de ninguém”. De fato, ao planejarmos

trilhar determinado caminho, nem cogitamos na hipótese de mudanças de direção que, muitas vezes, acontecem à nossa revelia. E quando isso ocorre, atropela o que foi planejado e desvia o rumo dos acontecimentos que cercam nossas vidas.

- O que sua situação atual tem a ver com tudo isso?

- Tem tudo a ver! Se não vejamos: eu planejei sair de São Paulo, chegar aqui a Ibotirama, lhe entregar o pacote e, no mesmo dia, partir para desembaraçar as questões da herança que recebi. E observa o que aconteceu! Neste momento estou aboletado em sua casa, manietado em sua cidade, como se estivesse preso por força superior, há cerca de dois meses, enredado na trama de uma história inacreditável, aguardando a apresentação de uma dupla de cantadores que nunca chega!

- Bem, pelo menos algo já foi esclarecido. O Nozin Galo Cego, balseiro do Chico Peroba, já nos contou como Ojuara Caicó veio cantar nestas paragens. E, venhamos e convenhamos, a história desse cantador é extraordinária mesmo, hein?

- Ouvir a cantoria desse potiguar é mais uma das muitas razões para eu permanecer aqui por tanto tempo. Imagino que Ojuara pode muito bem ser um dos personagens de sua história. A propósito de estarmos aqui falando de cantadores e de poetas, o Chico Prosa me mostrou um soneto de sua autoria. Confesso que fiquei bastante impressionado com sua composição sobre Ibotirama. Gostaria que você me mostrasse alguns dos seus escritos.

Noel Serafim hesitou um pouco e, diante da insistência do interlocutor, se dirigiu ao quarto e voltou com um caderno volumoso e o estendeu a Ciro Ventura. Este se pôs a folhear demoradamente, página por página e, de repente, seus olhos se detiveram num soneto que começou a ler, em voz alta:

Soneto Controverso

Quero um soneto meio controverso  
E me arremeto nele às escuras  
Vou recorrendo às Santas Escrituras  
Para botar tempero no meu Verso.

Meu consciente está meio disperso  
Sem nada pra dizer nessas alturas  
Tenho que achar de vez as tessituras  
Porque na oitava linha estou imerso.

No nono verso vem a frustração,  
Nem dei início à contradição  
E uma palavra já me alerta... ufa!

Procuro assunto pra mais um terceto  
Em minha mente vejo tudo preto  
Findo o soneto sem dizer bulhufa!

- A poesia formal me cativa porque sua feitura representa um desafio ao poeta. E o soneto configura o desafio maior para qualquer candidato a vate. Por isso, esse tipo de poema me seduz especialmente.

- Eu definiria o soneto como uma espécie de acepipe dos deuses que tem como ingrediente principal a verdadeira arte poética, preparado com catorze versos amarrados em quartetos e tercetos, temperados à base de metro, de ritmo e de rima.

- Ciro, minha fonte de inspiração é a poesia popular nordestina! Essa arte praticada pelos cantadores, repentistas e cordelistas de gabinete. Por ser essencialmente formal, ela é amplamente utilizada nos desafios dos improvisos. Possui 36 modalidades, como disse Ojuara Caicó!

- Comungo com você no gosto por essa arte nordestina. Ah! Não sei se já está sabendo da novidade! A homarada de Ibotirama está em polvorosa! No Bar de Chico Pastinha não se fala em outra coisa. Na Sapataria de Curicaca o assunto é o mesmo. Idem, nos bares do Quebra Perna e nos botecos da Rua de Baixo!

- Você deve estar se referindo ao caso das duas moças que Pedro Sassarico trouxe, e está guardando a sete chaves, para introduzir na profissão de quenga do CPS, no próximo sábado, em acontecimento festivo que contará com a presença da dupla Edilberto Lonetão e Ojuara Caicó!

- Precisamente! As únicas informações que Sassarico passa aos interessados é que as jovens vieram das bandas de baixo do Velho Chico, se chamam Ana Cléia e Gina Célia e estão na casa dos 18 anos de idade.

- Para aguçar o apetite dos pretensos candidatos a introduzir as moças na mais antiga das profissões, Pedro Sassarico, ao tempo em que alardeia aos quatro ventos a beleza da dupla, anuncia que fará sorteio entre os presentes ao evento, para indicar os felizardos que levarão as jovens para a cama pela primeira vez.

- Mesmo com todo esse auê, confesso que estou mais interessado em ouvir a cantoria de Edilberto Lonetão e Ojuara Caicó. Em relação às moças, algo estranho acontece comigo, como se fosse um mau agouro...

# 21

Mestre, fala-nos da Beleza!

A beleza não é um desejo, mas um êxtase. Ela não é a imagem que desejais ver, nem a canção que desejais ouvir. Mas, antes, a imagem que contemplais com os olhos velados, e a canção que ouvís com os ouvidos tapados! \*

## **Ojuara Caicó e Edilberto Lonetão**

- Seu Chico Peroba, já me disseram que o senhor é originário do agreste pernambucano. Como veio fixar residência aqui na região?

- Essa história começa por volta de 1950, já lá se vão 20 anos. Em viagem a Petrolina, ali eu tomei conhecimento de que estava transitando entre o porto do lugar e o de Juazeiro um construtor de embarcações chamado Ermi Silvério. Ele arregimentava carpinteiros e aprendizes para empregar na construção de três grandes barcas, em cidade rio acima. Naquela época eu já era carpinteiro de profissão. Como estava desempregado e zanzando pelos sertões, aceitei imediatamente a oferta, sem pestanejar. Foi-me dito que o lugar havia sido escolhido de caso pensado porque era região de muita madeira, a matéria prima para o mister.

- Ibotirama!

- Falou e disse, Ciro Ventura! O estaleiro foi montado embaixo de pés de jatobá centenários, na Passagem, que fica lá na margem oposta do Rio. O local foi escolhido a dedo para se usufruir de uma série de vantagens. Ali havia jatobazeiros muito próximos do leito do rio, e suficientemente frondosos para agasalhar o estaleiro. A instalação lá também significava economia de tempo e de dinheiro, que não seriam gastos com a travessia dos toros para esta margem, além de facilitar a trabalhadeira de levar as barcas para a água, quando estivessem prontas.

- Interessante!

-Quando aqui cheguei, me juntei aos outros companheiros já contratados e prontos para a empreitada: José Henrique, Mestre Alfredo, Seu Peró, Martin Cachorra, Betão Viriato, Donizete Vieira, Nezin Araújo, Zé de Chiquinha...mais os aprendizes. Foi desfazer minha trouxa e meter a mão na massa, digo, na madeira!

- Pelo que ouvi por aí, muitas dessas pessoas trouxeram suas famílias, fixaram residência em Ibotirama, e estão por aqui até hoje na labuta.

- Como foi o meu caso!

- E as barcas que foram construídas, onde estão?

- Esse foi o episódio que mais me impressionou nessa labuta! O contratador, que era conhecedor de história, tinha em mente uma empreitada que deixasse sua marca neste leito do Velho Chico. Pensando nisso, o empresário petrolinense imaginou homenagear a frota que trouxe o navegador genovês Cristóvão Colombo na viagem ao Novo Mundo. Dessa forma, as três barcas que construímos receberam os nomes de Santa Maria, Pinta e Nina!

- Incrível! São essas mesmas que estão ainda hoje singrando essas águas do Velho Chico?

- As ditas-cujas!

A conversa entre Ciro Ventura e Chico Peroba ia nesse pé, numa das mesas do CPS quando, de repente, os marmanjos presentes ficaram todos alvoroçados.

Pedro Sassarico subiu num palco improvisado, começou a gesticular e soltou o verbo:

- Finalmente chegou a noite tão ansiosamente aguardada por todos vocês, meus amigos! Daqui a pouco vamos realizar o sorteio dessas maravilhosas garotas! Antes disso, quero anunciar, com a maior satisfação, a dupla de cantadores que é sucesso em toda região nordeste. Para os aplausos de vocês, Ojuara Caicó e Edilberto Lonetão!

- Boa noite, meus amigos!

- Boa noite!!!!!!

- Vamos apresentar pra vocês, abrindo com chave de ouro esta cantoria, o “mote reverso” chamado Miscelânea Brasileira, “O Veredicto”, criação aqui do meu companheiro cantador Edilberto Lonetão:

Ojuara: Por tudo que já foi dito  
E pelo que eu vou dizer  
O Brasil vai merecer  
Meu fundado veredicto.  
Em cada verso cogito  
Fundamentabilidade.  
Pra mostrar dualidade  
Já tenho os motes na mira:  
É verdade ou é mentira,  
É mentira ou é verdade!

Lonetão: Quem inventou o Brasil  
Disse Babo, foi Cabral,  
Em marcha de carnaval  
Que causou furor febril.  
Foi inventado em abril  
Por pura casualidade.  
Procura maioria  
Há mais de quinhentos anos.  
Pra fulanos e beltranos:  
É mentira ou é verdade?

Toda platéia: É verdade!!!!

Ojuara: Neste nosso hemisfério  
Não grassa tremor de terra  
Nem vulcão furando serra,  
Pois aqui só dá minério.  
Não conheço um revertério  
Em nosso clima de embira  
Onde a gente caipira  
Tenha morrido no gelo.  
O Brasil merece zelo...  
É verdade ou é mentira?

Platéia: É verdade!!!!



Lonetão: Da Nau do descobrimento  
Já vem a corrupção.  
Caminha, o escrivão,  
Pediu favorecimento.  
Concluiu o Documento  
Com ato de improbidade  
Suplicando à Majestade  
Por seu genro n'almém-mar.  
Não ofende perguntar:  
É mentira ou é verdade?

Platéia: É verdade!!!!

Ojuara: Diga, com toda certeza,  
Se sabe d'outra nação  
Que teve tanta atenção  
De nossa Mãe Natureza.  
Solo de grande riqueza  
E clima que o Mundo aspira.  
Nossa flora se admira,  
De norte a sul do Planeta.  
O Brasil só tá zambeta...  
É verdade ou é mentira?

Platéia: É verdade!!!!

Lonetão: O Brasil começou mal  
Com presos e degredados  
Que foram aqui despejados  
Pelo Rei de Portugal.  
Aquele cartão-postal,  
Com índios em liberdade  
Transformou-se, com a idade,  
Neste esboço de Nação.  
Eu pergunto, meu irmão:  
É mentira ou é verdade?

Platéia: É verdade!!!!

Ojuara: A glosa deu o conceito  
Pra chegar ao veredicto  
E deixo o dito por dito  
Pra causar um certo efeito.  
Além do Brasil ter jeito,  
Abriga um povo sem ira.  
Sob seu céu de safira,  
Gente de qualquer nação  
Convive sem agressão...  
É verdade ou é mentira?

Platéia: É verdade!!!!

Lonetão: A “grande” revolução  
Essa de sessenta e quatro!!!  
Foi mesmo um grande teatro  
Sem disparar mosquetão.  
Causou estagnação  
Em toda escolaridade.  
Hoje a imbecilidade  
Campeia na juventude.  
Isso pede uma atitude...  
É mentira ou é verdade?

Platéia: É verdade!!!!

Ojuara: Pra mudar nosso destino  
O meu veredicto, então...  
É que se imite o Japão,  
Em todo o campo do ensino.  
O brasileiro menino  
Tem que ser a nossa mira.  
E mais depressa se adira  
À escola em tempo integral.  
É mais que fundamental...  
É verdade ou é mentira?

Platéia: É verdade!!!!!!!!!!

A cantoria seguia de enfiada, nesse mesmo diapasão, por mais de uma hora, até que anunciaram um pequeno intervalo para o sorteio das garotas.

Pedro Sassarico havia se ausentado do local, não se sabia o motivo. Mas, por prevenção, deixou como seu substituto o Naor Manchinha. Este empunhou um daqueles copos de couro cru para jogos de dados e colocou em cima de uma mesa, chamou a atenção dos presentes e disparou:

- Estou aqui para ajudar a realizar o desejo de dois de vocês, meus amigos! Chegou o momento do prazer! Cheguem mais!

Desde o início da fala de Pedro Sassarico, as duas garotas permaneceram ali no palco, como dois troféus a serem conquistados. Ambas eram muito bonitas, possuidoras de corpos harmônicos e quase perfeitos. Afora isso, algumas diferenças entre ambas saltavam aos olhos de qualquer vivente. As discrepâncias começavam pelas roupas. Gina Célia vestia uma mini-saia que, ao mínimo movimento para se curvar, mostrava o fundo da calcinha. Ana Cléia, ao contrário, trajava um vestido bem comportado que ia até um pouco abaixo dos joelhos. A primeira se mostrava com um sorriso meio debochado, trejeitos provocativos e sensuais. A segunda, ao contrário, apresentava um ar retraído, como se não estivesse preparada para o mister.

Ciro Ventura foi o primeiro a perceber aquela desarmonia. E, ao olhar fixamente para Ana Cléia, lhe bateu novamente aquele mau agouro que sentira na casa de Noel Serafim.

Cercado pelos olhares atentos de todos, Naor Manchinha pegou uma folha de papel em branco e cortou em pequenos pedaços. Alcançou um lápis e foi escrevendo em cada um deles um nome, até que contemplou todos os homens presentes.

Enrolou os papelotes e enfiou, um a um, dentro do copo. Fez certo suspense, balançou o recipiente para cima e para baixo, meteu a mão lá dentro e retirou um papel:

- O primeiro sorteado é!!!..... Edilberto Lonetão! – Meu jovem, qual garota você escolhe?

- A minha escolhida é!...Gina Célia!

Lonetão grudou na garota e se enfiou no quarto, ainda ouvindo os aplausos ecoando atrás de si.

Manchina balançou novamente o copo, enfiou a mão e retirou outro papelote. Dessa vez o suspense foi maior! Ficou ali com o braço erguido, exibindo o pedaço de papel.

- O segundo sorteado é!!!....Ciro Ventural!

Ao ouvir seu nome e os aplausos dos presentes, o rapaz sentiu estranhamente um calafrio percorrer seu corpo. Foi levantado, abraçado e levado para junto da garota por Noel Serafim. Quando encarou Ana Cléia de perto, teve um sobressalto. Notou certas semelhanças da garota com a figura de alguém gravada em suas reminiscências.

Naquele momento, o quarto do CPS foi transformado no palco do enredo de um terrível drama, que se desenrolou em tempo que parecia uma eternidade para os dois.

O tempo já ultrapassara do combinado e os outros marmanjos se impacientavam com a demora do casal. Àquelas alturas, o próximo candidato a ficar com a garota já esmurrava a porta do quarto, irritado.

Eis que surge, nesse momento, Naor Manchinha gritando esbaforido, a plenos pulmões:

- Mataram Pedro Sassarico na Rua do Brega! – Mataram Pedro Sassarico na Rua do Brega!

Houve uma debandada geral para o local do crime. Não restou nenhuma alma viva dentro do cabaré, exceto Ciro Ventura e Ana Cléia com seus dramas pessoais, indiferentes ao acontecido com o proprietário do CPS. Aproveitando-se da solidão do momento, saíram se esgueirando de mansinho, escapuliram pelo meio da macambira e desapareceram na escuridão da noite.

# 22

Mestre, fala-nos da Ação!

Um pequeno conhecimento que age é de um valor infinitamente maior que o de muito conhecimento ocioso. Muitos há que levantam a cabeça acima do cume das montanhas, mas cujo espírito fica adormecido na escuridão das cavernas.\*

## **Falta assunto para o romance e o livro empaca**

Enquanto Ciro Ventura se movimentava às cegas na escuridão da trágica noite ibotiramense, procurando um meio de transporte para sair da cidade sem ser notado, um jipe varava os alagadiços da estrada de Bom Jesus da Lapa. Esse veículo conduzia o corpo ensangüentado de Pedro Sassarico. O dono do CPS fora vítima de um balaço, na Rua do Brega, ao intervir na briga entre desafetos.

Ciro Ventura conseguiu alcançar seu intento. Sassarico, no entanto, não suportou o ferimento e morreu antes de seu corpo dar entrada no hospital da Lapa.

Nem bem despertara a aurora, nas padarias, nos açougues e nos portos de peixes, os maledicentes já embaralhavam as duas

ocorrências como se fossem partes do mesmo episódio. Àquela hora, Mildo de Quelé já pechinchava o preço de uma curimatá com um paqueteiro, na Boca da Barra. Ao ver um conhecido se aproximar do seu lado, espichou conversa de mexeriqueiro:

- Que noite, hein Valdo! Pois não é que estão dizendo que o paulista atirou no Pedro Sassarico e, pra completar, fugiu com uma das quengas novas que estavam estreando noite passada no CPS!

- Não foi nada disso o que ocorreu, homem de Deus! Eu estava presente no exato momento em que o falecido foi ferido de morte. Começou uma discussão entre dois indivíduos que disputavam a mesma mulher, na Rua do Brega. O entrevero foi se arrastando para o escuro da rua. Foi aí que ouvimos os disparos. Sassarico, que acabava de chegar e tentava apaziguar os ânimos, recebeu um tiro, não se sabe disparado por quem, sem nada ter a ver com o furdução. O tal paulista de quem você fala, naquela altura dos acontecimentos, estava enfurnado no quarto do CPS, a mais de quinhentos metros de distância do ocorrido.

- Ah! Então foi isso que aconteceu? E no mais, o paulista fugiu com a quenga?

- Isso é verdade! Dizem que o Beto Caçote ajudou o rapaz na fuga. Ele pegou a bagagem na Pensão de Ninita e conseguiu se embiocar numa barca, no meio da madrugada, em companhia da quenga. A embarcação zarpou logo depois.

- Que história esquisita! É a primeira vez que tomo conhecimento de um fato desse jaez. Imagina alguém, em sã consciência, raptar uma mulher do cabaré! Só pode estar mesmo desequilibrado das idéias! Tá doido, sô!

Poucos meses depois, com o CPS fechado, esses episódios entraram no rol do esquecimento. Nesse marasmo, Noel então



trata de ir trabalhar arduamente na montagem de seu romance. Para cuidar bem da tarefa, afasta-se do convívio social e se entoca no quarto de sua casa, tendo como única companhia um surrado rádio a pilha. Esse aparelho é seu contato com o mundo exterior. Através dele, e no tiquetaque do relógio, assiste o tempo ir bandeando de janeiro a dezembro.

Nesse escoar dos dias, o homem chega à lua; Brasília troca de General; Jorge Bem lança “Charles, Anjo 45”; Caetano Veloso grava “Atrás do Trio Elétrico”; Gilberto Gil canta “Aquele Abraço”. Erasmo Carlos expõe seu desengano, prevendo o fim da Jovem Guarda, cantando com sua voz miúda “Sentado à Beira do Caminho”.

O Brasil sagra-se tricampeão mundial de futebol, no México, ao som da composição de Miguel Gustavo “Pra Frente Brasil”. Chico Buarque volta do exílio e continua seu protesto contra a Ditadura Militar cantando “Apesar de Você”, Elis Regina faz sucesso com a música de Ivan Lins “Madalena”.

Enquanto Toquinho e Vinícius celebram sua arte em “Na Tonga da Mironga do Cabuletê”, falta assunto para o romance e o livro empaca. Diante desse embaraço, Noel Serafim resolve finalmente sair de casa. Aí ele se espanta ao presenciar sua cidade ser invadida por uma fileira de patrulas. As barulhentas niveladoras percorrem as principais ruas do Lugar e só vão arriar suas lâminas na beirada do Velho Chico. É a BR 242, rodovia federal que ligará Salvador a Brasília, chegando a Ibotirama.

O escrevinhador de primeira viagem se sente de repente completamente desamparado. Todos os supostos personagens de sua história tomaram chá de sumiço. Fora informado de que Ojuara Caicó descera o Rio com destino a Juazeiro. Quanto a Ciro Ventura, não dera notícia do seu paradeiro desde o dia em

que fugira, no meio da noite, com Ana Cléia. Zequinha Barreto era um caso à parte. A começar do dia de sua chegada a Ibotirama, ele ficava sempre naquele vai e volta. Ocorre que essa sua última ausência estava se configurando a mais prolongada de todas. Antes dessa última partida, no entanto, ele havia presenteado o amigo com o long-play dos The Beatles “Abbey Road” e deixado como empréstimo o livro “O Capital” de Carl Marx, com recomendação de leitura atenta.

- Noel, você andou sumido! Há quanto tempo não aparece para nossas incursões noturnas, nossas serenatas de radiola! Andou viajando?

- De certo modo sim, Manuca! Viajei pelo Brasil inteiro convivendo com os personagens de Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Augusto dos Anjos, Érico Veríssimo, Patativa do Assaré, José Lins do Rego, Catulo da Paixão Cearense, e com outros que agora não me vêm à memória. Percorri o mundo inteiro com Emily Brontë, Dostoievski, Eça de Queiroz, Henry Miller, Gustave Flaubert e Gibran Calil Gibran. Fui ao fundo dos mares com Ernest Hemingway e Júlio Verne. Aí fiquei maravilhado ao perceber que fiz tudo isso sem precisar sair do quarto de minha casa aqui de Ibotirama. No decorrer dessas viagens me tornei um leitor contumaz e achei que estava suficientemente preparado para abraçar certa missão de escrevinhador. Afinal, o universo da literatura havia se tornado familiar pra mim e julgava já estar pronto para o mister. Ledo engano!

- Do que você está falando, companheiro? Não entendi nada do que disse!

- Daqui a pouco vai entender. Você é meu maior amigo, não escondo isso de ninguém. Como estava precisando mesmo desabafar com alguém, nenhum interlocutor mais adequado do que um amigo de verdade. Peço que ouça com atenção! Tudo começou quando recebi um pacote das mãos de Ciro Ventura, enviado por...

Noel Serafim desfiou para o amigo todos os acontecimentos em que se envolvera desde o dia da chegada de Zequinha Barreto a Ibotirama. E finalizou afirmando que, de tudo aquilo, restou um livro inacabado que queimava em suas mãos.

- Isso que você acaba de me segredar é inacreditável. Eu gostaria muito de ler a parte que já escreveu desse livro!

- Eu vim aqui justamente para lhe pedir que me fizesse esse favor. Quero uma opinião franca e isenta sobre essa parte. Há dias em que leio esses escritos, acho tudo bem engendrado e meu ânimo chega a ir ao sétimo céu. Em outros, no entanto, nem chego a concluir a leitura. Pois, já nas primeiras páginas, começo a achar a prosa chata e desenxabida. Aí, tenho ímpeto de atirar minha máquina de escrever pela janela, me vem um impulso de levar o calhamaço para o fundo do quintal e atear fogo. E o pior não é isso que já lhe contei!

- O que há de mais grave, Noel?

- O enredo da obra mixou! Há meses que não meto no livro uma única palavra. Aproveito esse paradeiro para reler “O Capital” que Zequinha Barreto me emprestou antes de sua última viagem. Nessa leitura, ocupo minha mente, aplaco a ansiedade e fico no aguardo da próxima instrução do Velho Boa!

- Falta muito tempo ainda para a abertura do próximo envelope?

- Faltam exatos vinte e oito dias!

# 23

Mestre, que dizes da Arte?

A Arte deve ser uma comunicação direta entre a imaginação do artista e a do espectador (leitor). Por essa razão, evite, tanto quanto possível, acumular detalhes diante do espectador (leitor) a fim de que a sua imaginação tenha campo livre e vasto por onde possa expandir-se!\*

## **O argumento definitivo para retomar sua obra!**

Noel Serafim abre ansiosamente o envelope, inicia a leitura do escrito e o sangue começa a fervilhar em sua cabeça. Vai ao quintal, respira fundo, levanta a cabeça e olha para o Céu. Pela claridade e o arredondado do astro, percebe que é noite de lua cheia. Coloca o bilhete do Velho Boa no bolso, o long-play dos The Beatles “Abbey Road” embaixo do braço e ruma para a casa de Manuca. O amigo é o feliz proprietário de uma vitrola philips verde, seu xodó. Já se tornara um costume dos dois saírem ao sereno das noites desertas de Ibotirama com meia dúzia de discos e essa eletrola. Munidos desses apetrechos, muitas vezes,

varam as madrugadas fazendo o que eles estranhamente chamam de serenata. A bem da verdade, nessas incursões, a música que rodam no aparelho não é bem para o propósito de fazer o som chegar aos ouvidos de alguma garota acordada no aconchego dos lençóis e sim, para o deleite próprio.

Tão logo assoma à porta do quarto do amigo, Noel nota que ele está com a cara enfiada no calhamaço dos capítulos já escritos de seu romance. Aquilo faz acelerar seu coração, martela no fundo de sua alma e reflete na ansiedade em saber logo o veredicto do amigo.

- Boa noite, companheiro! Não seria do meu agrado interromper...

- Eu já estava no fim da leitura!

- E aí?

- Você teria cometido um sacrilégio se tivesse ateadado fogo nesses escritos! Não pode nem imaginar a minha expectativa e ansiedade agora em querer saber o desfecho dessa trama! Esta mesma sensação certamente experimentará a maioria das pessoas que tiverem a oportunidade de ler este livro, depois de concluído.

- A propósito da conclusão do romance, peço que leia este bilhete, por favor:

*Meu jovem Noel,*

*Certamente essa é a primeira vez que você recebe bilhete de um defunto. Esse inusitado escrito se destina a comunicar que é chegado o momento de sua história ter prossecução. E esse prosseguir introduzirá em sua trama personagens que chegarão desta feita por via terrestre.*

*Devo chamar sua atenção para uma figura que aí surgirá de repente, com aparência e hábitos extravagantes. Alerto para estar sempre vigilante e dar fé de uma canção que ecoará no meio da noite, visto que ela soará como uma espécie de mote para a retomada de sua obra.*

*Boa sorte no prosseguimento da empreitada.*

*Sem mais,*

*receba as saudosas bençãos  
de seu eterno amigo*

*Boaventura dos Santos*

- Eis aqui em minhas mãos o argumento definitivo para compelir você a retomar sua obra!

- E por onde começar?

- Muitas pessoas estão chegando a Ibotirama, por conta da construção da BR 242. Mas, peão de empreiteira não costuma ter “aparência e hábitos extravagantes”. Não é por aí!

- Agora estou me lembrando de uma figura que pode muito bem se enquadrar nessa categoria, Noel! Há dias circula sorrateiramente pela cidade uma hippie muito bonita, apesar de suas vestimentas serem...

- Acertou na mosca!

- O que faremos?

- Vamos ao sereno!

Saíram os dois e penetraram na noite enluarada com a compenetração comparada à da dupla dr. Watson e Sherlock Holmes. Percorreram boa parte dos logradouros do Lugar, sem

encontrar nenhuma alma viva. Resolveram então fazer um giro pela região do cais. Eles caminhavam atentos a tudo em sua volta. Quando estavam no ponto em que já sentiam a brisa soprada do leito do Rio, começou a ecoar uma voz daquela direção, cantando uma canção que fez Noel Serafim arrepiar:

Venho pra lhe dizer  
Que fui bem longe  
Sem perceber  
Buscar a paz que estava junto a ti

Venho de tristeza e dor  
O tempo todo só pensei no amor  
E ele era você

Chego e venho pra ficar  
Estou cansado, quero repousar  
Tranquilamente ser seu ideal  
Para saber se o sonho é sempre bom

Um sonho lindo sem ter despertar  
E assim, posso cantar de cor  
Essa alegria de ser bem maior  
Para encher os olhos seus e o coração  
Este é um final feliz  
Que penso para lhe dizer  
No dia em que você voltar pra mim



Mas se depois  
Eu acordar de um sonho bom  
E descobrir que a ilusão  
Nada mais foi que um lugar comum  
Fico somente para lhe dizer  
Que a minha vida, valha o que valer,  
Não vale nada, a vida, sem você.

- Companheiro Manuca, você está ouvindo isso? Posso jurar que é a voz de Dolé!

- Nem precisa jurar, é ele mesmo que está cantando!

- Será que você está pensando o mesmo que eu?

- Acertei novamente, na mosca!

Dava já pra enxergar três vultos na beira do cais e a silhueta de um violão se destacando de uma das figuras. Foram se achegando de mansinho.

- Boa noite, companheiros!

- Boa noite! Você zanzando pelas ruas nessas altas horas da noite, Noel Serafim?

- Estou em missão de detetive! A propósito, linda canção essa que você acabou de cantar. Qual é o nome da música, Dolé? Quem a compôs?

- Ah! O nome da música é “Chegada”. É uma “Canção de Amigo” que eu e o Zequinha Barreto fizemos para homenagear Carlos Lamarca!

- Aquele capitão que desertou do Exército? E por que botaram o título de “Chegada”?

- Você hoje está muito indaguento!

- Faz parte de minha tarefa de investigante!

- Investigante! Só me faltava essa! A canção é mesmo para o Capitão Carlos Lamarca, isso eu posso lhe dizer. Quanto ao título da música, só Zequinha pode explicar pra você. Eu não estou autorizado.

Noel se despediu de todos e se afastou cabisbaixo e decepcionado. Manuca chamou sua atenção para um vulto que vinha seguindo os dois. Pararam no oitão da Igreja de Nossa Senhora da Guia e botaram o disco de The Beatles “Abbey Road” na vitrola. Começou a rodar “Come Together”: Here come old flat top / He come groovin’ up slowly...O vulto foi se aproximando e eles puderam ver que se tratava da hippie que zanzava pela Cidade.

- Boa noite, meus jovens!

- Boa noite!

- Posso me sentar aí com vocês?

- Fique à vontade!

- Qual de vocês é Noel Serafim?

- Como sabe que é um de nós?

- Eu ouvi a conversa de vocês lá no cais.

- Meu nome é Noel, muito prazer! E você, quem é?

Como se fosse contar um segredo, a moça aproximou o rosto e cochichou a frase que entrou nos ouvidos do jovem como uma bomba.

- Meu nome é Daniela Arruda Guedes, a namorada de Ciro Ventura! Eu acho que podemos nos ajudar mutuamente!

Noel Serafim explodiu de alegria, abraçou Daniela e começou a gritar:

- Acabo de ganhar a noite! Acabo de ganhar a noite! Acabo de ganhar a noite!

# 24

Mestre, que dizes do Destino?

A Vida se apodera de nós e nos leva de um lugar para outro; o Destino nos move de um ponto para outro. E nós, colhidos entre ambos, ouvimos terríveis vozes e só vemos o que nos surge no caminho como um estorvo ou uma ameaça.\*

## **O reflexo do sol nas maretas do Velho Chico**

- Meu jovem Noel Serafim, que dia é hoje?

- Domingo, 27 de junho do ano da graça de 1971. Por conta disso estou aqui sentado no cais, nesta tarde gostosa, sossegado, sentindo esta brisa suave no rosto e apreciando o reflexo do sol nas maretas do Velho Chico.

- Pois guarde muito bem este dia em sua mente, companheiro! Por certo ele ficará marcado por toda sua existência. Gostaria de conhecer o Capitão Carlos Lamarca?

- No seu caderno, aquele que Ciro Ventura me emprestou, há uma pequena fotografia dele grudada na última folha. Portanto, já conheço a fisionomia daquele camarada. Também já vi o retrato

do mito estampado na revista “O Cruzeiro”, lá na casa de seu Damião Dantas.

- Não estou falando de conhecer o Capitão por fotografia! Vim chamar você para conhecê-lo “em pessoa”! Olho no olho! Vamos lá?!!

- Está de brincadeira comigo, Dani? Sabe muito bem que não posso ir a São Paulo ou ao Rio de Janeiro agora com você! E mesmo que partíssemos daqui agora, neste instante, não alcançaríamos ainda hoje esses lugares.

- Quem está falando de viajar, meu jovem companheiro? Lamarca está, neste exato momento, jogando uma partida de sinuca tranquilamente ali no Bar de Chico Pastinha! Levanta daí e vamos observar um mito de perto!

Noel pôs-se de pé em tal estado de excitação que nem se deu conta de como venceu a centena de metros que o separava de onde se encontrava, naquele momento, o mais famoso e caçado guerrilheiro do Brasil. Só deu tento de si quando já estava postado na calçada do bar, observando disfarçadamente os dois homens que seguravam tacos de sinuca, entretidos no jogo. O jovem ibotiramense permaneceu ali, boquiaberto, como que a gravar para sempre na sua memória aquele momento extraordinário. Quando Noel tentou transpor a porta para observar mais de perto, Daniela segurou seu braço impedindo-o de prosseguir.

Alguns minutos depois, o jogo foi encerrado, a conta paga e os dois jogadores se dirigiram para a porta onde estavam postados os embasbacados espectadores. Nesse momento, Noel pôde olhar o Capitão Lamarca de perto, pois ele passou a menos de meio metro de seu nariz. Em seguida, o mais inusitado visitante do Lugar e seu companheiro entraram numa Kombi surrada,

estacionada nas proximidades, ouviu-se a partida no motor do veículo e, em poucos segundos, desapareceram das vistas dos dois.

- Dani, o rosto dele está meio diferente do que apareceu estampado na revista e de como foi descrito pela publicação: magro, estatura mediana, rosto encavado, expressão compenetrada, com olhos castanhos encimados por cabelos crespos e também castanhos. Em suma, a figura de um brasileiro comum.

- É que a cara dele passou por uma cirurgia plástica, no Rio de Janeiro!

- Acho que chegou a hora de você abrir o jogo. Falar seriamente comigo. Tenho certeza de que sabe muito mais do que eu imagino sobre esses assuntos de guerrilha, subversão, terrorismo e de contestação ao regime dos generais encastelados em Brasília.

- A propósito, como o Capitão Carlos Lamarca chegou a este destino? Do que veio tratar em plagas tão distantes? Não deixei de notar que você não queria que ele a visse. Por quê? Já o conhecia pessoalmente e sabia que ele viria para essas bandas? Quanto a você, até agora não se abriu comigo! O que busca em Ibotirama?

- Calma, camarada, tenha dó de mim. Parece mais uma metralhadora disparando perguntas demais na direção desta pobre hippie! Vamos por partes! Vinha justamente falar com você sobre alguns assuntos. Foi aí que dei de cara com os dois saindo da Kombi e se dirigindo tranquilamente para o bar! Imagina o meu espanto, companheiro, quase desmaiei!

- E não era pra menos, jovem! E então, por onde começamos?

- Bem, depois que meu pai me trancafiou na fazenda e Ciro viajou aqui pra Bahia – fato que você já sabe – minha vida

descambou para um marasmo angustiante. O tempo passava lentamente no mesmo diapasão até que, em certo dia, aconteceu comigo uma espécie de fenômeno premonitório. Passei por um processo nebuloso e aflitivo de desordem mental. E, naquele estado de obscuridade, senti a presença de meu pai e ele me pedia perdão, com insistência, pelo que fizera comigo e se despedia dizendo que havia dado o seu último suspiro. De fato, horas depois chegou-nos a notícia de que ele havia sofrido um acidente de automóvel e seu corpo fora transportado para um necrotério.

- Que situação horrível?

- A perda de meu pai me deixou em estado de abatimento depressivo. E aquele fenômeno me impressionou sobremaneira. A partir dali, outros casos estranhos começaram a me acontecer. Parecia que eu fora dotada de certas percepções extra-sensoriais. Consultei psicólogo, fiz sessões de terapia, e de nada adiantou. Certo dia, conversando com um amigo espírita, ele aventou a possibilidade de eu ser médium e não ter noção disso. Disse ele que os médiuns possuem, em sua maioria, faculdades especiais de captação das manifestações espirituais. Isso explicava todos aqueles fatos que aconteciam comigo. E disse mais! Eu poderia ser uma médium audiente, capaz de ouvir as vozes dos espíritos e de conversar com eles. Ou médium vidente, com a faculdade de ver os espíritos.

- O que você fez, então?

- Viajei a São Paulo para me encontrar com meu namorado e ele não estava por lá. Deduzi que Ciro continuava aqui na Bahia. Foi aí que constatei as mudanças que haviam ocorrido no cenário brasileiro durante a minha prisão domiciliar. Com a decretação do AI-5, em final de 1968, começou a censura prévia e praticamente desmobilizou o movimento estudantil. A luta

armada se fortaleceu e passou a ser o principal instrumento de contestação do regime dos militares, a partir de então. O Capitão Carlos Lamarca desertou do exército, entrou na clandestinidade, e já era considerado o maior guerrilheiro em atividade.

- Aí você voltou para tomar conta da fazenda deixada por seu pai!

- Muito pelo contrário! Meu problema foi para segundo plano. Deixei os negócios da família nas mãos de minha mãe e de meu irmão. Comprei um segundo caderno, pois o primeiro enviara para o Ciro, e uma cópia que estava comigo meu pai destruiu. Aí, comecei a me enfiar nos “aparelhos” de todas as organizações clandestinas de combate ao regime dos altos coturnos de Brasília. Nos apontamentos dessas andanças, fui percebendo que uma figura se sobressaía. Meus escritos foram se recheando quase que exclusivamente com proezas de uma única pessoa!

- O Capitão Carlos Lamarca!

- Precisamente. Talvez essas faculdades especiais que tenho me posicionaram na direção daquele mito. Aí, minhas anotações se concentraram em fatos sobre as ações dele. Contribuiu também, e de forma decisiva, minha curiosidade em querer descobrir por que um oficial do Exército Brasileiro, com trajetória brilhante a percorrer, abandona a farda e aposta em outro futuro. E mais, leva esse seu gesto às últimas conseqüências!

- Você se encontrou com Ciro Ventura nessas suas andanças?

- Uma das razões para eu vir a Ibotirama foi justamente a expectativa de me encontrar com ele. Ao botar os pés aqui, tive essa desagradável surpresa. Ouí, por acaso, alguém relatando a história de que Ciro havia fugido com uma quenga do Cabaré. Vi logo essa esperança frustrada. Meu primeiro impulso foi de pegar o primeiro transporte e dar o fora daqui.

- Eu posso imaginar como foi sua decepção. Até hoje eu ainda não acredito nessa história de fuga. Algo não bate nesse imbróglio. Pelo pouco que conheci dele, acho que Ciro Ventura seria incapaz de uma atitude dessas. No entanto, resta uma pitada de dúvida. Pois, passado aquele episódio, ele não deu mais o ar de sua graça por aqui.

- Quais foram os outros motivos que fizeram você permanecer em nossa cidade?

- Permaneci em Ibotirama, entre outras coisas, por conta de certa curiosidade feminina. Queria conhecer de perto Noel Serafim e assim ficar sabendo o que continha o pacote que Ciro trouxe até aqui. Quando entabulamos as primeiras conversas e depois li o livro que você está escrevendo, foi como se as peças de um intrincado quebra-cabeça comesçassem a se encaixar! E essas peças se referem claramente ao terceiro motivo que me trouxe a essas bandas!

- Como assim, Dani?

-Ao concluir a leitura dessa parte do seu romance, ficou vagueando em minha cabeça o que imagino ser o desfecho de sua história.

- Então me conta, vai!

- Assim perde a graça! Vamos combinar o seguinte: eu boto no papel o que penso ser o final do seu romance. Logo que você concluir seus escritos, confrontamos o que eu escrevi com o seu desenlace e veremos se coincidem os dois desfechos, certo?

- Combinado!

- Mas agora o que você tem a fazer é ler, sem demora, o meu segundo caderno para se inteirar do que estou falando.

- Você vai me emprestar o seu segundo caderno? Não pretendia escrever um livro com essas anotações?



- Disse bem, pretendia! Não vou mais! Pois tenho certeza de que essas anotações farão parte do enredo de sua história. Afinal, foi justamente isso que vaticinou Boaventura dos Santos quando escreveu no bilhete: “esse prosseguir introduzirá em sua trama personagens que chegarão desta feita por via terrestre”.

- Vamos então buscar o caderno!

# 25

Mestre, fala-nos da Crença!

Acreditar é uma coisa; viver conforme o que se acredita é outra coisa. Muitos falam como o mar, mas vivem como os pântanos. Muitos levantam a cabeça acima dos montes, mas sua alma jaz nas trevas das cavernas!\*

## **Lamarca em tempo algum concordou com o golpe militar**

- Será que existe algum vivente neste mundo capaz de precisar o momento exato em que acende em nós a fagulha do querer, da afeição, da ternura e do amor, meu amigo Manuca?

- Não vai me dizer que já está de chamego com a hippie paulista, Noel!

- Confesso que estou com os sentimentos meio desordenados. Ao segurar esse segundo caderno da Dani, me assaltam emoções estranhas. E são muito diferentes das que

experimentei quando li o primeiro escrito dela. Aquele que me foi emprestado pelo namorado da jovem. Talvez seja só pela ansiedade em querer saber logo o conteúdo do calhamaço. Era assim que vinha pensando no caminho para sua casa. Há momentos, entretanto, em que até me sinto culpado em relação a Ciro Ventura. É como se estivesse traindo um amigo.

- Que nada, o cara fugiu com uma quenga do CPS e vem você aí com sentimento de culpa! Saia dessa, companheiro!

- Acho que você tem razão. De mais a mais, eu nem sei se ela sente alguma coisa por mim! Deixemos esse assunto de lado por enquanto e vamos para o seu quarto começar a ler o que a Dani escreveu neste caderno:

Terceiro filho, dos seis que tiveram o sapateiro carioca Antonio e a dona de casa Gertrudes, Carlos Lamarca veio ao mundo no dia 27 de outubro de 1937, no Morro de São Carlos, zona norte do Rio de Janeiro. Desde cedo se mostrou um garoto pertinaz. E foi essa pertinácia que o conduziu a ser o único filho desse casal de subúrbio a alcançar o curso superior.

Com dezesseis anos, tomou parte nas manifestações de rua na campanha nacionalista “O petróleo é nosso”. Nessa época, seu livro de cabeceira já era a obra Guerra e Paz, de Tolstoi. Foi nessa ocasião que tomou a firme decisão de ser oficial do Exército Brasileiro.

Tenta, por duas vezes, ingressar na Escola Preparatória de Cadetes e é reprovado - a primeira, na cidade de São Paulo e a segunda em Fortaleza. A aprovação só veio, finalmente em 1954, aos dezessete anos de idade, na terceira tentativa, na distante Porto Alegre.

No ano de 1957, Lamarca já se achava em Rezende, matriculado na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Nessa fase acadêmica, ele se tornou simpatizante convicto das idéias comunistas, através das leituras que fazia dos panfletos, documentos e do jornal “Voz Operária”, deixados embaixo de seu lençol por membros da célula do Partido Comunista do Brasil, que atuava no local. A chama socialista já vinha impregnada no seu sangue, herança do pai Antonio Lamarca.

Ainda aspirante a oficial, e contra o regulamento, casa-se no ano de 1959, em segredo com Maria Pavan, uma amiga de infância e quase sua irmã de criação, que já esperava, a essa altura, o primeiro filho. O casal vai morar no Campo de Santana, no Rio de Janeiro e, no dia 5 de maio de 1960, nasce César Lamarca. Neste mesmo ano, é declarado oficial-aspirante e vai servir no 4º Regimento de Infantaria, em Quitaúna, Osasco, São Paulo.

Em 1962, já como segundo tenente, é designado para integrar as forças da ONU, na ocupação do canal de Suez, no Oriente Médio. Em Rabah, permanece por treze meses. Durante esse tempo, Lamarca começou a tomar consciência da pobreza do povo árabe. Verificou que aquela gente passava fome. Constatou que a situação ali era mais dolorosa do que a do povo brasileiro. Aos mais chegados confidenciava que, para ser honesto consigo, se tivesse que combater, teria que passar para o lado daquele povo.

A partir do momento em que retorna ao Brasil em 1963, as idéias comunistas vão ganhando mais força em sua mente através da leitura de clássicos marxistas. Morando em Porto Alegre, Carlos Lamarca serve até 1965 na 6ª Companhia de Polícia do Exército. Nesse período, ele acompanha os últimos estertores do governo constitucional de João Goulart. Nas ruas, observa as manifestações da massa a favor das reformas de base; nos quartéis,

a conspiração que foi desembocar no golpe militar de 31 de março de 1964.

O tenente Lamarca admira a tentativa de resistência no Rio Grande do Sul ao golpe militar, encabeçada por Leonel Brizola, que considerava um verdadeiro líder popular. Por outro lado, lastima a fuga do presidente João Goulart, que ele reputa atitude de covarde.

Para ele, que estava determinado a empunhar arma para ficar do lado do povo, esse período de golpe militar foi se configurando um tempo de grande sofrimento. Como já transitava com certa desenvoltura pelas esquerdas, chegou a pedir seu ingresso no Partido Comunista Brasileiro. Só desistiu quando alguns companheiros afirmaram que o partido era reformista e traidor e poderia entregá-lo à polícia.

Lamarca em tempo algum concordou com o golpe militar. De modo que não tolerava ser guardião de presos políticos. Foi assim que, numa noite de sábado, em dezembro de 1964, ao ser escalado oficial de dia, dispensa o sargento subordinado e, deliberadamente, facilita a fuga do Capitão da Aeronáutica, Alfredo Ribeiro Dandt, que era acusado de subversão.

Foi aberto um inquérito para apurar esse seu primeiro ato de rebeldia contra o Exército Brasileiro, que não chegou a conclusões definitivas.

Todavia, essa estranha fuga do Capitão da Aeronáutica torna o ambiente incômodo para ele. Diante disso, pede transferência para o 4º Regimento de Infantaria, em Quitaúna, Osasco, São Paulo. Transferido novamente, apresentou-se, em dezembro de 1965, no seu antigo quartel do 4º RI.

- Ufa! Bem que a Dani falou que seus escritos se concentravam em uma única pessoa. Isso está tomando um rumo interessante!

-Por falar nisso, tem certeza de que era mesmo o Capitão Carlos Lamarca que vocês viram jogando sinuca lá no Bar de Chico Pastinha, Noel?

- Não resta a menor dúvida. Só achei o rosto dele um pouco mudado. Mas a Dani me afirmou que ele havia passado por uma cirurgia plástica, por isso a mudança.

- E o que o sujeito veio fazer aqui em Ibotirama? Tem noção?

- A Dani insinuou que saberemos o motivo no final dos escritos deste caderno. Vamos aproveitar esta parada e tomar um banho no “Santo Onofre”, Manuca?

- Boa idéia! Depois de um bom mergulho revigorante, retomamos a narrativa.

# 26

Mestre, que dizes das Doutrinas?

Existe um espaço entre a imaginação do homem e suas realizações que somente sua ânsia pode atravessar. Muitas doutrinas são como a vidraça da janela. Vemos através dela, mas ela nos separa da verdade.\*

## **Zequinha Barreto era dirigente da VPR!**

Noel e Manuca voltaram do banho e enfiaram novamente a cara no manuscrito:

Ao retornar ao Quartel de Quitaúna, Carlos Lamarca reencontrou-se com seu velho amigo, o Sargento Darcy Rodrigues. Eles começaram a amizade em 1962, no próprio 4º RI de Osasco. Os dois passaram então a entabular longas conversas sobre a situação brasileira e a efetuar estudos sistemáticos sobre marxismo-leninismo. Foi nessa ocasião que ele se dedicou a estudar e discutir com um grupo de companheiros as perspectivas de luta armada e fez então sua opção revolucionária. Dizia que urgia buscar “um caminho para a revolução brasileira”.

Admirador da revolução cubana e dos movimentos guerrilheiros que grassavam na América Latina, Carlos Lamarca começou a defender as teses de Guevara e de Régis Debray, teóricos do foco guerrilheiro: “Um pequeno grupo de homens bem treinados e bem armados, atuando em alguma área do campo, poderia desencadear a luta armada e despertar as massas para a insurreição”.

Com a chegada dele ao Quartel, o trabalho político que ali se desenvolvia ganhou ânimo novo. Afinal de contas, Lamarca era oficial e, dentre os revolucionários que ali serviam, o que detinha melhor formação teórica e maior patente. O movimento político cresceu de tal sorte que transpôs o quintal do Quartel e se difundiu em outras corporações.

A atividade política não fez Carlos Lamarca se afastar de modo algum dos cuidados com suas obrigações militares. Até aquela época era um oficial que servia de modelo. Rigoroso, laborioso, estava sempre bem disposto e preparado para uma atuação perfeita junto aos subordinados e, notadamente, frente às demais companhias. Ele seguia à risca seus compromissos no Exército Brasileiro. Tornara-se um excelente atirador.

Nessas alturas, Lamarca já levava uma vida dupla. Tanto é que, no dia 8 de outubro de 1967, lastima a morte de Che Guevara e chega a chorar ao tomar conhecimento do assassinato do guerrilheiro. Chega a dizer, emocionado: “perdemos um dos maiores líderes internacionais, mas a vida é assim: ou se vence ou se morre. Che Guevara morreu, mas deixa sua semente, raízes que não morrerão”.

Corria o ano de 1968 e muitas organizações clandestinas, de linha foquista e militarista, já botavam em prática ações armadas inspiradas na Revolução de Cuba. A (VPR) Vanguarda Popular



Revolucionária era uma delas. Havia sido criada no início do ano, pela fusão dos remanescentes “políticos” teóricos do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) de Brizola, com os “militares” práticos dissidentes da Política Operária (POLOP).

Após dialogar com dirigentes do Partido Comunista do Brasil (PC do B) e com a cúpula da Ação Libertadora Nacional (ALN) de Carlos Marighela e Joaquim Câmara Ferreira, Carlos Lamarca decide-se por ingressar na VPR. Sua entrada para a organização ocorreu em junho de 1968, levado pelos irmãos de um de seus dirigentes, o ex-sargento Onofre Pinto. Imediatamente ele criou uma célula clandestina dessa organização dentro do seu Quartel, o 4º RI. O grupo era composto pelo sargento Darcy Rodrigues, cabo José Mariane Ferreira e pelo soldado Carlos Roberto Zanirato.

Levando ao extremo sua condição de vida dupla, Lamarca ministrava, ironicamente, instruções de tiros a funcionárias do Banco Bradesco, para que elas pudessem enfrentar os assaltos a bancos. Paralelamente, em encontros com Onofre Pinto, este o convence da existência de área de campo adequada para implantação de foco guerrilheiro, de forma imediata.

Acontecimentos insólitos no cenário político brasileiro, como a decretação do AI-5, em 13 de dezembro de 1968, e as cassações, deixam Lamarca impaciente. Resolve então deixar o Exército o quanto antes. Fervilham em sua cabeça idéias sobre ações armadas. O ato de sua fuga do Quartel, transportando uma grande quantidade de armas e munições, marcaria publicamente seu ingresso na clandestinidade e na luta armada.

Dado que Onofre Pinto garantia a existência da área de campo, ele se anima e começa a organizar sua saída do Exército Brasileiro.

O preparo do plano de fuga foi intenso e meticuloso. Inicialmente a retirada estava prevista para acontecer nos dias 25 e 26 de janeiro de 1969, um final de semana, com detalhada descrição da tarefa de cada envolvido na deserção. No entanto, os órgãos de repressão prenderam quatro militantes da VPR, na quinta-feira, em Itapeçerica da Serra. Com eles foi encontrado um caminhão que estava sendo pintado com as cores do Exército para ser usado no roubo do armamento. Esse fato determinou a antecipação da fuga.

Assim, no dia 24 de janeiro de 1969, o Capitão Carlos Lamarca deixa o Quartel de Quitaúna numa Kombi, transportando 63 fuzis FAL, três metralhadoras INA, uma pistola 45 e muita munição. Vai direto para a casa de Onofre Pinto para se despedir da esposa Maria Pavan e dos dois filhos que, na noite daquele dia, estariam embarcando para Cuba, via Itália, juntamente com a família do sargento Darcy Rodrigues.

Aos trinta e um anos de idade, ele desertava do Exército e entrava na clandestinidade já com seu nome mitificado por ato tão audacioso. Experimentou a dureza de ser clandestino logo no mesmo dia em que deixou o Quartel. Especialmente porque se viu obrigado a permanecer na cidade. A área prometida para o foco guerrilheiro não existia, era uma quimera.

Nessa ocasião, surge sua primeira divergência com outros setores da esquerda armada. A VPR, incapacitada de absorver com segurança todo aquele armamento subtraído do Exército, entregou tudo para a guarda de militantes da ALN de Carlos Marighela. No fim, só recebeu de volta a metade.

A sobrevivência da Organização foi outro problema que Carlos Lamarca teve de enfrentar nos primeiros momentos da clandestinidade. A partir de janeiro, a VPR começa a passar por

enormes dificuldades, após a prisão de vários de seus integrantes. O militante Hermes Camargo Batista, “Xavier”, preso em Itapecerica da Serra, delata vários companheiros. Aí são presos o ex-sargento Onofre Pinto, José Ibrahim, Nelson e Pedro Chaves. Lamarca passa então a morar em “aparelhos”, na cidade de São Paulo.

Em abril de 1969, enfraquecida pelas prisões de seus militantes, a direção da VPR, composta por Waldir Sarapu, José Campos Barreto e Antonio Roberto Espinosa, convoca um congresso para discussão das perspectivas de luta. O encontro foi realizado numa casa em Mongaguá, no litoral paulista.

Daniela, arrastada pela curiosidade, já se encontrava colada nos dois, na casa de Manuca, no momento em que Noel pronunciou o nome de José Campos Barreto.

- O quê! Dani? Você disse aqui com todas as letras que Zequinha Barreto era dirigente da VPR em 1969?!

- Quando soube desse fato, fiquei tão espantada quanto você! Eu não lhe falei em juntar peças de um quebra-cabeça depois que li o seu livro? Essa é apenas a primeira peça! Outras virão!

- Estou de queixo caído! Aqui em Ibotirama ninguém sabia que ele fazia parte de alguma organização de esquerda. Isso será uma surpresa pra todo mundo.

- Mas, fiquem de boca calada! Ali, ele integrava o grupo de Osasco, formado por operários e estudantes que assumiu, naquele congresso, a posição de não subestimar o papel das massas. O grupo apostava, no entanto, que a idéia primordial seria o foco como forma fundamental de luta, sendo o trabalho de massa apenas um complemento. Foi nessa ocasião que caiu em minhas mãos um livro disputadíssimo pelas esquerdas, chamado

“Revolução na Revolução”. Aí as coisas começaram a ficar mais claras em minha cabeça.

# 27

Mestre, fala-nos do Homem!

A medida do Homem não está naquilo que ele alcança, mas naquilo que ele almeja alcançar!\*

## **A massa não pensa, ela precisa de um líder**

Até que se tornasse vitoriosa a Revolução Cubana em 1959, os regimes da União Soviética e da China eram referências das esquerdas do mundo inteiro. A implantação do comunismo nesses dois países se deu por vias pacíficas. Em Cuba, ao contrário, a revolução triunfou por meio da luta armada, através da guerra de guerrilha.

Em princípio, os partidos comunistas não eram adeptos da luta armada para alcançar o poder. A partir do momento que em Cuba se implantou o comunismo, por intermédio da guerra de guerrilha, com Fidel Castro e seus companheiros, as novas esquerdas, de um modo geral, começaram a repensar o caminho a ser trilhado para se alcançar a vitória na revolução.

Além do mais, a Revolução Cubana não fora conduzida por um partido comunista, e sim, pelo MR-26, Movimento Revolucionário 26 de julho, sob o comando de Fidel Castro.

A partir daquele momento, ocorreu um grande isolamento dos partidos comunistas. Surgiram então novas organizações de esquerda favoráveis à luta armada, como única via para se alcançar o socialismo. Isso fez com que essas facções políticas se dividissem ainda mais.

- Ô Daniela! O que você está contando tem a ver com o livro que mencionou há pouco, Revolução na Revolução?

- Vou explicar! Na segunda metade da década de 60, um jovem intelectual marxista francês chamado Régis Debray, de repente se transformou numa espécie de guru e filósofo de uma grande parcela da juventude esquerdista de toda a América Latina. Observando a guerrilha venezuelana comandada por Douglas Bravo e, posteriormente, colhendo subsídios na experiência revolucionária cubana na Sierra Maestra, formulou uma tese que já tinha em mente, vaticinada pelo amigo Ernesto Che Guevara.

- Dessas observações saiu o livro Revolução na Revolução, que escreveu aos 26 anos de idade. Nesse livro, ele propunha a teoria do “foco guerrilheiro”, baseado num “foco militar rural” como a melhor estratégia para se iniciar a vanguarda da luta revolucionária e a posterior tomada do poder pelas massas. Publicada no início de 1967, em Cuba, numa edição de 200 mil exemplares, a obra se espalhou por toda América Latina, e as primeiras cópias chegaram ao Brasil, enviadas pelos exilados de 64, que estavam no Chile. O livro passava de mão em mão e era muito discutido, a partir de 1968.

- Foi então que muitos jovens brasileiros se mostraram atraídos pela esquerda radical/revolucionária, afastando-se dos

partidos comunistas ortodoxos, que haviam optado pela ordem. Seduzidos pela retórica da luta armada, inspirada nas utopias do fidelismo e do maoísmo, esses jovens optaram por essa forma de combate, sobretudo, através da guerrilha urbana. Colaborou também para essa tomada de posição a teoria do foco de guerrilha, constante dos escritos de Régis Debray e de Che Guevara, que pregavam a idéia da primazia do fator militar sobre o fator político.

- Nesse contexto, o Capitão Carlos Lamarca estava então com a faca e o queijo na mão para agir, Dani!

- Um observador menos atento diria que sim. Mas as esquerdas cometeram uma série de equívocos pelos quais tiveram que pagar um preço muito alto. Os primeiros desses erros foram as constantes desavenças, que causavam cisões irreversíveis nos comandos das organizações clandestinas. Superestimaram as massas e subestimaram a repressão.

- Como assim?

- Na década de 60, depois da vitória de Fidel Castro e a conseqüente implantação do comunismo em Cuba, o regime cubano começou a preocupar a maioria dos governos latino-americanos.

- Foi aí que se imaginou, a partir dos Estados Unidos, e se espalhou por todo continente, uma nova ideologia de Estado baseada no conceito de Segurança Nacional. Esse conceito tinha por base a idéia de ameaça iminente de tentativa de tomada do poder pelos comunistas, que desembocaria fatalmente numa terceira guerra mundial.

- No Brasil, antes de qualquer agressor que pudesse vir de fora, o governo temia o inimigo marxista interno, que deveria ser combatido a ferro e fogo, a fim de garantir o desenvolvimento

em ambiente de segurança. E o Serviço Nacional de Informação (SNI) era o instrumento principal da repressão, que agia sem nenhum limite.

- Ainda assim, Lamarca e as organizações de esquerda podiam contar com o povo, Dani!

- Ledo engano! O povo brasileiro não é igual ao cubano, venezuelano ou boliviano. No Brasil estávamos vivendo no auge do chamado “Milagre Brasileiro” na economia, com baixas taxas de desemprego. A Copa do Mundo de 70, no México, se aproximando, e poderia ser vista pela televisão. Como a massa não tinha consciência do que se passava nos porões da Ditadura, ela era feliz, feliz como o gado na engorda.

- Entramos então na psicologia das multidões. A massa não pensa, ela precisa de um líder que pense por ela. Esse papel de líder das massas que já foi exercido por políticos da cepa de um Getúlio Vargas, hoje é desempenhado principalmente por ídolos e apresentadores de TV.

- Um momento, Daniela! O Capitão Carlos Lamarca, que já era um mito, poderia muito bem arrebanhar as massas.

- Outro equívoco! Ele realmente se tornara um mito, mas temido, não admirado! Era endeusado apenas por uma ínfima parcela da população consciente. A Ditadura se encarregara de macular sua imagem na mídia com cores sombrias de um perigoso traidor do Exército Brasileiro. Sua fotografia, em preto-e-branco, passou a ser estampada em todos os lugares com a terrível expressão: PROCURA-SE! A luta era tão desfavorável para os revolucionários, ao longo de 1969 que, dificilmente, um militante ultrapassava seis meses de clandestinidade.



- Foi nessa conjuntura totalmente adversa que Carlos Lamarca participou daquele congresso da VPR, que tinha José Campos Barreto como um de seus dirigentes?

- Exatamente!

- Nesse caso, voltemos ao caderno. Queremos saber a participação de Zequinha Barreto nessa história!

# 28

Mestre, fala-nos do Dinheiro!

O Dinheiro é como um instrumento de cordas; quem não sabe usar convenientemente só fará ouvir música dissonante. O Dinheiro é como o amor; mata lenta e penosamente quem o retém e estimula quem o volta para os seus semelhantes!\*

## **Foi aí que surgiu a idéia de roubar o cofre de Adhemar de Barros**

No final dos debates do congresso realizado em abril de 1969, na casa de Mongaguá, litoral sul paulista, houve troca de dirigentes na VPR. Fernando Mesquita, Cláudio de Souza Ribeiro, Antonio Roberto Espinosa, Mário Japa e Carlos Lamarca foram eleitos para o novo comando da Organização. Este último teve participação secundária nos debates e aceitou de má vontade a condição de dirigente. O que Carlos Lamarca almejava, na verdade, era organizar os focos de guerrilha rural, e não participar de uma organização eminentemente urbana, com prevalência de ações não militares, o seu fracasso.

Constatou-se ali, naquele encontro, que a VPR precisava urgentemente de dinheiro. Fundos necessários para prover as despesas dos militantes que viviam na clandestinidade, sem ter como trabalhar para seu sustento. O dinheiro seria igualmente necessário para bancar as futuras ações da Organização. Assim, todos os presentes no congresso foram escalados para participar de um duplo assalto a bancos, na Rua Piratininga, cidade de São Paulo.

De fato, na tarde do dia 9 de maio de 1969, militantes da VPR tomaram de assalto, nessa via pública do Brás, as agências dos bancos Mercantil de São Paulo e Federal Itaú Sul-Americano, a menos de duzentos metros uma da outra. Cabia a Lamarca dar cobertura aos militantes que invadiram os bancos. Postado na esquina com a Rua Visconde de Parnaíba, ele percebe o guarda-civil Orlando Pinto Saraiva apontando a arma para seu amigo, o sargento Darcy Rodrigues. Dispara então seu 38 e mata o guarda.

Dias depois, o Departamento Estadual de Investigações Criminais –DEIC – divulgou a primeira ficha do Capitão para a imprensa:

“Carlos Lamarca, ‘João’, filho de Antonio Lamarca, natural do Rio de Janeiro, nascido a 27.10.37, ex-capitão do Exército, título de eleitor nº 12.562, de 1-6-60. É branco, magro, 1,70m de altura, olhos escuros. Nervoso e exímio atirador. Autor do roubo de armas do 4º Regimento de Infantaria de Quitaúna, e dos assaltos a bancos na Rua Piratininga, no dia 9 de maio”.

Naquela quadra do ano, Lamarca conhece Iara Iavelberg e se apaixona. Bonita, alta, loira, olhos claros, sorriso aberto, vaidosa, cuidava bem do corpo, diferentemente de outras militantes da esquerda. Professora de psicologia da Universidade

de São Paulo, ela estivera casada, dos 16 aos 19 anos, com o médico Samuel Haberkorn. Separada, se tornara uma mulher independente, morando sozinha e trabalhando para custear seu próprio sustento. Era filiada à Polop desde 1967. Entrara na clandestinidade no início de 1969, para fugir da repressão, depois se mudara para o Rio de Janeiro. Já como militante da Colina – Comando de Libertação Nacional, ela é incumbida da missão de manter contato com a VPR, e assim conhece o Capitão que era então o “Cid” da direção da Vanguarda Popular Revolucionária.

Na Cidade Maravilhosa, a atividade de Iara começa a produzir resultados. Os comandos da VPR e da Colina, numa reunião de cúpula realizada em junho de 1969, decidem fundir as organizações, formando a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares).

A nova Organização teve que enfrentar, de imediato, um problema premente: finanças. Havia muitos militantes que não tinham como obter, por seus próprios meios, recursos para se manter na clandestinidade. Outra questão, era como custear a montagem do foco guerrilheiro. Portanto, a VAR-Palmares já nascia carecendo de muito dinheiro.

Foi aí que surgiu a idéia de roubar o cofre de Adhemar de Barros.

Gustavo Schiller, o “Bicho”, sobrinho de Ana Capriglione, amante do governador de São Paulo, Adhemar de Barros, foi quem forneceu as pistas do ambicionado cofre. Capriglione havia se tornado conhecidíssima na Terra da Garoa por conta de suas relações íntimas com o mais alto mandatário paulista.

Transformada numa espécie de “eminência parda”, ela sempre teve enormes poderes nos bastidores do Governo do

Estado. Demitia e nomeava secretários e assessores. Era comentário geral, naquela época, que ela ficava com a famosa “caixinha”. Milhões e milhões de cruzeiros de diferentes formas de corrupção.

“Bicho” passara quase todas as informações sobre a casa onde estava localizado o cofre de Ana Benchimol Capriglione, que Adhemar chamava em público de “Dr. Rui”. Em vista disso, o assalto passou a ser conhecido como “a ação do cofre do Dr. Rui”.

A mansão era a nº 2 da Rua Bernardino dos Santos, no Bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, e pertencia ao médico Aarão Benchimol, irmão de Ana Capriglione.

Carlos Lamarca, detentor de maior experiência militar, foi o escolhido para comandar o roubo do cofre. A ação foi levada a cabo na tarde do dia 18 de julho de 1969, com sucesso.

Transportado para um “aparelho” e aberto a maçarico, descobriu-se que o cofre continha a soma astronômica de dois milhões e quinhentos mil dólares.

A deserção, o roubo das armas, o assassinato do guarda-civil Orlando Pinto Saraiva, mais o roubo do cofre de Adhemar de Barros, fizeram de Carlos Lamarca o comunista mais procurado do país, naquela quadra. Os órgãos de segurança envidavam esforços especiais para a sua captura.

A alta cúpula do Exército, em particular, que se sentiu traída por ele, colocava como ponto de honra dar um basta nos seus atos terroristas. Sua origem e notoriedade qualificavam Lamarca como extremamente perigoso, e sua foto recente se achava no bolso de muitos agentes da repressão. Seu aspecto físico e, notadamente, seu rosto encavado, o transformavam num alvo muito fácil de ser reconhecido. Tendo consciência disso, ele

resolveu então recorrer ao bisturi. Uma cirurgia plástica reduziu seu nariz e atenuou os sulcos marcantes de sua testa e da face. Se, por um lado, a operação do rosto de Lamarca foi coberta de êxito, o mesmo não aconteceu com a fusão que deu origem à VAR-Palmares.

Depois de concretizada a fusão, na avaliação dos militantes, essa Organização passou a ser a grande trincheira revolucionária, e as coisas se encaminhavam na direção da vitória da esquerda armada. Na VAR-Palmares se contava 300 militantes, centenas de simpatizantes espalhados pelo país, mais os contatos com a Aliança de Libertação Nacional de Carlos Marighela, e dinheiro a rodo para sustentar a luta.

Entretanto, a situação política do Brasil desmentia essa avaliação. O presidente Artur da Costa e Silva ficou doente e o vice Pedro Aleixo foi preterido na sucessão. Uma Junta Militar, composta pelos ministros das Três Armas, assumiu o poder. A Ditadura endureceu ainda mais. Entrou em vigor o Decreto-lei nº 898 – Lei de Segurança Nacional, que estabeleceu a pena de morte e prisão perpétua.

Em agosto de 1969, numa casa em Teresópolis, realizou-se o I Congresso Nacional da VAR-Palmares, com acirradas discussões político-ideológicas que, por pouco, não terminou em agressões físicas e tiros. No final, houve um racha, surgindo o “grupo dos sete”: Carlos Lamarca, Darcy Rodrigues, José Araújo Nóbrega, Cláudio Ribeiro, Celso Lungaretti, Mário Japa e José Raimundo da Costa. Todos queriam ir para o campo preparar o foco de guerrilha. Pensando assim, eles abandonaram a Organização e recriaram a VPR.

A Vanguarda Popular Revolucionária renasce oficialmente em novembro de 1969, tendo Carlos Lamarca como seu grande líder.

Já na condição de comandante da VPR, Lamarca pega uma parte do dinheiro do cofre de Adhemar de Barros e sai à procura de terras nos povoados do Vale do Ribeira, com José Lavecchia e Fujimori . Adquire uma área de 40 alqueires, na região de Barra do Azeite, na altura do Km 254 da BR-116, 30 km ao sul do município de Jacupiranga.

O Capitão Carlos Lamarca, utilizando o codinome de “Cid”, mais os militantes Fujimori, Massafumi, Lavecchia e Lungaretti, começam a montar ali a escola de guerrilha. Comandando, orientando, discutindo, preparando o futuro foco guerrilheiro, distante dos “aparelhos” das grandes cidades, ali Carlos Lamarca se sentia bem à vontade. O plano era, terminado o treinamento, enviar alguns militantes a duas regiões do nordeste para desencadear a guerra de guerrilha.

A escola de guerrilha ia bem, cumprindo os objetivos que foram traçados até que, no mês de fevereiro de 1970, Mário Japa se envolveu num acidente de automóvel, na Avenida das Lágrimas, em São Paulo, e foi preso. A captura desse militante pela “repressão” mudou o rumo da história da VPR e, principalmente, da vida do Capitão Carlos Lamarca.

- Ô Daniela, cadê a parte que fala de Zequinha Barreto? O que fazia ele durante esse enredo todo?

- Nem preciso olhar no caderno pra deixar vocês a par da participação dele, até aqui, em tudo isso:

# 29

Mestre, que dizes da Justiça da Vida?

Como posso perder minha fé na Justiça da Vida quando os sonhos dos que dormem num colchão de penas não são mais belos do que os sonhos dos que dormem no chão?\*

## **Talvez não haja próxima vez, Noel!**

Algo inesperado, mas compreensível, aconteceu nessa viagem que Zequinha Barreto fez ao Buriti Cristalino, no final de 1968, para botar as idéias no prumo. Seu irmão Olderico, quando tomou conhecimento de sua prisão e tortura, através dos jornais que levava na bagagem, não se conformou. Sentiu ódio e uma sensação muito estranha que, até então, nunca experimentara. Dizia que queria ser torturado também. Não deixou Zequinha voltar sozinho para São Paulo. Foi junto com ele.

Na Terra da Garoa, Olderico Campos Barreto se empregou na TWIL Metalúrgica como operário e começou a entender o que era ter patrão.



José Campos Barreto, reintegrado a seu grupo de Osasco, começa então a vida clandestina como dirigente da VPR, com o codinome de “Jesse”. Tempos depois, os dois se mudam para Salvador, onde Olderico trabalha como motorista. Nessa época, a mãe deles, dona Nair, adoece gravemente e os dois voltam para o Buriti Cristalino. Acometida de câncer, é levada a Salvador. Desenganada pelos médicos, vai morrer em sua terra natal, tendo todos os filhos ao seu redor.

No final de 1969, os dois irmãos estão separados novamente. Olderico retorna para São Paulo e Zequinha Barreto vai militar no Rio de Janeiro.

Tendo saído da VPR, depois do racha no congresso do litoral paulista, atua no Rio como militante da VAR-Palmares. Decide ir para a Bahia, no começo de 1970, com a expectativa de desenvolver trabalho político no campo. Entra em contato com Olderico, e seu irmão o acompanha na mudança. Em Salvador, Zequinha troca novamente de organização e inicia militância no MR-8.

O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), de orientação marxista-leninista, tem como objetivo criar um Estado de inspiração soviética no Brasil. O grupo foi criado em 1966, no meio universitário do Rio de Janeiro, com o nome de Dissidência da Guanabara do PCB. O nome MR-8 foi adotado a partir do sequestro do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick. O novo nome é uma homenagem a Ernesto Che Guevara, morto no dia 8 de outubro de 1967, na Bolívia.

Já com uma base montada em Salvador, no final de 1970, e tendo Zequinha Barreto como militante, essa Organização devota atenção muito especial à região de Brotas de Macaúbas. Ali seria implantada a terceira área de campo do MR-8 e teatro de futuras

guerrilhas. Os dirigentes imaginavam que o eixo Mato Grosso-Goiás-Maranhão apresentava condições ideais para o começo da luta. Seriam implantados os grupos guerrilheiros táticos, a partir do Buriti Cristalino. Num segundo momento, seria formada a coluna estratégica. A rota partiria então de Brotas de Macaúbas, passando por Barreiras e seguindo para Goiás. Esse estado, então, seria o eixo central das futuras operações.

Filiado ao MR-8, José Campos Barreto, sentiu necessidade de fazer uma reflexão sobre o momento político brasileiro, para poder entender melhor aquele estado de coisas. Precisava se inteirar também do juízo que a Organização fazia daquela conjuntura.

A propósito disso, quando o entrevistei pela segunda vez, mostrei este caderno pra ele, raciocinei sobre meus escritos e expus as dúvidas que me ocorriam acerca do futuro das organizações de esquerda no Brasil.

Desfiei uma retrospectiva das ações dos grupos de esquerda contra o regime militar, até aquela quadra, e depois indaguei, num monólogo desalentador:

Onde andava o povo brasileiro durante esse tempo todo?

Como se conflagrar uma revolução em nome de uma massa que não se interessa por ela? O próprio Carlos Lamarca já havia se lamentado, declarando que “se o povo tivesse consciência da condição desesperadora em que vive, acabaria pegando em armas, lutando do nosso lado”. De fato, o povo permanecia alheio a todas essas ações. Ademais, nunca houve tradição de luta de massa em nosso país.

Isso não levava a acreditar que a maioria dos dirigentes dessas organizações estaria acometida de certo idealismo ingênuo?

A situação de vida do povo brasileiro era diferente da condição do povo cubano. Afinal de contas, o grupo de Fidel

Castro só conseguiu impor a derrota a Fulgêncio Batista, na guerrilha de Sierra Maestra, no momento em que contou com o apoio de um exército de camponeses famintos e esfarrapados, mas, declaradamente, contra o regime do ditador.

No Brasil, a maioria dos militantes das organizações de esquerda é constituída de jovens bem nutridos e intelectualizados, saídos da classe média, e estão morrendo, às dezenas, em ações ou nos porões da Ditadura. E mais, são vistos pelos governantes e por boa parte do povo brasileiro como meros “terroristas”. A imagem de “monstro” que a sociedade tem do guerrilheiro é difundida pelos “órgãos de segurança”, através da imprensa, que noticia as ações das esquerdas pelo viés do Governo.

Será que os dirigentes dessas Organizações de esquerda não perceberam ainda que as freqüentes mudanças de diretriz, em decorrência de inumeráveis cisões entre eles, só fazem enfraquecer o seu poder de fogo? Não estariam todos eles tateando como num combate nas trevas?

Eles ainda não se perguntaram o que se passa do lado adversário, no Regime Militar? Entre os altos coturnos, ao contrário do comportamento das esquerdas, quando ocorre uma divergência, o Governo aproveita a oportunidade para endurecer ainda mais. Foi o que aconteceu no episódio recente da doença do general Costa e Silva. A Ditadura preteriu o vice Pedro Aleixo e nomeou uma trinca fardada para comandar o país, a partir de Brasília.

A despeito de tudo isso, concluí o meu arrazoado elogiando a firmeza e a persistência com que ele perseguia o sonho de ver o povo brasileiro livre da Ditadura Militar. Louvei, por fim, sua coragem em perseguir esse ideal até às últimas conseqüências.

- Daniela, um fato que me veio aqui à mente, só faz reforçar essas suas indagações. Zequinha Barreto, desde 1968, frequenta nossas casas, numa relação de quase convivência e nos considera como amigos. No entanto, militando desde essa época nessas organizações, já com militância em três delas, ainda não se sentiu, até agora, seguro para nos falar de suas atividades. E nem o fez, inclusive, para as pessoas mais chegadas a ele. Só agora estamos tomando conhecimento das ocupações dele, através de sua narrativa.

- Algumas vezes, o comportamento de Zequinha é meio extravagante mesmo. Há dias que desembarca de um “Vapor” aqui em Ibotirama trazendo como bagagem apenas algumas peças de roupas enroladas num jornal. Vai direto para um campinho de futebol, atrás do Quebra Perna. Só depois de suar a camisa, por mais de uma hora com os garotos, dá as caras na casa de seu tio Arsênio. Em outras oportunidades, aparece dirigindo um jeep seminovo, de muito valor.

- Da próxima vez que Zequinha aparecer em Ibotirama, vai ser obrigado a se explicar! Vai ter que nos falar dessas suas atividades. Ah! Se vai!

- Talvez não haja próxima vez, Noel!
- Como assim, Dani?
- Volte ao meu caderno e vai entender!

# 30

Mestre, fala-nos do Crime e do Castigo!

Constantemente vos tenho ouvido falar daquele que comete uma ação má como se não fosse dos vossos, mas um estrangeiro entre vós e um intruso em vosso mundo. Mas eu vos digo: da mesma maneira que o santo e o justo não podem elevar-se acima do que há de mais elevado em vós, assim, o perverso e o fraco não podem descer abaixo do que há de mais baixo em vós!\*

## **Carlos Lamarca parou para pensar sobre a realidade**

Em 27 de fevereiro de 1970, quando Chizuo Ozawa, o Mário Japa, foi preso, a escola de guerrilha da VPR já havia sido transferida para outro local. No início de dezembro de 1969, a Organização havia adquirido outro sítio de 80 alqueires, mais ao norte, distante quatro quilômetros da BR-116. Feito isso, a instalação anterior foi desmobilizada e todo material transferido para o novo local, denominado de Área 2. Essa mudança foi considerada necessária porque o sítio anterior era vulnerável, pela proximidade da rodovia e a constante presença de caçadores nos arredores.

Quando se deu aquele contratempo da prisão do militante, em fevereiro de 1970, dezesseis “guerrilheiros” e duas “guerrilheiras” já se encontravam naquela Área 2. Uma delas era Iara Iavelberg, a amante de Carlos Lamarca.

Entregue aos órgãos de repressão, Mário Japa estava sendo brutalmente torturado por Sérgio Paranhos Fleury e fatalmente poderia morrer a qualquer momento. Ele sabia a localização da Área 2. Preocupado com a situação do companheiro, Lamarca ordena o sequestro de um diplomata. Na manhã de 8 de março, o cônsul japonês em São Paulo, Nobuo Okuchi, foi efetivamente sequestrado.

Japa foi então solto, juntamente com militantes de outras organizações, em troca da liberdade do cônsul do Japão.

A partir desse episódio, os órgãos de repressão se encrespam e intensificaram as prisões de comunistas. Em início de abril, dezenas de militantes da VPR foram presos. E essas prisões comprometeram a segurança da área de treinamento. Em tortura, alguns desses presos confirmaram que Carlos Lamarca havia se submetido a uma cirurgia plástica. E mais, Maria do Carmo Brito, membro do comando nacional, presa no Rio de Janeiro, mencionou a localização da área da escola de guerrilha.

Em 18 de abril de 1970, já sabendo das prisões e alertado de que a área havia sido delatada aos órgãos de repressão, Lamarca decidiu então desmobilizar o local e retirar os militantes em três grupos. Quando chegaram as tropas da “Operação Registro”, dois dias depois, oito companheiros já haviam conseguido escapar. Nove permaneceram na área: Carlos Lamarca, Darcy Rodrigues, José Araújo Nóbrega, Gilberto Faria Lima, Ioshitane Fujimori, Edmauro Gopfert, Diógenes Sobrosa, Ariston Lucena e José Lavecchia.

Por volta de 22 de abril, já havia na região do Vale do Ribeira cerca de 1500 homens da repressão em perseguição aos guerrilheiros, ajudados por helicópteros e pára-quedistas. Nessas alturas, os nove militantes da VPR continuavam escondidos nas proximidades da Área 2. Darcy Rodrigues e José Lavecchia foram capturados pelo Exército no dia 27 de abril. Dessa forma, o grupo reduzia-se a sete, e continuava tentando abrir o cerco para escapar. Em seguida, Edmauro Gopfert e José Araújo Nóbrega também são presos. Restavam então cinco guerrilheiros resistindo ao cerco.

Já durava mais de duas semanas essa acirrada perseguição a Lamarca e aos quatro companheiros, na região do Vale do Ribeira. Na noite do dia 8 de maio, numa emboscada, os guerrilheiros conseguiram render 20 homens da Polícia Militar de São Paulo, chefiados pelo tenente Alberto Mendes Júnior. É lido o termo de rendição e o tenente concorda.

Nos termos de rendição, ficou acertado que o tenente levantaria o bloqueio do Exército na cidade de Três Barras, próxima dali. O pequeno grupo prosseguiu na rota de fuga levando o tenente Mendes como refém. Após se movimentarem por um dia e meio, os guerrilheiros pararam para um descanso, na tarde do dia 10 de maio de 1970. Carlos Lamarca alegou que o militar rendido não cumpriu com o que fora pactuado e levou o grupo a cair numa emboscada. O tenente então foi executado com uma coronhada de fuzil nesse mesmo dia. Perante os quatro companheiros, Carlos Lamarca responsabilizou-se pela execução. Era o seu segundo assassinato na vida de guerrilheiro.

No dia 31 de maio de 1970, esses cinco militantes da VPR conseguem montar uma emboscada e capturam uma viatura do 2º Regimento de Obuses 105 do Exército. Estavam no veículo

um sargento e quatro soldados. Os guerrilheiros então vestem os uniformes dos prisioneiros e conseguem passar, sem problemas, pelo bloqueio do Exército. Seguiram direto para São Paulo, abandonando o veículo na marginal do Rio Tietê, perto do bairro de Vila Maria, deixando os prisioneiros amarrados à carroceria, sem roupas.

A execução do tenente Alberto Mendes Júnior, mais sua fuga bem sucedida do Vale do Ribeira, ludibriando e humilhando os militares, serviram para alimentar a lenda e o mito em torno do personagem Carlos Lamarca.

Entretanto, essa vitória teve um sabor amargo de derrota. Acabava de fracassar ali a primeira tentativa de a Vanguarda Popular Revolucionária implantar um foco de guerrilha rural, e as ações da Organização voltaram ao ponto de partida.

De volta a São Paulo, Lamarca encontra a VPR em frangalhos, consequência da prisão de vários de seus militantes. A situação estava tão caótica que ele foi morar com Iara Iavelberg num “aparelho” do Movimento Revolucionário Tiradentes.

Antevendo dias difíceis para a Organização, Carlos Lamarca decide, juntamente com militantes da ALN, sequestrar o embaixador da Alemanha Ocidental, Ehrenfried Von Holleben. O sequestro foi realizado a 11 de junho de 1970, no Rio de Janeiro. Alguns guerrilheiros conseguiram cercar o carro do diplomata alemão e consumir a ação. No dia seguinte, o presidente Emílio Garrastazu Médici, decidiu atender parte das exigências dos sequestradores. Autorizou divulgar pela imprensa o manifesto intitulado “Ao povo brasileiro”, deixado no cofre da Igreja de Santa Mônica, no bairro do Leblon.

Mais uma exigência dos militantes que mantinham o diplomata em cativeiro foi atendida pelo governo, no dia 13 de



junho. Assim, dois dias depois, decolou um Boeing 707, do aeroporto do Rio de Janeiro, com destino a Argélia, transportando 40 presos políticos. Foram trocados pela libertação do embaixador. Estavam entre eles, José Lavecchia, Darcy Rodrigues, Edmauro Gopfert e José Araújo Nóbrega. Mesmo se encontrando em São Paulo, na ocasião, o líder da VPR foi apontado pela imprensa e pelos órgãos de repressão como o comandante dessa operação. Era o boato alimentando o mito.

Acompanhando, com muito interesse, a participação da Seleção canarinho na Copa do Mundo do México, o povo brasileiro não se ligou nem um pouco nos noticiários dos jornais sobre o sequestro. Naquele mesmo dia 11 de junho de 1970, os brasileiros estavam na frente do televisor vendo o jogo, em transmissão direta, entre Inglaterra e Tchecoslováquia.

O Brasil ganha o título de Tricampeão Mundial de Futebol. O Regime Militar aproveita muito bem a oportunidade para incrementar a campanha verde-amarela. Dessa forma, o país inteiro se cobre de bandeirinhas ao som das músicas “Eu te amo, meu Brasil” e “Pra Frente Brasil”. O Governo lança o slogan: “Brasil - Ame-o ou Deixe-o”.

Foi nessa conjuntura que Carlos Lamarca parou para refletir sobre a realidade das ações passadas e conjecturar o seu futuro como socialista. Foi aí que começou a cair em si.

- Noel, dê um tempo aí! Estou vendo que chegou o fim da página.

- Logo agora que íamos saber por que o Capitão admite que andou cometendo seus erros, Manuca?

- Também fiquei curioso! Depois de jantar retomamos a história, combinado?

- Então vamos logo filar a bóia da casa do Manuca, Dani!

# 31

Mestre, que dizes da Guerra?

Por que deixas tua mulher e teus filhos e segues a Morte até à terra distante, em nome daqueles que compram a glória com o teu sangue e altas honrarias com as lágrimas de tua mãe?\*

## **O cerco estava se fechando, a cada dia**

No meado do segundo semestre do ano de 1970, a Vanguarda Popular Revolucionária foi se reestruturando lentamente. Em setembro, Carlos Lamarca se enclausurou num “aparelho” de Rio D’ouro, lugarejo situado entre Piabetá e Santo Aleixo, no interior do Estado do Rio de Janeiro, na companhia de Iara Iavelberg. Ali, ele fez uma profunda reflexão sobre o isolamento a que chegara a esquerda armada brasileira e a fragilidade da própria organização que comandava. A VPR havia se resumido a não mais que 30 militantes. Deduziu então que algo devia estar errado. Depois de tantas prisões, torturas e mortes de militantes da esquerda, o saldo político auferido até aquele momento era igual a zero. Da forma como as ações iam sendo realizadas,

concluiu que a esquerda caminhava cada vez mais para o fundo do poço, inapelavelmente.

Sem atinar com as respostas que procurava, ele foi buscar na leitura das obras de Lênin indicações de caminhos a seguir para continuar na luta.

A guerrilha era ainda o seu credo, contudo, a luta armada havia estacionado num círculo vicioso de: ações armadas, quedas, dinheiro para fugir da repressão; ações armadas, queda, mais dinheiro, gastos com “aparelhos”, mudanças, novas prisões, mais dinheiro para fugir da repressão...

Nas cidades e nos campos, o povo nem se importava com as prisões e as torturas dos presos políticos. A classe média andava contente com o “Milagre Brasileiro”. Os trabalhadores continuavam sendo explorados, mas acomodados. O que se via na prática era que as ações armadas das esquerdas não incitavam o povo à luta, como pregava a teoria do foco de guerrilha. Era necessário repensar tudo aquilo. Do jeito que fora conduzida a luta armada até aquela quadra, jamais se chegaria à guerrilha rural.

- Daniela! Essa reflexão do Capitão está me parecendo tal qual o seu monólogo desalentador para Zequinha Barreto!

- Pois é, Noel! Carlos Lamarca, dia após dia, foi constatando as dificuldades da luta das esquerdas no Brasil. Aquelas mesmas complicações que eu já havia apontado para José Campos Barreto. Entretanto, seu princípio doutrinário o empurrava para continuar na direção da peleja. Além do mais, ele já se encontrava, àquela altura, num caminho sem volta.

- Você tem toda razão!

Os militantes das organizações em atividade no final de 1970, VPR, ALN, PCBR, MRT, VAR-Palmares e MR-8 combinaram se reunir, de vez em quando, a fim de deliberar sobre

futuras ações armadas e realizar debates sobre a política no país. Essa última organização, formada basicamente de estudantes do Rio de Janeiro, defendia a estratégia e a tática, descartando a luta de libertação nacional, advogada principalmente pela ALN e VPR. O MR-8 pregava a revolução socialista, posição não muito distante das teses defendidas pelo PCB e PC do B.

Nesses encontros, o Capitão Carlos Lamarca foi tendo consciência de que, em outras organizações, o debate político era mais esmerado do que na VPR. A partir dali, ele achou por bem prestar mais atenção nas idéias doutrinárias dos militantes do MR-8.

O sequestro era considerado, até então, como o grande trunfo de toda esquerda armada no Brasil. Possibilitava ampla publicidade e propiciava a libertação de muitos militantes encarcerados nos porões da Ditadura. O MR-8 foi a primeira organização de esquerda a considerar essa prática contraproducente. Seus militantes afirmavam que a repressão, a cada dia, se especializava mais e, às vezes, horas depois do sequestro consumado, os envolvidos na ação eram descobertos e presos. E mais, ficara demonstrado que não surtia efeito e nem estimulava as massas esse tipo de propaganda que propiciava, e muito menos servia para desalojar os generais de Brasília. O Capitão Carlos Lamarca, lentamente, foi internalizando tudo isso.

Mesmo assim, no início de dezembro, os militantes da VPR sugeriram executar o sequestro do embaixador suíço no Brasil, Giovanni Enrico Bucher. De pronto, o MR-8 se posicionou contra e desfiou um rosário de justificativas para demonstrar claramente a temeridade da ação. Carlos Lamarca concordou com as ponderações. O mesmo não aconteceu com os outros militantes da VPR, estavam resolutos. Ele foi voto vencido.

O sequestro aconteceu na manhã do dia 7 de dezembro de 1970, na Rua Conde de Baependi. Bloquearam o Buick azul do embaixador nessa via de mão única, que liga o bairro de Laranjeiras ao Flamengo, no Rio de Janeiro. Lamarca, no comando da operação, abriu a porta do carro e disparou dois tiros no agente da Polícia Federal, Hélio Carvalho de Araújo, que faleceu, três dias depois, no Hospital Miguel Couto.

O embaixador foi levado para uma casa na Rua Tacaratu. Ato seguinte, os sequestradores desafiaram o governo com uma lista de exigências. Queriam a libertação de 70 presos políticos, divulgação de textos de propagandas na imprensa e distribuição de passagens gratuitas nos trens de subúrbio, enquanto durassem as negociações. E ameaçavam no final: ou então, era arcar com as consequências. Dessa feita, entretanto, as coisas não saíram como nas ações anteriores. O Governo aceitou negociar somente a libertação dos presos políticos. O novo estratagema do Regime Militar pegou os militantes da VPR de surpresa e causou estragos irreversíveis na Organização. De imediato, iniciou-se uma acirrada discussão entre os militantes em torno das duas premissas: aceitar negociar com o Governo ou matar o embaixador. Colocadas em votação, a opção pela execução do diplomata obteve a esmagadora maioria de 15 votos contra 3. Lamarca, na condição de comandante da ação, decidiu o contrário. Em seguida, colocou seu cargo à disposição da Organização.

Na noite do dia 13 de janeiro de 1971, decolou do Aeroporto do Galeão, um Boeing da Varig, transportando 70 presos políticos, escoltados por três agentes da Polícia Federal, com destino a Santiago do Chile.

Se por um lado, o sequestro do embaixador suíço propiciou a libertação de setenta militantes, por outro lado, ficou

demonstrado que foi uma “vitória de pirro”, pois abalou a liderança do Capitão Carlos Lamarca e deu início à desestruturação da VPR. Ele, inclusive, redigiu um documento com teor de alerta aos companheiros sobre esse fato.

Na ocasião, circulou uma carta aberta, assinada por dois militantes, com duras críticas a esse processo: “Toda esquerda sofre na carne a presença dos fenômenos do voluntarismo, espontaneísmo, personalismo e auto-afirmação, que têm travancado o seu desenvolvimento. Se não vencermos o desafio que esta realidade nos impõe, se não tivermos a combatividade necessária para fazer uma profunda autocrítica e revolução interna, não passaremos do que somos hoje: um tumor dentro da realidade política brasileira”.

O ano de 1971 iniciou com o censo registrando que o Brasil havia alcançado cem milhões de habitantes. Senadores e deputados foram empossados, com ampla maioria da Arena (Aliança Renovadora Nacional, partido do Governo).

Enquanto isso, Carlos Lamarca contabilizava as perdas das esquerdas nos últimos meses: as mortes de Joaquim Câmara Ferreira - “O Velho”, comandante da ALN; de Ioshitane Fujimori, traído pelo ex-cabo Anselmo; de Carlos Roberto Zanirato, e de Eduardo Leite - o “Bacuri”. Todos esses assassinatos, mais a lembrança de Darcy, Edmauro, Nóbrega e José Mariane, no exílio... Era o balanço cruel que ele fazia do seu tempo de clandestinidade. E para completar, se tornara o homem mais procurado no Brasil, naquele momento. É tanto que a Organização sugeriu que o Comandante saísse do país.

Ele chegou a admitir a hipótese de ir pro exterior, mas começou a pensar que poderia ser uma maneira de os militantes tentarem neutralizar suas posições políticas. A partir dali, ocorreu

uma série de atritos entre ele e outros militantes da VPR. Decide então ficar no Brasil e começa a se aproximar do MR-8.

Em 22 de março de 1971, Carlos Lamarca apresentou seu pedido de desligamento da VPR, em caráter irrevogável, através do documento “Ao Comando da Vanguarda Popular Revolucionária”.

Depois de assinar o documento “Congresso: salvação política e não de honra”, em 27 de março, é levado a um “ponto” para ingressar no MR-8, onde o esperavam Carlos Alberto Vieira Muniz e Stuart Edgard Angel Jones. Iara Iavelberg o acompanhou nessa mudança. Os dois passaram os meses de abril, maio e parte de junho, de um “aparelho” para outro, no Rio de Janeiro.

Repentinamente, toda a estrutura do MR-8 começou a ruir. Ocorreram várias prisões de seus militantes. O abalo mais sentido se deu em 14 de maio, com a captura de Stuart Angel, dirigente da Organização. Era um jovem no vigor de seus 27 anos quando foi levado para o CISA – Centro de Informações da Aeronáutica. A repressão dizia que, com Stuart preso, em dois dias chegaria ao Capitão Lamarca. Edgard Angel foi barbaramente torturado até a morte, mas não falou.

O cerco estava se fechando, a cada dia, em torno dos militantes do MR-8, principalmente no Rio de Janeiro, a base principal da Organização. Batida policial a cada esquina, numa verdadeira operação “pente-fino”. A situação de Lamarca e Iara era periclitante. José Gomes, militante que morava com o casal, é preso em 24 de junho. Eles conseguiram escapar, porque foram avisados da prisão do companheiro, a tempo. Caso ficasse no Rio de Janeiro, a captura de Lamarca era dada como certa pelos órgãos de segurança, em questão de horas. Isso precipitou a decisão

do MR-8 de mandar o casal para o interior da Bahia, para se juntar ao trabalho de campo.

- Dani, agora esse enredo começa a ficar mais claro. Já se sabe a razão de Lamarca ter dado as caras aqui no Bar de Chico Pastinha!

- O Capitão é mais uma peça do nosso quebra-cabeça!

- Isso aguçou ainda mais a minha curiosidade em querer saber o final dessa trama!



# 32

Mestre, que dizes da Liberdade?

A Liberdade convida-nos para o seu banquete, onde poderemos partilhar de iguarias suculentas e de seu vinho inebriante; mas quando nos sentamos à mesa, comemos desmesuradamente e nos empanturramos! \*

## **Já diziam que sua captura era dada como certa**

- Noel, desde as minhas primeiras incursões por esse ambiente das esquerdas, algo estranho começou a despertar minha curiosidade. Foi um fato que chamou bastante minha atenção e me deixou encafifada. Em princípio, parece ser uma espécie de força misteriosa, sobrenatural, que atua o tempo todo para aproximar Carlos Lamarca de Zequinha Barreto. Como se diligenciasse, diuturnamente, para unir os destinos daqueles dois.

- Como assim, Daniela?

- Vou contar o que pude observar, desde o início. Zequinha Barreto, ao se mudar para São Paulo, serviu o Exército no mesmo regimento onde Lamarca fez boa parte de sua carreira militar, o

4º Regimento de Infantaria de Osasco. Posteriormente, enquanto o primeiro entoava seus discursos de protesto, especialmente aquele da Praça da República, no agitado dia 1º de maio de 1968, o segundo ainda estava do outro lado, mas já com a decisão firme de trocar a farda pelo sonho socialista.

- Até aí, poderíamos dizer que se tratava apenas de uma mera coincidência!

- Tem razão, Manuca! Mas, quando Lamarca desertou do Exército, entrou para a clandestinidade e se filiou à VPR, quem o recebeu na condição de dirigente daquela Organização?

- José Campos Barreto!

- Exatamente! Tempos depois, o jovem de Buriti Cristalino se desligou da Vanguarda Popular Revolucionária, se mudou para o Rio de Janeiro e ingressou na VAR-Palmares. Quem encontra novamente como companheiro de organização?

- O Capitão Carlos Lamarca!

- Mas as reaproximações dos dois não pararam por aí! O ex-oficial abandonou a VAR-Palmares e recriou a VPR. Esse seu projeto não deu muito certo. Tanto que, não demorou muito, ele se desentendeu com os companheiros da Organização. Pensou em sair do país, em seguida, desistiu. Pelo visto, esse não era seu destino. Não passou muito tempo, abandonou de novo a VPR e filiou-se ao MR-8. Quem foi reencontrar mais uma vez como companheiro de luta, nessa terceira organização que militava?

- Zequinha Barreto!

- Ele mesmo! E vocês pensam que as “coincidências” envolvendo essas duas vidas se encerraram por ali?

- Não??

- De jeito nenhum! Apenas iniciava a fase mais intrigante dessa força de atração. Quando os dois ingressaram no MR-8, já havia uma base da Organização montada em Salvador e duas áreas de trabalho de campo. Na ocasião, Zequinha Barreto havia se mudado para a Bahia com a incumbência de implantar a terceira área campesina da Organização, justamente no Buriti Cristalino.

- Isso nós já sabemos!

- O que vocês não sabem é de um detalhe muito importante!

- Qual detalhe?

- Eu estava presente quando os agentes da Ditadura fecharam o cerco em torno de Lamarca, no Rio de Janeiro. Em determinado momento, já diziam que sua captura era dada como certa, em poucas horas. Foi então que a direção do MR-8 decidiu que ele teria de sair daquela cidade, com urgência. No mesmo dia eu soube que a Organização o mandaria para o interior da Bahia. Viajei imediatamente com destino a Ibotirama. Esta cidade seria meu ponto de referência. Eu havia presumido, na hora, o local exato da clausura do Capitão Carlos Lamarca, nessa região.

- O Buriti Cristalino!

- Será que ele está lá realmente, Dani?

- Pra mim, não resta a menor dúvida! É tanto que não será mais necessário o uso de caderno. De agora em diante, a história será de outro jaez.

De fato, no início de junho, em Salvador, o estudante do Colégio Central e militante do MR-8, José Carlos de Souza, de 21 anos, recebeu uma ordem de viajar imediatamente para o Rio de Janeiro. Fora incumbido de conduzir para a Bahia um importante “quadro” político, perseguido pelos órgãos de repressão da Ditadura.

De pronto, ganhou a estrada no cumprimento da missão. Saiu da capital baiana na direção de um velho Mercedes-Benz 61, ideal para não levantar muita suspeita. Ocorre que, logo no início da viagem, o freio do caminhão começou a falhar e teve que ser levado ao conserto, em Feira de Santana. A partir dali, Zé Carlos seguiu de ônibus.

No Rio de Janeiro, ficou sabendo que havia ocorrido mudança no planejamento da operação. A repressão apertara o cerco em torno dos militantes, e ele fora encarregado de retirar urgentemente daquela cidade, não um, mas dois importantes “quadros” do MR-8. Não havia como esperar a chegada do caminhão.

Revisados todos os detalhes do esquema, na noite de 25 de junho, Zé Carlos assumiu o comando da operação, sem saber ainda que o casal que transportava para a Bahia era o Capitão Carlos Lamarca e Iara Iavelberg.

A viagem começou numa transversal da Avenida Brasil. Os três iam atrás ocupando um volkswagen sedan e, na frente como batedor, o militante “Roberto” numa Kombi dirigida por um simpatizante. Depois de passarem por Petrópolis, os passageiros trocaram de carros. O simpatizante passou a conduzir o casal e Zé Carlos foi para a direção da Kombi.

De tardezinha, deixaram a BR-116 e entraram na cidade de Jequié. Enquanto o casal jantava no Palace Hotel, Zé Carlos providenciava passagens de ônibus, com destino a Salvador, para Iara Iavelberg e “Roberto”.

Na madrugada do dia 27 de junho, Lamarca e Zé Carlos pegaram a rodovia BR-242, que liga Bahia a Brasília, com direção a Itaberaba, ocupando a Kombi, com placa de Belém do Pará. Os dois haviam marcado um encontro, no final da tarde daquele dia,

com Zequinha Barreto, o “Jesse”, na ponte sobre o Rio Paramirim. Como alcançaram o local combinado antes do meio dia, resolveram passar direto, almoçar em Ibotirama e retornar na hora combinada.

- Ah! Foi esse justamente o motivo para o Capitão ter vindo jogar sinuca, naquele dia, aqui no Bar de Chico Pastinha!

- Dani, eu só não entendo porque o Capitão apareceu assim de cara limpa, sem nenhum disfarce, se está fugindo da Repressão!

- Tenho pensado muito a respeito desse assunto. Já é do conhecimento de vocês que Lamarca não veio a essa região desenvolver nenhum trabalho de campo. Foi mais para dar tempo ao tempo, longe do assédio da Repressão. Por isso, considerou esse fim de mundo o lugar ideal para isso. Por aqui não circula jornal, revista, não funciona telefone, nem pega sinal de televisão. Todos os delegados são calças-curtas e os poucos policiais são despreparados. Talvez pensando assim, ele circula por aí, numa boa, sem disfarce, cometendo um grave erro, a meu ver. Até eu, que não estou na clandestinidade, cheguei aqui disfarçada de hippie!

- Eu concordo com você, Daniela!

- Só que ainda não falei a causa principal que trouxe o Capitão a essas bandas, Manuca!

- Qual?

- A atração misteriosa que sistematicamente o reaproxima de Zequinha Barreto.

- Você está convencida mesmo dessas coisas, hein?

- Cada carta do Velho Boa é um argumento a mais para eu continuar acreditando nesses desígnios do além! Por falar nisso, quando será aberta a próxima carta dele, Noel?

- Eu examinei as datas dos últimos envelopes, hoje de manhã. Falta exatamente uma semana para eu poder abrir o próximo.

# 33

Mestre, que dizes da Natureza?

A Natureza estende-nos seus braços acolhedores e convida-nos a desfrutarmos de sua beleza; mas tememos seu silêncio e corremos para as cidades apinhadas, onde nos acotovelamos como ovelhas que fugissem de um lobo feroz!\*

## **Uma peça que se encaixa em nosso quebra-cabeça**

Desde que chegara a Ibotirama, Daniela tinha em mente conhecer Salvador. Aproveitou então a semana que faltava para abertura da próxima carta do mentor de Noel, Boaventura dos Santos, e viajou com destino àquela cidade. Já estava há dias isolada no interior, precisava manter contato com a família e se reabastecer de dinheiro; o que lhe restava ia minguando dia após dia.

Na capital baiana, certos fatos estranhos chegaram ao seu conhecimento e a deixaram com o juízo meio atordoado. Em determinado momento, ela começou a tomar consciência do perigo que Zequinha Barreto e Carlos Lamarca estavam correndo.

Pensou até em sair à procura de Iara, sua ex-professora de filosofia. Tinha certeza de que ela estava oculta em algum bairro de Salvador. Mas, como localizar uma militante clandestina naquela cidade enorme, sem saber seu codinome atual nem o endereço do “aparelho” onde se enclausurara? Havia também o perigo que rondava aquele tipo de empreitada. Esmorecida, foi direto à rodoviária e comprou passagem de volta ao interior.

Varou a noite, de novo, dentro de um ônibus a percorrer os seiscentos e cinquenta quilômetros que separam Salvador de Ibotirama. Desembarcou nesta cidade nas primeiras horas do dia. Ela nem imaginava que, no momento em que botava os pés nas barrancas do Velho Chico, José Carlos de Souza já estava sendo barbaramente torturado pela Repressão.

Sem demora, subiu a Rua do Quebra-Perna e foi direto pra casa de Manuca. Noel lá se encontrava conversando com o amigo. Ela os saudou com certa expressão de preocupação no rosto.

- Oi, meus amigos, trago notícias ruins!

- Nós também temos péssimas notícias, Dani!

- Quem conta primeiro?

- Eu conto!

- Então desembucha aí, meu jovem Noel!

- Um agente da polícia federal chamado Emanuel Cerqueira anda percorrendo os municípios de Ibotirama, Oliveira dos Brejinhos, Brotas de Macaúbas e Ipupiara. Fiquei sabendo dessa notícia pelo delegado “calça-curta” de minha terra natal. Segundo a autoridade do lugar, o agente lhe confidenciou que está na pista de uns tais “subversivos”, “terroristas” e “comunistas” perigosíssimos. Sujeitos esses que o delegado nem fazia idéia que existiam. Desconhecia até o significado destas palavras, veja você!

- Eu já imaginava isso!



- E que notícias ruins você trouxe de Salvador, Dani?

- Logo que cheguei e entabulei meus primeiros contatos na capital baiana, fiquei sabendo que a cidade estava apinhada de agentes da Ditadura. Uma verdadeira legião de “tiras” dos mais diversos órgãos da repressão do país: DOI-CODI da Bahia, DOPS, Oban de São Paulo, CENIMAR, DOI-CODI do Rio de Janeiro, CISA, oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

- O serviço de inteligência do Regime Militar fez circular a informação dando conta de que tinha indicações precisas da presença de Lamarca na Bahia. Todos eles acorreram imediatamente a Salvador. São agentes escolhidos a dedo, nessas corporações, no encalço de Carlos Lamarca. Comenta-se, nos bastidores, que gostariam de ver o Capitão morto exatamente no dia 25 de agosto, Dia do Soldado. Seria considerada uma vitória para o autor da façanha. O corpo de Carlos Lamarca seria exposto no Quartel de Quitaúna, para servir de exemplo.

- Efetivamente, três meses antes de o Capitão se instalar no Buriti Cristalino, os órgãos de segurança da Ditadura já haviam mapeado toda a base do MR-8 em Salvador e tinham o perfil completo de sua atuação na Bahia. Sabiam, inclusive, os nomes dos militantes da direção urbana. Essas informações foram passadas à Repressão por Solange Lourenço Gomes, dirigente da Organização, num momento de perturbação mental.

- Ela estava entre as 80 mil pessoas presentes na reinauguração do Estádio da Fonte Nova, no dia 4 de março de 1971. Durante o segundo tempo da partida de futebol, com a presença do presidente Médici, um ruído qualquer desencadeou um tumulto e uma correria desembestada. No atropelo, duas mil pessoas saíram feridas e duas morreram. Solange foi colhida por esse redemoinho humano. Quando conseguiu escapar, estava

aturdida, em crise de loucura. Nesse estado de demência, se entregou à polícia, dizendo-se uma subversiva.

- Estou bastante preocupada, meus jovens. Não vai demorar muito e toda essa região estará coalhada de “tiras”.

- Tenho algo aqui comigo que só fará aumentar sua preocupação, Dani. A última carta do Velho Boa, leia:

*Meu caro Noel,*

*Você deve ter notado, como bom observador, que mencionei no meu primeiro escrito a chegada de personagens de sua história através dos “vapores” do Velho Chico. Isto é, por via fluvial.*

*Na segunda mensagem, relatei que outros personagens da trama aí chegariam por via terrestre.*

*Agora, a via aérea será utilizada para introduzir os derradeiros personagens no seu enredo. Esses últimos transitarão inicialmente por Oliveira dos Brejinhos, depois por Brotas de Macaúbas, Ibotirama e, por último, Ipupiara.*

*Aconselho ficar atento aos sinais do céu.*

*Boa sorte no prosseguimento da empreitada.*

*Sem mais,*

*receba as saudosas bênçãos*

*de seu eterno amigo*

*Boaventura dos Santos*

- Esta carta é mais uma peça que se encaixa perfeitamente em nosso quebra-cabeça! Está dito aí claramente que os “milicos” vão chegar de avião!

- Seria possível ir ao Buriti Cristalino avisar Zequinha Barreto e Lamarca desse cerco, minha jovem?

- Jamais conseguiríamos chegar até eles, Noel. Devem ter montado um acampamento no meio do mato. E, nessas alturas, qualquer estranho que for ao Buriti Cristalino com essa intenção, provavelmente estará entregando os dois, de mão beijada, a esse tal de Emanuel Cerqueira. De mais a mais, eles já devem ter conhecimento de tudo isso que nós sabemos.

Efetivamente, na manhã do dia 8 de agosto, em Itaberaba, João Lopes Salgado, “Fio”, dirigente da área rural do Buriti Cristalino, se encontrou com Zequinha Barreto. Este foi logo informado sobre a prisão de José Carlos de Souza, o “Kid”, em Salvador.

Sem demora, os dois fretaram um táxi até o cruzamento da BR-242 com a estrada de Brotas. Dali, já de noite, seguiram a pé até o Buriti Cristalino. Na madrugada do dia 9, já estavam todos os militantes reunidos no acampamento: João Lopes Salgado, Carlos Lamarca, Luiz Antonio Santa Bárbara, Zequinha Barreto e os irmãos deste, Olderico e Otoniel Campos Barreto. Foram dois dias de cansativos debates na busca de um consenso sobre o que fazer. O dirigente argumentava que a área corria perigo. Zé Carlos conhecia a região, preso e sendo torturado, a qualquer momento poderia falar. Assim, achava temerário permanecerem ali. Entretanto, os outros militantes discordavam dele. Diziam que área de campo não poderia ser desmobilizada apressadamente. Fazia-se urgente sim, colocar depósitos de víveres nas serras e planejar a fuga quando chegasse a Repressão.

João Lopes insistiu que a Organização tinha condições de retirar Lamarca, Zequinha e Santa Bárbara da região. Nesse item, foi voto vencido. No entanto, houve consenso em outras decisões: Zequinha, por medida de segurança, passaria a dormir no acampamento; João Lopes viajaria imediatamente ao Rio de Janeiro e levaria à apreciação do Comando Nacional a questão da desmobilização da área.

O dirigente viajou contrariado, já supondo o que poderia suceder ali. Levava consigo um pacote de cartas de Lamarca para Iara. No Rio, o Comando do MR-8 lavou as mãos. Aprovou a posição assumida pelos militantes do Buriti Cristalino. Quanto às cartas, não chegaram à destinatária, pois foram encontradas por agentes do DOI-CODI, dentro de um veículo abandonado, no meio do trânsito, pelo militante Cesar Benjamin, em fuga.

Era consenso entre os militantes que a chegada acidentada de Lamarca à região deixou rastros difíceis de serem apagados. O uso de uma Kombi surrada, com placa de Belém do Pará como meio de transporte; o pernoite na pensão do entroncamento da estrada de Brotas de Macaúbas com a BR-242, por conta do defeito no veículo; e o encontro casual com o Prefeito de Oliveira dos Brejinhos, na Barraca de Calça Frouxa, na ponte sobre o Rio Paramirim.

De fato, o agente Emanuel Cerqueira foi recolhendo essas pistas, uma a uma, e as enviou aos seus superiores em Salvador. Todos esses fatores levaram, efetivamente, a se imaginar que o cerco da Repressão à região do Buriti Cristalino seria iminente.

- Dani, eu e o Manuca vamos assuntar amanhã em Oliveira dos Brejinhos. Queremos saber se pousou algum avião naquela cidade.

- Eu vou junto com vocês!

# 34

Mestre, que dizes da Lei?

És um soldado obrigado pelas duras leis do homem a abandonar mulher e filhos e marchar para o campo de batalha em nome da Ambição, que os chefes chamam erradamente de Dever? És então um infeliz, e tua infelicidade é o fruto da iniquidade do ambicioso e da injustiça do tirano.\*

## **Desgraçadamente, o Velho Boa estava certo!**

Na cidade de Boquira, distante cerca de 650 km de Salvador, ao sul da BR-242, na altura da ponte sobre o Rio Paramirim, o calendário marcava 17 de agosto de 1971, uma terça-feira. Naquela data, a rotina da tranquila comunidade era quebrada pela instalação de um Comando do Exército sob a direção do major Nilton Cerqueira, chefe da 2ª Seção da 6ª Região Militar e comandante do DOI-CODI baiano. O local fora escolhido porque a mineradora do Grupo Peñarroya, que extraía chumbo no lugar, oferecia estrutura adequada para tal fim.

Convidado por um dos oficiais da unidade, o prefeito do vizinho município de Oliveira dos Brejinhos, Francelino

Gualberto da Silva, apareceu por lá. Ao se inteirar da missão daquela gente, imediatamente se ofereceu para ajudar no que fosse preciso. Reconheceu num álbum de fotografias que lhe foi apresentado, o retrato do homem com quem conversara, semanas antes, no entroncamento da BR-242 com a entrada para a sua cidade, e se apresentara como pescador: era Carlos Lamarca.

Depois de farta argumentação, Francelino terminou por convencer o major a mudar aquela base da operação para Oliveira dos Brejinhos. Para isso, comprometeu-se a acrescentar duzentos metros na pista de pouso de avião de sua cidade, em 48 horas; arrumar alojamento para duzentos e quinze homens; botar o motor de energia elétrica para funcionar nas 24 horas do dia; e, finalmente, colocar à inteira disposição deles a sede de sua fazenda de Olhos D'água do Bom Sossego, localizada a poucos quilômetros de Buriti Cristalino.

No dia 23 de agosto, quando Noel, Daniela e Manuca botaram os pés em Oliveira dos Brejinhos para assuntar, já deram de cara com camionetas transitando pelas ruas atulhadas de homens vestidos de verde-oliva e um helicóptero rasgando o céu do lugar.

- Dani, desgraçadamente, o Velho Boa estava certo!

- Só nos resta agora torcer para que Zequinha Barreto e o Capitão Lamarca consigam escapar dessa gente, Noel.

- Então vamos embora, não temos mais nada a fazer aqui.

- Tem toda razão. Ainda corremos o risco de ser detidos como suspeitos de alguma coisa.

Naquela operação, o major Nilton Cerqueira comandava 215 homens, uma chefia quase impossível de ser exercida. Ali se juntara uma legião de elementos de todos os órgãos de segurança do Brasil. Cada um deles tinha em mente um único objetivo: conseguir a proeza de matar Carlos Lamarca.

Sergio Fleury, do esquadrão da morte, que se gabava de ter matado Carlos Marighela, jamais iria acatar ordens do major. Homens do Cisa e do Cenimar também não esperariam voz de comando para agir.

Na verdade, os desentendimentos começaram logo no momento de nomear a operação. Um oficial propôs inicialmente o nome de “Calabar”, com a intenção de fazer lembrar a traição de Lamarca. O major Cerqueira não acatou tal idéia e a batizou de “Operação Pajussara”, para homenagear uma praia de Alagoas, sua terra natal.

Além dos 215 militares, a caçada ao Capitão Carlos Lamarca, mobilizou seis aviões e dois helicópteros, ao custo de 200 mil dólares, com o apoio financeiro de grandes grupos empresariais.

Instalada a base operacional, o major Cerqueira mandou chamar o prefeito de Oliveira dos Brejinhos.

- O senhor conhece Zé Barreto?
- Sim, é meu amigo.
- Então escreva aí um bilhete para ele vir até aqui.

O prefeito pegou um papel e rabiscou:

*“Zé Barreto,*

*Preciso lhe ver urgente. Venha à minha residência, no Olho D'água”.*

*Francelino G. da Silva*

Chamou um positivo e o despachou ao Buriti Cristalino, com a missão de só entregar o escrito em mãos do destinatário.

De pronto, seu José de Araújo Barreto selou uma mula e tocou para a fazenda do prefeito, criatura que considerava seu amigo. Quando desapeou do animal em Olhos D'água, não encontrou Francelino por lá, mas ficou sabendo de algo preocupante. Cochicharam em seus ouvidos que muitos homens, com armamento pesado, estavam hospedados na fazenda e, minutos antes, haviam saído com Francelino para caçar. Cismado com aquela história, imediatamente botou a burra no caminho de volta, ansioso para comunicar a notícia aos filhos. Só não se pode dizer que voltou em cima do rasto porque, no retorno, pegou a estrada do Pé da Serra, passando pelo Jenipapo.

A tática do major Cerqueira era forçar seu Zé Barreto a entregar o filho e Lamarca à Repressão. Quando os militares retornaram da caçada e constataram o fracasso do plano, não se conformaram. Logo imaginaram que o pai de Zequinha havia desconfiado de algo e, por esse motivo, voltara rapidamente para alertar os guerrilheiros. Ante tal malogro, ficaram injuriados e decidiram agir rápido, para não dar chance de Lamarca fugir.

O prefeito de Oliveira dos Brejinhos foi chamado mais uma vez e confirmou as informações levantadas pelo agente Emanuel Cerqueira. Havia três caminhos de acesso ao Buriti Cristalino. O mais distante era por Brotas de Macaúbas, cerca de dezoito quilômetros. Por todos eles só se chegava lá a pé ou a cavalo, pois era região montanhosa e cheia de rochas.

Um mapa foi aberto sobre a mesa e demarcaram quatro pontos de ataque. Quatro equipes foram formadas, com cerca de dez homens em cada uma delas. Mandaram Francelino providenciar quatro guias.

Uma turma sairia de Brotas de Macaúbas, a outra de Brundué, a terceira de Olhos D'água, a quarta era para situação



de emergência e cobriria o pouso do helicóptero, caso fosse preciso. O prefeito foi encarregado de mandar fazer 40 sacolas de esteiras de palhas de coqueiro para transportar as armas camufladas.

Todo o plano foi minuciosamente revisado para que nada pudesse dar errado. As equipes partiriam na primeira hora da madrugada de 28 de agosto. Dessa forma, antes do raiar do dia, todas estariam a postos para o ataque.

Tão logo souberam da prisão de José Carlos de Souza e da presença de homens com armamento pesado na região, os militantes do MR-8 modificaram a rotina no acampamento do Buriti Cristalino. Consumiam a maior parte do tempo em reuniões, enquanto Olderico e Otoniel ficavam atentos nos postos de observação. Zequinha, Lamarca e Santa Bárbara deviam dormir no acampamento. Haviam combinado que, na hipótese de a Repressão chegar fazendo perguntas, os irmãos diriam que Zequinha Barreto estava viajando. Na noite de 27 de agosto, a reunião se prolongou até por volta de meia-noite.

Deu-se o caso que Luiz Antonio Santa Bárbara, o professor “Roberto” voltara a se embriagar ultimamente, o que não fazia desde que se mudara de Feira de Santana. Precisamente naquela noite, depois da reunião, saiu sorrateiramente do acampamento, foi para o Buriti Cristalino e, diferentemente do combinado, terminou dormindo na casa de seu Zé Barreto.

# 35

Mestre, fala-nos da Morte!

A Morte é uma conclusão para o filho da terra, mas para a alma é o começo, a vitória da vida. A Morte remove apenas o contato e não a consciência de todo o bem. Aquele que viveu uma primavera ou mais possui a vida espiritual de quem viveu vinte primaveras!\*

## **Seu Zé Barreto não conhecia mesmo aquele homem**

Agenor de Zé Vicente foi um dos primeiros moradores a presenciar o terror, a desgraça e a morte se materializando de maneira avassaladora no Buriti Cristalino. Era ainda aurora do dia 28 de agosto de 1971, sábado, quase no lusco-fusco, e ele já se achava no batente, de colher de pedreiro em punho, levantando as paredes de uma casa na pracinha do Lugar. De repente, chega seu ajudante, assustado.

- Tio, tá cheio de polícia aqui, olha lá!

Ele foi assuntar e avistou um grupo de homens, com armamento pesado, avançando na direção da praça. Voltou ao

trabalho preocupado, pensando que aquilo poderia ter alguma coisa a ver com certas atividades dos rapazes de seu Zé Barreto.

De fato, Otoniel nem teve tempo de pensar. Ao botar a cara fora do portão do quintal de sua residência, já foi recebido a coronhadas, empurrões e pontapés. Do portão, quatro policiais enxergaram Olderico dentro de casa e um deles ordenou:

- Venha pra cá você também!

Ele estava na sala e foi saindo lentamente para a varanda, na direção dos agentes. Repentinamente, teve um estalo:

- Esses homens não vieram até aqui só para fazer perguntas! Tenho de avisar Zequinha e Lamarca. Início daqui um tiroteio, eles ouvem do acampamento e escapam.

Caso pensado e executado. Continuou caminhando na direção deles. No meio do caminho, embocou pela porta da cozinha. De lá, mirou o revólver no meio dos quatro e disparou. Não acertou ninguém, mas começou a fuzilaria. Ato contínuo, Olderico foi saindo para disparar o segundo tiro, quando deu de cara com um dos agentes, de arma na mão. Antes que disparasse o revolver, o da metralhadora rolou para um canto da parede. O tiroteio recomeçou. Apontou novamente o revólver para dar o terceiro tiro, mas não conseguiu disparar. Ouviu a rajada de tiros em sua direção, a arma voltou contra seu corpo e ele caiu no chão da cozinha, desmaiado.

Luiz Antonio Santa Bárbara acordou ouvindo José Tadeu, sobrinho de seu Zé Barreto, dizer a Olderico que havia muitos homens armados na praça. Do quarto, escutou a fuzilaria. Imaginou que os dois irmãos resolveram resistir. Ainda tentou sair para ajudar na resistência, mas estava na linha de fogo. Quando ouviu um pontapé na porta do quarto, não pensou duas vezes, se suicidou com um tiro na cabeça.

Olderico recobrou os sentidos escutando alguém que gritava de fora da casa:

- Saia com as mãos na cabeça!

Sentiu a mão direita imobilizada, mas não doía. Instintivamente, levantou a esquerda e sentiu o sangue esguichando de um lado do rosto. Viu que o polegar da mão direita estava arreventado. Lá fora, continuavam a gritar:

- Saia com as mãos na cabeça!

Ele saiu já pensando que ia morrer aos poucos, torturado. Sua aparição causou certa surpresa, pois achavam que ele estava morto.

Ele foi colocado junto com o pai e Otoniel no beco, com as mãos na parede do muro. A sessão de tortura começou ali mesmo. A pergunta era sempre a mesma:

- Cadê o Cirilo?

A resposta também era a mesma:

- Não conheço.

Foi então que eles concentraram a tortura no seu Zé Barreto. Sentiram que encontrariam menos resistência naquele senhor de 64 anos, magro e de fisionomia envelhecida. Arrastaram-no a safanões para o barracão, no meio da praça, e iniciaram a pancadaria. Os filhos, angustiados, só ouvindo os gritos.

Otoniel apalpou o bolso traseiro e constatou que seu revólver ainda estava lá, havia passado despercebido pela revista. Num fechar de olhos, virou-se na direção de um dos sentinelas, mirou o revólver, atirou e saiu correndo em sentido contrário.

Ao ouvirem o tiro, os agentes que estavam no barracão soltaram seu Zé Barreto e saíram correndo desembestados atrás de Otoniel. Trezentos metros depois, o rapaz foi alcançado por uma rajada de tiros de metralhadoras.

Zequinha Barreto e Carlos Lamarca escutaram o tiroteio no Buriti Cristalino e fugiram rapidamente. Ganharam o mato e só foram parar no Engenho Pau D'Arco, a nove quilômetros do acampamento.

Quem também ouviu toda aquela fuzilaria foi Maria Dolores. Contava dezesseis anos de idade e era filha de seu Zé Barreto. Depois da morte de dona Nair, ela fazia as tarefas da casa. Naquele momento estava na fonte pegando água e botando a roupa no quarador. Quando escutou os tiros, saiu correndo, sobressaltada. Entrou pelos fundos da casa de seu Zé de Virgílio, no lado oposto da praça. De lá, ficou sabendo da desgraça acontecida com sua família e viu todos os moradores do Buriti encarcerados no barracão.

Não podia se apresentar. O pai estava preso, Olderico ferido, Otoniel morto. Além de tudo, aqueles homens gritavam pra todo mundo ouvir:

- Quem der guarida a essa menina vai morrer!

Fugiu dali e ficou zanzando pelas roças, em busca de abrigo. Depois de andar a noite inteira foi se esconder na casa de amigos, em Ouricuri, lugarejo que não ficava muito distante de Buriti Cristalino.

Os homens esquadriharam todos os arredores em busca de Maria Dolores. Como não estava em casa no momento da abordagem, deduziram que ela só podia estar no acampamento. Caíram de pancada em cima de seu Zé Barreto.

- Cadê a rapariga de Cirilo? Onde está a amante dele, aquela puta da sua filha, velho descarado?

Na verdade, o que Sergio Fleury queria saber mesmo era onde estava Cirilo. Não se conformava quando ouvia sempre a mesma resposta: não conheço. E seu Zé Barreto não conhecia

mesmo aquele homem que se escondia nos fundos de sua roça. Presenciava os filhos carregando marmitas, todos os dias. Até que certa feita o professor Roberto lhe contou: é “apenas um companheiro, que não quer ser visto, nem dar o nome”. Não deu muita importância ao caso. Afinal, já estava acostumado com as esquisitices dos meninos. Estava satisfeito em ver todos eles ali juntos, desde que sua mulher morreu. Mas aqueles homens não se conformavam. Sempre a mesma frase retinindo em seus ouvidos:

- Cadê o Cirilôôô!

Sertanejo calejado, seu Zé Barreto nunca havia levado um único tapa na vida. Agora apanhava de todas as maneiras, sem ter como se defender, e sem nada dever. Depois de tanta pancada, não mais falava, nem gritava, mal saía de sua boca uns ais, num fio de voz. Era muita desgraça junta. Olderico com o rosto varado de bala; Otoniel morto; o professor Roberto também. Logo, logo iriam atrás de Zequinha. Não seria melhor morrer ele também? Talvez não. Era necessário suportar a tortura, ainda tinha quatro filhos menores para sustentar. Suas pernas sangravam. O corpo todo ferido de receber tantos pontapés. Mas, não ia falar o que eles queriam saber.

Por volta de nove horas, em Oliveira dos Brejinhos, Francelino recebeu um comunicado para mandar fazer dois caixões de defunto. Pensou... Acabou tudo!

Em torno de dez horas, os moradores que estavam encarcerados no barracão foram liberados e voltaram para suas casas. Pouco depois do meio-dia, chegou um helicóptero. Imediatamente, instalaram um motor elétrico.

Com efeito, o terror havia se instalado naquele dia no Buriti Cristalino, todo mundo sentia medo. Menos um morador:

Zé de Virgílio. Um senhor de 60 anos, dono de um boteco no Lugar. Agia com toda tranquilidade como se nada estivesse acontecendo de anormal. Logo após o tiroteio, pretextando querer um arreio emprestado, pediu licença para entrar na casa de seu Zé Barreto. Encontrou o amigo prostrado, arreventado. Viu Olderico com o rosto ferido, o dedo partido. Matou a sede do rapaz e lhe segredou baixinho: “não diga onde está Zequinha”.

Subitamente, chega um morador e diz que os carcarás estavam querendo comer os olhos de Otoniel, lá no campo de futebol. Zé de Virgílio pediu ajuda, pegou o cadáver e levou para a casa de seu Zé Barreto. Prosseguiu se esforçando para tentar normalizar a vida do povoado. Qualquer coisa era com ele. À tarde, ajudou a sepultar os corpos de Santa Bárbara e Otoniel.

A repressão impôs o toque de recolher no Lugar. Todos os moradores estavam proibidos de sair de casa, à noite. Circular durante o dia, só por extrema necessidade. Muitas casas foram arrombadas e tudo em seu interior revirado. Quem não colaborasse, apanhava. Atiravam por qualquer motivo.

Os agentes alternavam a tortura e o interrogatório entre Olderico e o pai. Em determinado momento, seu Zé Barreto caiu numa armadilha. Os homens pediram que ele olhasse para o lado do acampamento de Zequinha. E ele, ingenuamente, escolheu a direção contrária e olhou.

- Ah!, velho filho da puta, você sabe das coisas, está ajudando terroristas, não é?

Foi obrigado então a andar na direção que apontou, debaixo de socos e pontapés.

No final da tarde, Olderico foi colocado no helicóptero e transportado para Oliveira dos Brejinhos. Quando os policiais chegaram lá, Francelino quis saber:

- Cadê os homens?

- Não conseguimos pegar. Eles se embrenharam no mato.

Mas vamos buscar os corpos de dois terroristas que matamos, Otoniel e um tal de Santa Bárbara.



# 36

Mestre, fala-nos da Dor!

Vossa dor é o rompimento do invólucro que encerra nossa compreensão. Assim como a semente da fruta deve quebrar-se para que seu coração apareça ante o sol, deste mesmo modo deveis conhecer a Dor. Se vosso coração pudesse viver sempre no deslumbramento do milagre cotidiano, vossa dor não vos apareceria menos maravilhosa que vossa alegria!\*

## **Foi terminar a frase e ser arrastado debaixo de pancadas**

Sempre seguido de perto pelos tiras, seu Zé Barreto foi andando na direção que apontara com o olhar. Mas os homens, logo no primeiro quilômetro, constataram que ele nem estava distinguindo o caminho direito e indagaram o que havia na direção oposta:

- Umás terrinhas de minha propriedade.

Foi terminar a frase e ser arrastado debaixo de pancadas. Com efeito, começaram a andar em sentido contrário, com cautela, levando seu Zé Barreto como refém. Ele ia muito

preocupado. Imaginou que olhando para o lado oposto salvaria Zequinha, mas deu tudo errado. Atravessaram uma roça de cana, já anoitecendo, quando os tiras deram de cara com uma picada, o caminho que levava ao acampamento. No local só havia grampos de barraca, facas, garfos e restos de comida. Desse modo, eles tiveram certeza de que os dois abandonaram o acampamento, às pressas.

O grupo então retornou ao Buriti Cristalino muito irritado com o pai de Zequinha. Foi só seu Zé Barreto botar os pés em casa e ser amarrado com arame e dependurado de cabeça para baixo, dentro do quarto da filha Maria Dolores. Permaneceu assim toda a noite, o sangue correndo para a cabeça. Quando sentia necessidade de mijar, a urina descia pelo corpo e entrava pelo nariz. Os tiras gargalhavam com a cena. Era o mundo se acabando dentro de sua própria casa.

No clarear do dia seguinte, arriaram seu Zé Barreto e, com ele na frente novamente como refém, tocaram para a roça do Boqueirão, na busca de Zequinha e de Carlos Lamarca. Ao longo do dia – enquanto os corpos de Otoniel e Santa Bárbara eram desenterrados e transportados de helicóptero para Oliveira dos Brejinhos – seu Zé Barreto teve que marchar com os homens, de roça em roça, sendo ultrajado, com sede, tocado a pontapés. De noite, novamente amarrado pelos pés, dependurado, olhando o mundo de cabeça para baixo e vendo tudo desabando em cima dele.

Mesmo atemorizados, os moradores foram se achegando lentamente, compadecidos com sua situação, tentando ajudar, minorar seus sofrimentos. Mas logo foram sendo afastados pelos tiras. Mais uma noite ele ficou assim, como um morcego.

No Engenho Pau D'arco, Gabriel Pereira, proprietário da Fazenda e velho amigo da família, compadre de seu Zé Barreto, se comprometeu a ajudar Zequinha. Foi ao Buriti, a pedido deste, comprar mantimentos. Levava, inclusive, cem cruzeiros para entregar ao compadre, na melhor ocasião. Ninguém desconfiou de nada. Aconteceu, no entanto, que as tropas já esquadrihavam todos os arrebaldes e descobriram pistas da passagem de Zequinha no Engenho. Preso e interrogado, Gabriel confessou. Mas os tiras se acovardaram na hora. A fama do mito Lamarca, granjeada nesses poucos meses de clandestinidade, principalmente na fuga espetacular da região de Registro, falou mais alto. Começou uma acirrada discussão entre os dez agentes, ali no terreiro, sobre a hipótese de Zequinha e Lamarca ainda estarem escondidos naqueles imensos canaviais. Só a metade do grupo se dispunha a fazer uma incursão por lá. E os moradores do Engenho assistindo tudo, abismados.

Com Lamarca e Zequinha embrenhados no mato, o comando da “Operação Pajussara”, valendo-se da ingenuidade e credence do sertanejo, botou em prática uma estratégia bastante surrada, mas eficiente, para espalhar o terror entre os moradores de toda a região. E, para que o povo ficasse do lado da repressão e ninguém acolhesse os fugitivos em casa, recorreu até ao sobrenatural.

Assim, na manhã de 29 de agosto, os moradores de Cachoeira do Brundú viram três carros do Exército riscarem o chão do lugarejo, levantando poeira. Os tiras já foram descendo das caminhonetas soltando o palavreado para impressionar os matutos e semear o medo:

- Meus senhores, fiquem de olhos bem abertos. Daqui pra frente todo cuidado é pouco. Lamarca e Zequinha são dois

“subversivos” e “comunistas” perigosíssimos. Soltos por aí, podem atacar um de vocês a qualquer momento, inclusive, matar mulheres e crianças. E tem mais, o Capitão ensinou Zequinha a virar lobisomem e todo tipo de livusia. “Terroristas” são bichos do diabo.

Complementando esse bolodório, os homens do governo ainda saíram anunciando aos quatro ventos que havia uma boa quantia em dinheiro a quem indicasse o paradeiro dos dois fugitivos.

Esse palavrório dos agentes do governo ensejou o espocar de notícias dando conta da presença de Lamarca e Zequinha nos mais diversos lugares. O relato mais entoadado e verossímil aos ouvidos dos tiras foi pormenorizado pelo agricultor Rosmiro. Ele disse ter encontrado os dois, no dia 28 de agosto, na estrada da Bananeira. Aí, teve que explicar aos policiais, uma infinidade de vezes, como ocorreu o encontro:

- “Como foi, seu Rosmiro”?

- “Eu ia indo pro garimpo de Olhos D’água, com as vistas baixas, quando destampeí foi em cima dos dois. Aí eu parei!”

- “Eles não quiseram correr”?...

- “Não!... O Zequinha, que é meu conhecido, quando me viu entrou no mato e ficou sentado. O outro já estava sentado em uma pedra e nela ficou limpando a bota. Eu o ‘salvei’ e ele só me perguntou”:

- “O povoado está muito longe”?...

- “Eu disse que não, que era ali mesmo”.

No dia seguinte, os tiras decidiram escarafunchar toda a região e tiraram novamente seu Zé Barreto de casa para servir de refém. Orientados pelo guia Arlindo, reviraram tudo quanto foi

canto do Brundué, bocas de serras, carreiros, casas e brocotós em busca de rastros dos fugitivos. Por onde passavam, os moradores se condoíam do estado do pai de Zequinha. De tanto sofrimento ele já falava sozinho. Rezava baixinho, mesmo debaixo de pancada, entre as macambiras e as unhas-de-gato. Quando tentava sentar para descansar um pouco, vinha sempre um soldado, apontava-lhe a arma e ameaçava:

-“Levanta, velho safado. Você não pode sentar enquanto não der conta de seu filho terrorista”...

- “Meu filho é um rapaz de bem, que nunca fez mal a ninguém”...

Recebia mais chute e, como resposta, chamava por Deus e Nossa Senhora.

No final do dia, o guia Arlindo conseguiu, a muito custo, botar nas mãos de seu Zé Barreto um coité de farinha com rapadura e um copo de água.

O calor escaldante do mês de setembro nesse carrascal nordestino era ambiente hostil demais para soldados eminentemente cidadãos. Trilhar esses carreiros ermos e sinuosos, onde os raios do sol parecem tremer como labareda, desorientava e baqueava os homens da Ditadura. E eles tinham medo. Qualquer estalo de pinhão e corrida de calango nas folhas secas era motivo para grande correria e tomada de posição. Andavam em círculos, derrubando portas de casas de pacatos e humildes sertanejos a pontapés. Voltavam sempre ao mesmo ponto, enquanto as pegadas de Zequinha e Lamarca indicavam que eles buscavam a rodovia BR-242.

De fato, por volta do meio dia, os fugitivos apareceram no terreiro da casa de uma comadre de dona Nair, nas proximidades

de Cachoeira do Brundué. Pediram que ela ensinasse a estrada de dentro, que ia dar na Passagem da Manga, na margem do Rio Paramirim. De lá, queriam alcançar a estrada federal. Apesar do medo e de estar sozinha em casa, a mulher deu abrigo aos dois, escondendo-os num quarto. Zequinha pediu para arranjar uma bacia com água e sal. O companheiro precisava lavar os pés que estavam cheios de calos, com uma unha roxa. Segundo ele, havia sido picado por uma vespa.

Avançava a noite quando a dona da casa levou comida para os dois, no quarto. Alumiu o pé de Lamarca com o candeeiro. Viu que de tão inchado, parecia mão de pilão. Fez uma cataplasma de mastruz com sal e enrolou no pé dele. Cochichou no ouvido de Zequinha que os homens do governo haviam matado Otoniel e Santa Bárbara e andavam com o seu pai pra cima e pra baixo, servindo de refém. Quando lhe disse que seu Zé Barreto estava tão sujo e maltratado que mais parecia um baé, o filho chorou que nem uma criança.

Quando se ouvia no rádio os acordes de “O Guarani”, encerrando a Voz do Brasil, Zequinha pagou pela comida e se despediu da dona da casa. Ela ensinou o caminho por onde ele e o companheiro queriam seguir. Os dois partiram na escuridão da noite.

# 37

Mestre, gostaríamos de interrogar-te mais a respeito da Morte!

Quereis conhecer o segredo da morte. Mas, como podereis descobri-lo se não procurardes no coração da vida? Se quereis realmente contemplar o espírito da Morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da Vida. Pois a Vida e a Morte são uma e a mesma coisa, como o rio e o mar são uma e a mesma coisa!\*

## **Os agentes já estavam desanimados**

Distrito do município de Oliveira dos Brejinhos, Ipuçaba, mais conhecido como Brejo Grande, fica situado à margem da rodovia BR-242, distante 51 quilômetros de Ibotirama.

Ali, por volta de nove horas da noite do dia 31 de agosto de 1971, uma terça-feira, Zé Guarani e sua esposa Joaquina estavam em casa, ainda acordados, conversando na sala. O silêncio reinante no Lugar era de tal forma que dava pra se ouvir perfeitamente as cantigas de grilo e o ruído dos carros passando na estrada.

Assim, não foi difícil para o dono da casa ouvir a voz de alguém chamando seu nome no lado de fora da residência. Zé Guarani foi espiar e lá estava Zequinha Barreto em sua frente.

- Eu já sei de tudo, vamos entrar!

- Espera só eu chamar meu companheiro. Ele está muito mal!

O anfitrião ajudou a levar Lamarca, que estava se arrastando, para o interior da casa. Foi posto deitado imediatamente num banco de tiras. Fecharam todas as portas e janelas. Enquanto os dois tomavam banho num rego de fundo de quintal, dona Joaninha preparava o jantar e fervia um chá.

O dono da casa pediu para a esposa buscar a latinha dos comprimidos. Zequinha queria saber se havia algum remédio que servia para o companheiro tomar. Escolheu um e deu com o chá. Foi logo dizendo que iriam embora no raiar do dia.

Na manhã seguinte, Lamarca estava com o pé tão inchado e com tal crise de asma, que não aguentaria caminhar de jeito nenhum. Zequinha então chamou Zé Guarani, deu uma quantia em dinheiro, e pediu para ele ir procurar uma injeção na farmácia de Oriel. Depois de tomar o medicamento, Lamarca caiu em sono profundo e dormiu até cinco horas da tarde. Acordou impaciente, dizendo que era preciso ir embora. Só foi persuadido a desistir da idéia quando Zequinha lhe disse que não havia nenhum estranho rondando pelo lugar. Acrescentou que a estrada que iriam enfrentar era muito ruim e ele precisava recuperar as forças antes de partir.

Logo depois, Lamarca tomou uma segunda injeção e tornou a dormir. A partir daquele momento, sem sentir mais falta de ar. Quando acordou, chamou Zequinha para conversar. Insistia na necessidade de irem embora. Zé Guarani aconselhou para ficarem mais um dia em sua casa. Ele fez ver que seria melhor partirem, até para proteger e preservar a integridade física das pessoas da casa. Explicou direitinho o que a Repressão fazia com



aqueles que davam abrigo a gente como eles. Portanto, seria melhor não contar nada a ninguém, senão estariam se arriscando a sentir na própria pele as consequências da tortura.

Foi aí que se estabeleceu uma discussão acirrada entre os dois hóspedes. Zequinha dizia que seria mais fácil pegar um carro na pista do que ir procurar um médico. Lamarca rechaçava a idéia argumentando que, naquela altura, todos os carros já estavam sendo revistados. O Capitão teimava na deliberação de ser atendido por um médico em Ibotirama e depois descer o Rio São Francisco, até Xique-Xique. A teimosia do doente venceu a discussão. Restava então traçar o roteiro da longa caminhada através dos carreiros na caatinga e nos grotões. O primeiro lugarejo a alcançar, mata a dentro, seria o Cai Água.

No mesmo dia em que os fugitivos se preparavam para deixar o Brejo Grande, muitas equipes da Operação Pajussara estavam batendo em retirada da região de Brotas de Macaúbas. Era praticamente uma semana de buscas, sete dias de frustração. Os agentes já estavam desanimados. Sergio Fleury asseverava que os dois terroristas já haviam escapado e não valia mais a pena continuar as operações na caatinga. Além de tudo, estava difícil para o major Nilton Cerqueira manter sua autoridade de comandante. Ninguém obedecia ao seu comando. Cada um queria agir por conta própria. O desentendimento chegou a ponto tal que a 6ª Região Militar mandou retirar seus homens. Ficaram em Brotas apenas informantes bem pagos e instruídos.

Na madrugada do dia 2 de setembro, Zequinha e Lamarca reiniciaram sua difícil jornada. Agradeceram pela acolhida e se despediram de Zé Guarani e de dona Joaquina. O anfitrião conseguiu um guia chamado Chico Velho para conduzi-los naquele primeiro trecho. Presenteou o Capitão com um par de

alpercatas de couro com solado de borracha. A esposa, por sua vez, preparou uma vasilha de paçoca de carne seca para a viagem.

Ao meio dia, quando eles almoçavam no rancho de Pedro Mandú, no Cai Água, passou um helicóptero e ficaram observando toda a sua trajetória. Depois do almoço, foi tempo de tirar um cochilo, e botaram novamente o pé na estrada para alcançar o Retiro antes de o sol se pôr.

Antes das nove horas da noite, eles já estavam agasalhados, dormindo embaixo de uma mongubeira, no terreiro da casa de dona Odete, no lugarejo chamado Boa Esperança. Haviam chegado ali cerca de uma hora antes. Quiseram saber da dona de casa se havia alguma venda no lugar onde pudessem comprar um pacote de biscoitos. A mulher respondeu que não. Mas ia preparar, com todo gosto, uma chocateira de café e alguns beijus pra eles. Depois do jantar, disseram que estavam voltando do garimpo no Cai Água e indagaram se por ali chegariam a Ibotirama. A mulher lhes disse que sim. Recusaram a oferta de camas para dormir. Preferiram passar a noite embaixo da árvore, pois planejavam botar os pés na estrada ainda de madrugada.

Nessa caminhada, eles passaram pelo povoado chamado Arame e seguiram direto para o Boqueirão. E, antes mesmo de o relógio marcar dez horas da noite, do dia 4 de setembro, Zequinha e Lamarca já se achavam nos arredores de Ibotirama.

Mestre, que dizes da Rebelião?

A vida sem Rebelião é como as estações sem a primavera. Deus deu-nos a liberdade para dela fazer uma sombra da escravidão? Quem apaga o fogo do seu espírito com as próprias mãos é um infiel aos olhos do Céu porque é o Céu que atea o fogo que arde em nosso espírito. Quem não se rebela contra a opressão está sendo injusto consigo mesmo!\*

### **A profecia será consumada e revelada por inteiro**

Já se contava por meses, a permanência de Daniela em Ibotirama. E, a cada dia que passava, acumulavam-se os afetos de Noel Serafim pela moça. Deixara para trás aquele entusiasmo momentâneo característico das novidades e estava a ponto de se embrenhar de vez na armadilha da paixão.

Deu-se então que, no início de setembro, por força das circunstâncias, esses assuntos do coração foram deixados meio de lado. De repente, Ibotirama achou-se tomada de assalto por uma tropa do Exército Brasileiro. Tendo a Pensão de dona Angélica como quartel-general, os homens passaram a esquadriñar os

quatro cantos do Lugar na busca de Zequinha Barreto e de Carlos Lamarca. Os agentes da repressão estavam bem instruídos sobre a presença dos fugitivos nas vizinhanças e se aboletaram na cidade.

Envolvidos até o pescoço nessa história, por conta da escrita do livro, Daniela, Noel e Manuca, volta e meia se reuniam, para longas confabulações.

- Mesmo em meio a todo esse rebuliço que tumultua a rotina de nossas vidas, eu e o Manuca desencavamos pelo menos uma boa notícia que lhe interessa, em particular, Dani!

- Que novidade é essa, Noel?

- Finalmente conseguimos saber do paradeiro de Ciro Ventura! A barca que ele pegou aqui, na noite da morte de Pedro Sassarico, está ancorada na Boca da Barra. Fomos lá tentar cavar alguma informação e conseguimos. Um dos tripulantes nos afiançou que o casal fujão só foi saltar em terra, naquela feita, na cidade de Xique-Xique. E mais, ele acha que o rapaz ainda continua por lá.

Enquanto falava, Noel observava o semblante de Daniela. Em nenhum momento sentiu brilho nos olhos dela. Nem se moveu um único músculo de seu rosto. O rapaz ficou muito contente, em seu íntimo.

- Eu já lhe disse, companheiro, este é assunto que já faz parte do meu passado. Um sujeito que tem namorada firme e foge com uma mulher do cabaré!...Convenhamos!...

- Continuo apostando que há algo muito errado nessa história. Aquela atitude não combina com Ciro...

- Noel, esqueça isso e vamos nos concentrar no assunto que mais nos interessa no momento!

- Como quiser!

- Antes desse papo enfadonho, você ia me dizendo que está preocupado...

- O mais correto é dizer que estou apavorado! Veja você, eu já carrego esta última carta do Velho Boa aqui comigo, no bolso. Fiz mais, guardei os escritos do meu livro na casa de um amigo. Os homens do governo estão invadindo as residências de parentes e amigos de Zequinha Barreto, reviram tudo e examinam objeto por objeto. Ontem mesmo estiveram em minha casa e remexeram em todas as coisas. Consegui salvar esses documentos, por milagre!

- Que coisa horrórosa!

- Já pensou se nossos escritos caíssem nas mãos dos tiras! Neste momento estaríamos todos em cana!

- É verdade, Noell! Daqui pra frente temos que redobrar os cuidados. Vou lhe dar meus cadernos pra você levar e guardar na casa desse seu amigo.

- Você sabia que um senhor da cidade, de tanto assobiar a música “Mulher Rendeira”, na madrugada de ontem, ficou com o beijo inchado?

- Que história estranha! O cara tava pagando algum tipo de promessa?

- Seria bem melhor se estivesse, mas não era promessa. Os homens do Exército o forçaram a assobiar a dita melodia!

- Como assim?

- É um acontecido, no mínimo, esquisito. Veja você: Dr. Armindo Olímpio de Souza é o único médico do Lugar...

- Eu já o conheço.

- Ele esteve ontem à noite na Pensão de dona Angélica. Foi entregar ao comandante da tropa, ali hospedado, uma carta

que acabara de chegar às suas mãos. Disse ter recebido, minutos antes, a visita de um senhor bem trajado, em sua residência, na Rua do Quebra Perna, que se apresentara como sendo Carlos Lamarca. Dr. Armindo acrescentou que o visitante pediu ajuda para seu companheiro que estava escondido num beco escuro próximo, muito doente, e precisava de atendimento médico. Supondo se tratar de uma cilada, o dono da casa se recusou acompanhá-lo. O visitante noturno, antes de se despedir, entregou-lhe a dita carta, supostamente escrita por Zequinha Barreto, saiu se esgueirando pelo beco e desapareceu na escuridão da noite. O doutor, aventando a possibilidade de estar sendo submetido a uma espécie de teste pelos homens do governo, foi imediatamente entregar o escrito na Pensão de dona Angélica.

- O que dizia a carta?

- Na missiva, Zequinha pedia para o médico ir ter com ele nos arrecifes da beira do Velho Chico, cerca de meio quilômetro ao norte da cidade; mais precisamente, pouco abaixo da ponta do cais. A senha para o contato seria cada um assobiar a música “Mulher Rendeira”.

- Os militares levaram então o doutor para assobiar na beira do Rio?

- A bem dizer, não! Veja qual o motivo: Arsênio de Araújo Barreto, primo de seu Zé Barreto, possui uma roça chamada Lagoa Seca, a um quilômetro de Ibotirama, na direção da estrada de Bom Jesus da Lapa. Na tardezinha de anteontem, Zequinha e Lamarca apareceram nessa propriedade, já meio estropiados de longa caminhada. Conhecido de Zé Vaqueiro, o homem que toma conta do lugar, Zequinha perguntou se ele tinha alguma comida pronta em casa.

- Moço, só tem aí um feijão meio maleitoso.

- Nós queremos assim mesmo.

- O homem fez os pratos e entregou aos dois andarilhos famintos que começaram a comer depressa, em pé mesmo. No final da refeição, ouviu-se o barulho do motor de um carro. O automóvel apontou na estrada, foi se aproximando, parou a pouca distância da casa. Alertas, logo que ouviram o ronco do motor, os fugitivos foram se afastando do local e ficaram observando de um corredor próximo. Zé Vaqueiro, notando que Lamarca e Zequinha ainda estavam no seu campo de visão, cuidou de entreter os ocupantes do veículo - o soldado "Governo" e dois elementos da repressão - para que não olhassem na direção do corredor. Se o fizessem, fatalmente enxergariam os dois.

- Que sufoco!

- O pior aconteceu depois. Da Lagoa Seca, eles seguiram direto para Ibotirama e encontraram a cidade já no escuro. Na casa de seu Arsênio, um facho de luz do candeeiro saía pela porta da rua, costumeiramente aberta, e alcançava uma mongubeira, em frente.

- Alguém da vizinhança viu Zequinha e Lamarca atravessarem aquele facho de luz e imaginou que eles haviam entrado na moradia. Imediatamente avisou na Pensão de dona Angélica. Em poucos minutos a casa já estava cercada pela tropa do Exército. Os moradores da casa foram retirados um a um e tiveram que dormir na residência de parentes.

- Tensão, tomadas de posição, holofotes, armas engatilhadas. Iniciou-se a preparação para bombardear a casa. De repente, chegou alguém, esbaforido, e gritou para os tiras:

- Eles já estão na casa de seu João de Carlota, no outro lado da cidade!

- Quem é esse cara, Noel?

- João Rodrigues Coelho, mais conhecido como João de Carlota, é o tabelião do município e amigo de Zequinha Barreto.

- O que aconteceu depois?

- Os fugitivos não estavam mais na casa do notário quando os homens do governo lá chegaram. Como consolo, eles acharam a pessoa que procuravam para obrigar a assobiar na beira do Rio.

- Com o passar dos dias, os homens da repressão já colecionam uma série de fiascos nessa operação na cidade. Não satisfeitos, agora cismaram de levar Dolé, a pulso, para fazer serenata, como estratégia de atrair Zequinha Barreto, seu maior amigo. Enquanto o seresteiro é obrigado a se esgoelar na escuridão da noite ibotiramense, já se sabe que os dois fugitivos se encontram bem longe daqui.

Com efeito, por alguma razão, Lamarca e Zequinha decidiram retornar à região de Brotas de Macaúbas. No dia 6 de setembro, atravessaram o Rio Paramirim na Passagem da Manga, para fazer praticamente o mesmo percurso de volta.

Enquanto os dois se movimentavam nos brejos, na caatinga e nos grotões, finalmente, chegou o dia tão esperado para abertura do último envelope enviado por Boaventura dos Santos para Noel Serafim. De manhãzinha, Daniela, Noel e Manuca já se achavam reunidos, ansiosos para abrir o envelope.

- Finalmente vai ser revelada a predição do Profeta do Jordão, Dani!

- Abre logo aí, vai!

Noel rompeu o envelope com as mãos trêmulas, catou a folha lá dentro, desdobrou ansiosamente o papel e grudou os olhos no escrito. Manuca e Daniela logo perceberam a decepção se estampando no rosto do companheiro, à medida que lia a carta.



*Meu caro Noel,*

*Diferentemente do que você estava imaginando, este não é meu último escrito.*

*Sei que este bilhete vai frustrar sobremaneira suas expectativas. Mas, em verdade, asseguro que tudo se dará como foi vaticinado.*

*A bem dizer, minha última mensagem você receberá no dia 17 de setembro, em Ipujiara.*

*Naquele lugar se romperá o último véu dessa história e a profecia será consumada e revelada por inteiro.*

*Sem mais,  
receba as saudosas bênçãos  
de seu eterno amigo*

*Boaventura dos Santos*

# 39

Mestre, gostaríamos de interrogar-te um pouco mais a respeito da Morte!

Lembrai-vos disto: somente aqueles que permaneceram empedernidos diante do Templo da Vida, e nunca regaram a terra com uma gota do suor de seu rosto, merecem lágrimas e lamentações quando partem. Se desejais honrar o laborioso, ofereci à sua alma abençoada um hino de orações e agradecimentos, não chorosos cantos fúnebres e lamentações.\*

## **“Capitão, os homens estão aí”!**

Estava-se em 7 de setembro de 1971, e a Ditadura Militar demonstrava toda sua força em desfiles apoteóticos pelo Brasil afora. Enquanto isso, no maltratado agreste baiano, seu José de Araujo Barreto fazia um triste balanço dos últimos acontecimentos envolvendo sua família: Otoniel fora barbaramente assassinado; Olderico continuava preso em Salvador; o que restava do seu núcleo familiar no Buriti Cristalino era vigiado diuturnamente, embora ele não estivesse mais sob tortura. Quanto a Zequinha Barreto...

Bem, nesse dia de comemoração da independência do país, começaram a espocar os primeiros rumores dando conta da presença de Zequinha e Lamarca na região de Brotas de Macaúbas e Ipupiara. As autoridades locais entraram em pânico, temendo um ataque iminente dos “terroristas”. A 6ª Região Militar de Salvador era a única tábua de salvação. Por telefone, de Itaberaba e pelo rádio da Mineração Boquira, trataram de transmitir a notícia imediatamente ao comandante daquela unidade do Exército, General Argus Lima. Este, sem demora, ordenou a volta de sessenta e três homens para a região, novamente comandados pelo major Nilton Cerqueira.

Em 14 de setembro, os fugitivos prosseguiram em sua penosa caminhada, numa rota pelo norte do município de Brotas de Macaúbas. Passaram se esgueirando pelo povoado de Carnaúba e seguiram em frente.

Nesse trajeto, Zequinha foi visto já amparando seu companheiro, bastante debilitado. Carlos Lamarca, doente e não habituado à aspereza do ambiente da caatinga, deu-se por vencido. Alguns lavradores escutaram quando o Capitão implorou ao companheiro Zequinha para deixá-lo ali mesmo e tratar de continuar sozinho. Dizia que, pelo menos ele, ainda podia se salvar. No seu caso, nada mais havia que pudesse ser feito. Os lavradores também ouviram o filho de seu Zé Barreto responder com muita convicção:

- “Quem é amigo na vida é amigo na morte”!

Os sessenta e três homens da repressão chegaram e não perderam tempo. Prepararam a base operacional, formaram as equipes de buscas e se embrenharam no mato.

Em 15 de setembro, já havia sinais evidentes de que os fugitivos estavam no município de Ipupiara. Um oficial do

Exército esteve na sede da municipalidade e requisitou o Centro Espírita dirigido por seu Clementino para uma base de apoio.

Na tarde do dia seguinte, Daniela, Manuca e Noel Serafim, alugaram um carro e partiram para aquela cidade na expectativa de lá receberem a última mensagem do Velho Boa. Mesmo antes de penetrar no município de Ipujiara o carro em que viajavam já havia sido interceptado duas vezes pelas patrulhas da Repressão. Na última blitz, Noel foi obrigado a mostrar sua carteira de identidade para provar que era filho do Lugar e, portanto, tinha motivos para estar naquele roteiro.

Já exaustos e sentindo muita sede, os três viajantes decidiram fazer uma rápida parada num boteco de Sodrelândia para tomar água e estirar as pernas. Ali, suas atenções foram despertadas por uma curiosa roda de conversa, no interior do bar. Um senhor, na casa de seus 80 anos, falava sobre fatalidade.

- O senhor acha então que é sina de nossa gente, de tempos em tempos, experimentar na própria pele a desgraça, seu Jeremias?

- Sim, meus filhos, vejam aí as bestas-feras de volta! As bestas-feras estão de volta! Em dezenove, eu morava no Pega e presenciei coisas que até Deus duvida. Naquele tempo, vi, com estes olhos que a terra há de comer, gente ser esquarterada e dependurada em mourão de cerca.

- Como foi isso, seu Jeremias?

- Na famosa batalha do Pega, meus filhos. A jagunçada de Horácio de Matos enfrentando os homens de Militão Coelho, em briga de ferro e fogo. Era tanta gente morta que nem urubu dava conta dos cadáveres. Em vinte e quatro vieram os revoltosos e deixaram um rastro de destruição. Depois de velho, vejo as bestas-feras, de novo, espalhando a desgraça e a morte no sertão,

igualzinho em tempo de outrora. Isso é coisa do cramunhão, do arrenegado. É o fim dos tempos, meus filhos!

- Que papo estranho, Dani!

- Veja como estou toda arrepiada, Manuca!

Noel chegou a Ipujiara alimentando a esperança de que Ciro Ventura tivesse endereçado algum envelope de Boaventura dos Santos pelos Correios. Lá nada encontrou postado em seu nome.

Entrou o dia 17 de setembro com o calor subindo despropositadamente. Já se contavam seis meses sem cair um pingo de chuva na caatinga. Zequinha e Lamarca experimentavam o desconforto em todos os seus sentidos. Para onde olhassem o que viam era aquele trivial de paisagem: galharia despida e empoeirada de juremas e angicos, a perder de vista, sobre um chão recoberto de pedregulhos e de folhas esturricadas. O pouco vento que soprava era quente como as pedras nuas dos morros em volta. Os ardentes raios do sol tremiam feito labaredas, fazendo aumentar a impressão de bocas secas. Aqui e ali, sentiam a fedentina de carniça de algum animal morto pela longa estiagem. Ao meio-dia, zuniam as cigarras acentuando a impressão ardente. Quando o sol começou a descambar para o ocaso, sentiram uma sensação de desamparo, de solidão ao escutarem a rolinha fogo pagô, com seu canto triste, melancólico, em tom menor: fogo pagô... pagô... pagô... pagô...pagô... Era um mau agouro. Já se encontravam nas proximidades do povoado de Pintada. Procuravam desesperadamente uma árvore frondosa para se proteger da inclemência do tempo e aliviar o cansaço. Conseguiram encontrar apenas um solitário pé de baraúna, com sua sombra escassa. Ali ficaram repousando.

Nessa operação, o major Nilton Cerqueira dirigia a “Equipe Cão”, formada de 5 elementos: Dalmar Caribé, cabo do DOI-CODI, um sargento da Aeronáutica, um sargento do Exército, soldado Jesus da PM baiana, mais um militar. Na manhã de 17 de setembro, Genésio Nunes de Araújo, carcereiro da Delegacia de Brotas de Macaúbas, que servia de guia para a equipe, descobriu pegadas de duas pessoas, perto de Pintada. Eram rastros de sapatos e de sandálias.

O major Cerqueira não deu muita importância ao fato, seguindo em frente. Minutos depois, resolveu voltar e observar melhor aquelas pegadas. Deixou o motorista Nicolau Santos Dantas, da Mineração Boquira, tomando conta dos veículos: uma C-14 e duas veraneios. Em companhia do cabo Dalmar, o comandante saiu para observar os arredores.

Já passava das duas horas da tarde quando Juraci Souza voltava de Pintada para casa. No caminho, percebeu os dois homens estranhos embaixo da baraúna. Um deitado, o outro sentado. Sabedor de que o Exército procurava na região dois elementos perigosos, deu meia volta e foi procurar Claudemiro Pacheco, que já era informante da Repressão desde quando as tropas vieram pela primeira vez. Juraci e Claudemiro localizaram o motorista e informaram sobre a presença dos estranhos perto dali. Ao se aproximar o suficiente para enxergar os dois vultos, de longe, Nicolau apavorou-se. Excitado, retornou para junto dos veículos e, pelo rádio, avisou ao comandante:

- “Major, os homens estão aqui”!

Nilton Cerqueira, de imediato, dividiu sua equipe em dois grupos. Foi avançando pela caatinga com Dalmar Caribé, mais o sargento da Aeronáutica. Este último, amedrontado,

descontrolado, desatento, pisou num galho ressecado que estalou, o suficiente para acordar Zequinha Barreto do seu cochilo:

- “Capitão, os homens estão aí”!

Antes de Zequinha completar a frase, Lamarca já era atingido pelo primeiro tiro disparado por Caribé. O Capitão nem teve tempo de reagir. No mesmo instante, uma rajada de metralhadora cortou seus intestinos. Morreu deitado.

Excitado, o major Cerqueira ficou berrando: “Eu matei, eu matei”!

Zequinha ainda teve tempo de se levantar e sair correndo. Desesperado, jogou uma pedra na direção de Dalmar Caribé que corria atrás dele, atirando. Tombou gritando:

- “Abaixo a ditadura”!

# 40

Mestre, que dizes dos Mártires das Leis dos Homens?

Estais bebendo da água turva, à qual se misturam sangue e lágrima? Posso confortar-vos, caros desamparados, assegurando que há um Grande Poder por trás e além deste mundo de matéria, um poder que é todo Justiça, Perdão, Piedade e Amor. Eu vos tomarei sob minha proteção, meus irmãos aflitos, eu vos amo e desprezo vossos opressores!\*

## **O presente não repetiu o passado?**

Em Ipupiara, de tardezinha, Noel já estava desesperado. Havia ficado de plantão o dia inteiro na agência dos Correios e nada de chegar correspondência para ele. Era preciso aliviar as tensões. Chamou os companheiros de viagem e saíram os três para prostrar na residência do amigo Clementino. Quando estavam no meio de uma conversa sobre mediunidade, perceberam que um veículo do Exército estancara em frente da casa. O anfitrião foi atender. Havia tristeza na expressão de seu rosto quando retornou.



- Era o oficial que anteontem esteve aqui e requisitou o Centro Espírita para uma base de apoio. Só veio agora agradecer e informar que não vai mais precisar do local. Disse que o problema fora resolvido.

- Meus irmãos, é com muito pesar que trago a triste notícia de que a Repressão acaba de assassinar Zequinha e Lamarca, em Pintada, um povoado do nosso município. Os corpos deles eu pude ver no fundo do carro.

Enquanto ouvia a estarrecedora notícia, Daniela baixou a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas.

Clementino, profundo conhecedor que era das questões do mundo espiritual, ao lançar os olhos na direção de Daniela, sentiu a presença de entidades desencarnadas desejosas de se manifestarem. Ponderou então que deveria experimentar, sem demora, as faculdades mediúnicas da irmã visitante. Por isso, fez o convite:

- Gostaria de contar com vocês, hoje à noite, no Centro Espírita Viajores do Infinito para orarmos por esses espíritos que desencarnaram nas circunstâncias já conhecidas. A presença da moça Daniela será muito importante para todos.

- Pode contar comigo, seu Clementino.

Mais tarde, outro carro parou na frente da casa. Dessa vez, Noel saiu atrás do anfitrião para observar de quem se tratava.

- Ciro Ventura!!! Não é possível! Você por aqui?

- Como vai, Noel?

- Seus olhos estão muito vermelhos! É da viagem ou andou chorando?

- Estou acabando de chegar de Brotas de Macaúbas onde presenciei uma cena horrórida! Tão dantesca que jamais vai sair de minha cabeça. Estavam lá os corpos de Zequinha e de Lamarca

jogados, hoje à tarde, no campo de futebol do Lugar para todo mundo ver. Impotente, assisti o cabo Dalmar Caribé chutar as costas do cadáver do meu amigo. Chutava e gritava: “Neste, acertei um tiro”. A multidão observava a algazarra dos tiras se divertindo, dando pontapés nos defuntos, gargalhando, descontrolados. Disparavam rajadas de metralhadoras para o céu. Os conterrâneos de Zequinha Barreto ali, abismados, vendo o filho da terra, amigo de todo mundo, sendo chutado na cabeça pelos brutamontes. Muitas pessoas presentes, mesmo atemorizadas, não se contiveram e choraram. Eu também chorei.

- Que horror!

- Daniela?... O Ciro... Cadê a Dani?

- Ela está aqui com vocês?

- Está. E parece que quer ver o cão e não quer ver você!

Tudo por causa de sua fuga do CPS com a Ana Cléia!

- Ah! Então é isso! Tudo vai se esclarecer. Vamos ver onde a fujona se meteu!

De fato, Daniela avistou Ciro saindo do carro, se retirou de mansinho e foi chorar no quarto do hotel. A muito custo, os três rapazes conseguiram persuadir a moça a abrir a porta.

- Dani, o que mais quero agora é esclarecer todo esse mal-entendido. Senta aqui que vou lhe contar o episódio mais triste de minha vida. Só peço, pelo amor de Deus, pra não me interromper.

- Não quero ouvir! O que você fez não tem explicação!

- Daniela, deixa o cara se explicar! Ele tem o direito de se defender.

- Quando fui sorteado para ter Ana Cléia na cama, naquele fatídico dia da morte de Pedro Sassarico, já entrei no quarto com

um pressentimento ruim. No momento em que tiramos as roupas e ficamos de frente um do outro, quase houve um desmaio duplo. Ela olhando pro meu sinal de nascença, eu olhando pro sinal de nascença dela. Os sinais eram exatamente iguais e na mesma posição da virilha. Nos vestimos apressadamente. Aí, eu comecei a fazer perguntas sobre sua origem: local de nascimento, nome do pai e características físicas. Tudo, tudo, tudo batia. Não restavam dúvidas, Ana Cléia era minha irmã!

- Ficamos ali no quarto sem saber que atitude tomar. De repente, ouvimos alguém gritando alguma coisa sobre a morte de Pedro Sassarico. O cabaré esvaziou e pudemos então sair sem ser notados. Fui a Xique-Xique para obter as provas definitivas de nosso parentesco. Lá, encontrei meu pai na mais absoluta miséria. Passei esse tempo todo tentando dar um pouco de estrutura ao que restara da minha família. Nunca mais voltei a Ibotirama para não passar vexame. Com que cara eu ia chegar àquela cidade e dizer que a garota que arranquei do cabaré era minha irmã? Daí o meu sumiço!

Noel Serafim, vendo os namorados se reconciliarem, no seu íntimo, ficou morrendo de ciúmes. Para não ter que presenciar o casal, ali mesmo, recuperar o tempo perdido, saiu e foi andar a esmo com o Manuca.

De noite, no Centro Espírita, enquanto todos oravam pelas almas de Zequinha e de Lamarca, o pensamento de Noel, distanciado, volta e meia insistia em se fixar na última mensagem do Velho Boa que não chegara. De súbito, Daniela entrou em transe. Pediu lápis e papel, começou a escrever. Parecia que a mão da moça trabalhava independente de sua vontade. Terminada a escrita, levantou a folha e entregou maquinalmente para Noel Serafim. Este, ao botar os olhos no papel, não se conteve:

- Inacreditável! É a letra do Velho Boal! É a última mensagem do Velho Boal!

- Leia pra todo mundo ouvir, Noel!

*Meu jovem Noel,*

*Chegou finalmente o momento de você receber a minha última mensagem desse plano. Acaba de se romper o derradeiro véu de sua história. A profecia foi consumada e será aqui revelada por inteiro.*

*Em verdade, eis a predição dada para revelação: Zequinha Barreto e Carlos Lamarca representaram, em vida, as novas existências corporais dos espíritos desencarnados dos coronéis Horácio de Matos e de Militão Rodrigues Coelho.*

*Seguindo a rota de aperfeiçoamento e purificação, esses espíritos retornaram ao plano terrestre para cumprir três finalidades: a) expiação - remir, resgatar e pagar; b) prova - acelerar a purificação através do sofrimento; c) missão - tarefas cumpridas por esses espíritos reencarnados. Por isso, os dois tiveram esse fim trágico, como amigos.*

*Contudo, diferentemente do que muitos possam imaginar, seus martírios não foram em vão! A notícia de suas mortes correrá o mundo e a repercussão fará desencadear um processo de insatisfação generalizada contra o Regime Militar. Esse descontentamento geral será uma espécie de salvo-conduto que colocará o Brasil de volta nos trilhos da democracia.*

*Para os céticos, gente que não acredita na doutrina espírita e nos meandros do além, eu destrincho essa profecia descendo às coisas terrenas, perguntando:*

*O que são hoje Sergio Fleury e o major Nilton Cerqueira senão a versão institucionalizada dos coronéis Militão Rodrigues Coelho e Horácio de Matos? Aqueles, nesses dias, como estes, outrora, não semearam o mesmo*

*terror e espalharam igualmente a morte entre os homens sofridos dessa região? Não fica evidente que o poder de hoje é o mesmo poder de ontem? E, nesse caso, o presente não repetiu o passado?*

*Isso é tudo que me foi facultado lhe dizer a respeito desse assunto.  
Sem mais,  
receba as saudosas bênçãos  
de seu eterno amigo*

*Boaventura dos Santos*

*Ps. Tudo isso será confirmado por um espírito mais adiantado.*

- Que final surpreendente, Noel!
  - É realmente extraordinário, Manuca! Mas, ainda fica essa pendência do Post Scriptum!
  - Não!
  - Como não, Daniela?
  - Você se lembra que eu lhe disse que já sabia o final da história?
  - Ah! Estou me lembrando, sim! Inclusive, você falou que ia botar no papel para depois compararmos com este desfecho.
  - Foi o que tentei fazer. Peguei caneta e papel e me senti para escrever o que tinha em mente. De repente, sem que percebesse, entrei em transe. Minha mão trabalhava independente de minha vontade. Naquele momento, descobri que eu era uma médium psicógrafa mecânica. O espírito havia ditado pra mim o final de sua história. Veja isso!
- Ela meteu a mão na bolsa e retirou de lá uma folha de papel.

Noel botou as duas folhas em sua frente e comparou as duas cartas.

- Espantoso!!! Reparem! As duas cartas possuem teor idêntico. Só percebo entre elas três diferenças: nas caligrafias, nos post scriptuns e nos remetentes.

- O que diz o post scriptum desta missiva, Noel?

- Diz o seguinte: “Quanto à profecia do Grande Almanaque Capivarol, afirmo que toda sua geração ainda vai lidar muito com esse tipo de invento”.

- Portanto, não resta dúvida, o espírito mais adiantado na purificação é quem assinou esta carta: **O Profeta do Jordão!**

## Bibliografia

N.A. \* Todos os textos das cabeças de capítulos foram extraídos dos livros de Gibran Kahlil Gibran:

**A Voz do Mestre** - 2ª edição - Editora Record - 1968

**O Profeta** - Ass. Cultural Int. Gibran - 1973

**Os Mais Belos Pensamentos de Gibran** - Ass. Cultural Int. Gibran

**A Sabedoria de Gibran** - 3ª Edição - Editora Record - 1966

## Referências

**Foram consultadas as seguintes obras para compor este romance:**

JOSÉ, Emiliano; MIRANDA, Oldack. Lamarca, O Capitão da Guerrilha. 7ª edição. São Paulo: Global Editora, 1981.

NAVARRO JR., Jesse. A voragem dos Moribundos. São Paulo: Editora Vanguarda, 1978.

CRUZ, Carlon C.. Pelos Caminhos Oliveiranos. Oliveira dos Brejinhos: Edição do Autor, 2007.

**Contatos com o autor:***Telefones*

031 77 3698 2468

031 71 32472615

*E-mails*[carlosaraujomonteiro@bol.com.br](mailto:carlosaraujomonteiro@bol.com.br)[carlosaraujomonteiro@yahoo.com.br](mailto:carlosaraujomonteiro@yahoo.com.br)[carlosaraujomonteiro@ig.com.br](mailto:carlosaraujomonteiro@ig.com.br)[carlosaraujomonteiro@hotmail.com](mailto:carlosaraujomonteiro@hotmail.com)

“CARLOS ARAUJO, de Ipupiara(antigo Fundação ou Jordão), Bahia, 22.06.1947, escreveu, entre outros, “MILAGRE NA CHAPADA-ROMANCEIRO DA CHAPADA DIAMANTINA” - romance, São Paulo, Scortecci, 2005; “O DONO DO SANTO DA CHAPADA - romance”, São Paulo, Scortecci, 2007. Filho de Antonio Araújo e Maria Monteiro. Neto, pelo lado materno, de Antonio Pita Monteiro que foi o



fundador e músico da Filarmônica de Jordão de Brotas. Pelo lado paterno, é bisneto do famoso Padre Carrilho de Brotas de Macaúbas. Alfabetizado na Escola Batista de Ipujiara. Em 1963, com 16 anos de idade, mudou-se para Ibotirama, nas barrancas do Velho Chico (Rio São Francisco).

Formou-se contador. Mediante Concurso Público, tornou-se funcionário do Banco do Brasil, tendo tomado posse na cidade de Pedreiras, no Maranhão, em 1973. Foi professor do ensino médio e do primeiro grau, estando hoje aposentado. Foi um dos criadores do FEMPI - Festival de Música Popular de Ibotirama que, em 2008, completou 32 anos de existência. Membro fundador e primeiro presidente da Associação de Cultura e Arte de Ibotirama – ACARI.

Em parceria com Lamartine Araujo, publicou também IBOTIRAMA CAPITAL CÉU (2002). Editou, igualmente, IBOTIRAMA E AS CANÇÕES DE AGOSTO(2003), em parceria com Edson Ferreira e Edvaldo Pereira, com o patrocínio da Secretaria da Cultura do Estado da Bahia. Apesar de sua importância, não é estudado na ENCICLOPÉDIA DE LITERATURA BRASILEIRA, de Afrânio Coutinho e J. Galante, edição do MEC, 1990, com revisão de Graça Coutinho e Rita Moutinho, em 2001 ou DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO, da Fundação Getúlio Vargas e nem é referido, em nenhuma das enciclopédias nacionais, Delta, Barsa, Larousse, Mirador, Abril, Koogan/Houaiss, Larousse Cultural, etc..

É verbete do DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO REGIONAL DO BRASIL, de Mário Ribeiro Martins, via INTERNET, dentro de ENSAIO, no site:

[www.usinadeletras.com.br](http://www.usinadeletras.com.br), ou [www.mariomartins.com.br](http://www.mariomartins.com.br)”

Igualmente é verbete do DICIONÁRIO DE AUTORES BAIANOS - Salvador, 2006.



Impressão e Acabamento:

**Gráfica Scortecci**

Telefax: (11) 3815-1177

[www.graficascortecci.com.br](http://www.graficascortecci.com.br)

[grafica@graficascortecci.com.br](mailto:grafica@graficascortecci.com.br)